

ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
DOUTORADO EM FILOSOFIA

OLGA NANCY PEÑA CORTÉS

A CONCEPÇÃO DE SER HUMANO NA OBRA DE PIERRE BOURDIEU:
uma contribuição à filosofia contemporânea

Porto Alegre
2021

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA**

**A CONCEPÇÃO DE SER HUMANO NA OBRA DE PIERRE BOURDIEU:
uma contribuição à filosofia contemporânea**

Porto Alegre

2021

Ficha Catalográfica

C831c Cortés, Olga Nancy Peña

A concepção de ser humano na obra de Pierre Bourdieu : uma contribuição à filosofia contemporânea / Olga Nancy Peña Cortés. – 2021.

141f.

Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Norman Roland Madarasz.

1. Ação. 2. Agente Social. 3. Construtivismo. 4. Ser humano. I. Madarasz, Norman Roland. II. Título.

OLGA NANCY P. CORTÉS

A CONCEPÇÃO DE SER HUMANO NA OBRA DE PIERRE BOURDIEU:
uma contribuição à filosofia contemporânea

Tese apresentada como requisito para a obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Área de Concentração: Ética e Filosofia Política.

Orientador: Prof. Dr. Norman Roland Madarasz

Porto Alegre

2021

OLGA NANCY P. CORTÉS

A CONCEPÇÃO DE SER HUMANO NA OBRA DE PIERRE BOURDIEU:

uma contribuição à filosofia contemporânea

Tese apresentada como requisito para a obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Área de Concentração: Ética e Filosofia Política.

Aprovado em: ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Enio Passiani - UFRGS

Prof^a. Dr^a. Mônica de la Fare - PUCRS

Prof. Dr. Luis Carlos dos Passos Martins – PUCRS

Prof. Dr. Ricardo Timm de Souza – PUCRS

Porto Alegre

2021

*Àqueles(as) que,
no anonimato de suas vidas
constroem o mundo social diariamente.*

*Dentre muitos,
minha mãe Maria Teresa;
meus irmãos, Margarita Alexandra e João Francisco.*

*À memória
daqueles(as) que o construíram
com mãos firmes, humildes e sábias.*

*Dentre tantos,
minha vó Maria Margarita; meu pai Juan Bautista.*

AGRADECIMENTOS

O ato de agradecer é um ato especial, um ato diferenciado e carregado de sentimentos. O ato de agradecer demarca o fim de um ciclo no interior de um novo início. Por que agradecer? A quem fazê-lo? De que maneira? São perguntas que se instauram sempre que somos convocados a fazê-lo. Aparentemente é um ato formal acadêmico que guarda desafios próprios com os quais há que se lidar. Em tal contexto, agradecer é um ato público de reconhecimento. Portanto, não é um ato banal. Considerando que somos a soma das relações que tecemos e entretecemos ao longo dessa caminhada, nomear alguns e algumas é destacar sem esquecer o empenho de tantos outros e outras que fizeram parte direta e indiretamente desta trajetória.

Àqueles que impulsionam o espaço universitário cotidianamente com o cuidado aos espaços físicos e administrativos, assim como agradeço os muitos momentos de encontros e desencontros, empatias e antipatias, conquistas e frustrações entretecidos nos inúmeros encontros fugidios e fugazes.

Ao coordenador do Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Prof. Dr. Agemir Bavaresco pelo empenho em manter o estímulo ao avanço da pesquisa filosófica em tempos obscuros. Ao corpo docente deste programa, ao qual acrescento o corpo docente da graduação em Filosofia. O somatório de atitudes respeitadas, sérias e incentivadoras lapidou, em grande parte, esta caminhada.

Aos professores avaliadores Prof. Dr. Enio Passiani (UFRGS) e à Prof^a. Dr^a. Mônica de la Fare pelo pronto aceite ao convite realizado; ao Prof. Dr. Luis Carlos P. Martins pela participação nas bancas de mestrado, de qualificação e de defesa desta tese e, especialmente, ao Prof. Dr. Ricardo Timm igualmente pela participação na banca de qualificação e de defesa, mas sobretudo, pela sempre acolhida afetiva.

Ao orientador Prof. Dr. Norman Madarasz. Trilhamos juntos, desde a graduação, uma longa jornada marcada pelo respeito à autonomia intelectual, algo necessário para a construção do meu próprio conhecimento. As suas provocações foram as condições de possibilidade que me permitiram chegar até aqui.

Agradeço à secretária Lisiane Ramos do Prado pela disponibilidade e atenção que sempre me dispensou e à amiga secretária ou secretária amiga Andréa Simioni que acompanhou com palavras afetivas grande parte desta jornada.

Um agradecimento especial à hoje amiga Prof^a. Dra. Maria Carolina dos Santos Rocha quem foi a grande responsável por me apresentar a filosofia; sua mão amiga conduziu meus primeiros passos nesse universo complexo do pensamento.

Aos colegas com os quais compartilhei angústias, incertezas, mas também alegrias e conquistas nesse longo período: Régis, Elvis, Jean Farias, Ilka, Leonardo, Isabel Castro, Patrícia Tenório, Talins, Antônio Carlos, Pedro Gregorio. Um especial agradecimento à colega Renata Floriano pelo incentivo constante. Ao Jeverton Soares pelo carinho e sempre disposição em compartilhar seu saber da vida e da filosofia; à amiga de poesia e filosofia Águeda Martinelli e à amiga de estudos e risos Bruna Bortolini, obrigada a vocês pelo entusiasmo e incentivo. As colegas e amigas de outras searas Mara Luiza, Cintia Paes, Stella Maris pelo sempre interesse e apoio. E aos grandes amigos pelo respeito e pela compreensão das muitas ausências em momentos especiais, as suas presenças nas muitas ausências e distâncias sempre fizeram a diferença: Maria Vilda, Bruna, minha afilhada, Marito e Camilo.

Àquelas e àqueles que me delegaram a responsabilidade de cuidar de sua vida emocional, sem seus questionamentos, a filosofia não teria sido um encontro possível.

À equipe do Dr. Brasília, com a qual aprendo a aprender constantemente, a ele especialmente pela oportunidade da convivência, e, sobretudo ao Benja e ao Juninho, dois seres desafiadores com suas discussões e propostas instigantes, mas, acima de tudo, amigos eternos.

Gratidão aos meus pais, Maria Teresa e Juan Bautista (*in memoriam*) e aos meus irmãos Margarita Alexandra e João Francisco pela presença constante, pela amizade, pelo carinho e pelo estímulo incansável quando as forças pareciam se esvaír.

“Ce terrible repos qui est celui de la mort sociale.”

(Esse terrível descanso que é aquele da morte social)

Pierre Bourdieu

RESUMO

Partindo da premissa de que a obra de Pierre Bourdieu é uma obra que pode contribuir para os desafios do ser humano no século XXI, propomos como investigação filosófica destacar de sua obra a concepção de ser humano com a qual opera. Embora Bourdieu não apresente uma conceituação a respeito do ser humano, parte-se do princípio de que todo pensador trabalha com concepções a respeito do ser humano e a respeito do mundo, no caso deste autor, do mundo social. A concepção de ser humano bourdieusiana é o objeto de pesquisa elaborado em quatro capítulos inter-relacionados. O primeiro capítulo parte da premissa que Bourdieu constrói a concepção de ser humano como um ser social a partir de sua perspectiva de vida, uma perspectiva voltada para a ação como categoria relevante na problematização da relação indivíduo e sociedade. Com isso, propomos a reconstrução da trajetória pessoal entrelaçada com a trajetória intelectual bourdieusiana a fim de elencar a concepção de ser humano social. Enquanto ser humano social, propomos apresentar no segundo capítulo, o construtivismo bourdieusiano fundamentado na ação coletiva. Tal proposta questiona a nomenclatura ofertada pelo autor, o estruturalismo construtivista ou construtivismo estruturalista a partir do encontro de Bourdieu com Jean Piaget e Lev S. Vigostki. A partir disso, no terceiro capítulo se impôs como inicialmente necessário demonstrar as diferenças que permitem colocar a não pertinência de entender a teoria bourdieusiana como uma teoria estruturalista. A discussão é com a antropologia estruturalista lévistaussiana com e contra a qual Bourdieu constrói sua teoria. Após isso, o objetivo é demonstrar a articulação dos conceitos de *habitus*, campo e capital no escopo do construtivismo bourdieusiano a fim de finalizar com a concepção de ser humano social como agente social assentado na ação. A proposta doutoral almeja ofertar uma contribuição à pesquisa da obra bourdieusiana e à filosofia contemporânea.

Palavras-chaves: Ação. Agente social. Construtivismo. Ser humano.

ABSTRACT

From the premise that Pierre Bourdieu's work can contribute to the challenges of the human being in the 21st century, we propose as a philosophical investigation to highlight the conception of the human being with which he operates from his work. Although Bourdieu does not present a concept about the human being, it is assumed that every thinker works with conceptions about the human being and about the world, in the case of this author, the social world. The Bourdieusian conception of the human being is the object of research elaborated in four interrelated chapters. The first chapter starts from the premise that Bourdieu builds the concept of human being as a social being from his perspective of life, a perspective focused on action as a relevant category in problematizing the relationship between individual and society. With that, we propose the reconstruction of the personal trajectory intertwined with the Bourdieusian intellectual trajectory in order to list the concept of social human being. As a social human being, we propose to present in the second chapter, the Bourdieusian constructivism based on collective action. Such proposal questions the nomenclature offered by the author, the constructivist structuralism or structuralist constructivism from Bourdieu's encounter with Jean Piaget and Lev S. Vigostki. From this, in the third chapter it was imposed as initially necessary to demonstrate the differences that allow to place the irrelevance of understanding Bourdieusian theory as a structuralist theory. The discussion is with the Lévi-straussian structuralist anthropology with and against which Bourdieu constructs his theory. After that, the objective is to demonstrate the articulation of the concepts of habitus, field and capital within the scope of Bourdieusian constructivism. Finally, the fourth chapter is devoted to the conception of a social human being as a social agent based on action. The doctoral proposal aims to offer a contribution to the research of Bourdieusian work and contemporary philosophy.

Keywords: Action. Social agent. Constructivism. Human Being.

RÉSUMÉ

Partant du postulat que l'œuvre de Pierre Bourdieu peut contribuer aux défis de l'être humain au XXI^e siècle, nous proposons comme investigation philosophique de mettre en évidence le concept d'être humain avec lequel il opère à partir de son travail. Bien que Bourdieu ne présente pas de concept sur l'être humain, on suppose que tout penseur travaille avec des conceptions sur l'être humain et sur le monde, dans le cas de cet auteur, le monde social. La conception bourdieusienne de l'être humain fait l'objet de recherche élaborée en quatre chapitres. Le premier chapitre part du postulat que Bourdieu construit le concept de l'être humain en tant qu'être social à partir de sa perspective de la vie, une perspective centrée sur l'action comme catégorie pertinente pour problématiser la relation entre l'individu et la société. Avec cela, nous proposons la reconstruction de la trajectoire personnelle entrelacée avec la trajectoire intellectuelle bourdieusienne afin de démontrer le concept de l'être humain social. En tant qu'être humain social, nous proposons de présenter dans le deuxième chapitre, le constructivisme bourdieusien basé sur l'action collective. Une telle proposition interroge la nomenclature proposée par l'auteur, le structuralisme constructiviste ou le constructivisme structuraliste, de la rencontre de Bourdieu avec Jean Piaget et Lev S. Vigostki. À partir de là, dans le troisième chapitre, il a été imposé comme initialement nécessaire de démontrer les différences qui permettent de placer la non-pertinence de la compréhension de la théorie bourdieusienne comme théorie structuraliste. La discussion porte sur l'anthropologie structurale lévi-strussienne avec et contre laquelle Bourdieu construit sa théorie. Après cela, l'objectif c'est articuler des concepts d'habitus, de champ et de capital dans le cadre du constructivisme bourdieusien. Et pour finir, le quatrième chapitre est consacré à la conception d'un être humain social comme un agent social basé sur l'action. La proposition de doctorat vise à offrir une contribution à la recherche de l'œuvre bourdieusienne et à la philosophie contemporaine.

Mots clés: Action. Agent social. Constructivisme. Être humain.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 A CONCEPÇÃO BOURDIEUSIANA DE SER HUMANO	21
2.1 DO BÉARN A PARIS: TRAÇOS DA FORMAÇÃO INDIVIDUAL.....	22
2.2 ARGÉLIA: O ENCONTRO CONSIGO MESMO	40
2.3 A SOCIOLOGIA COMO ESPORTE DE COMBATE	52
2.4 TEORIA-PRÁTICA ARGELINA: INÍCIO DA SOCIOLOGIA BOURDIEUSIANA.....	55
2.5 O SER HUMANO SOCIAL.....	64
3 CONSTRUTIVISMO BOURDIEUSIANO.....	71
3.1 BOURDIEU ENCONTRA PIAGET E VIGOTSKI.....	73
3.2 CONSTRUTIVISMO BOURDIEUSIANO: AÇÃO COLETIVA	85
4 AÇÃO COLETIVA: <i>ILLUSIO</i> E AÇÃO.....	99
4.1 ARTICULAÇÃO COM <i>HABITUS</i> , CAMPO E CAPITAL	104
5. A CONCEPÇÃO DE SER HUMANO BOURDIEUSIANA: AGENTE SOCIAL E AÇÃO	115
5.1 INDIVÍDUO, AGENTE E AÇÃO	116
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	128
REFERÊNCIAS.....	134

1 INTRODUÇÃO

A tese acadêmica é o ponto culminante de uma trajetória e requer, na esteira bourdieusiana, sua contextualização. Tal contextualização torna-se relevante a fim de destacar o ponto de vista a partir do qual a proposta doutoral surge e é construída. Inserida no campo filosófico, a pesquisa que se concretiza nas páginas que se seguem inicia a partir da prática profissional exercida ao longo de trinta anos: a psicoterapia de orientação psicanalítica. Essa prática vivenciou no final dos anos noventa o questionamento a respeito das mudanças com o advento da tecnologia, especialmente as tecnologias de informação e comunicação, as quais à época se recepcionavam com entusiasmo. Contudo, na área da psicologia, especialmente no âmbito da psicoterapia psicanalítica e da psicanálise tal entusiasmo era visto com relativo receio. Convém salientar que não se trata de uma relação direta casual, mas se trata de elencar as mudanças que se instauravam paulatinamente na relação indivíduo e sociedade com o advento dessas tecnologias na medida em que adentravam no cotidiano societário. A mediação da tecnologia, à época via celular, adentrava na relação terapêutica constituindo-se em um terceiro elemento com o qual tínhamos que lidar. Além disso, observava-se que as regras de frequência e horários estabelecidos sofriam alterações constantes interferindo em agendas antes relativamente estáveis. Acrescenta-se o incremento de resistências à proposta de associação livre, a qual parecia tornar-se inoperante.

A mudança nesses elementos que se constituíam no alicerce da prática psicoterápica psicanalítica promovia inquietações, sobretudo pela percepção da existência de uma brecha que parecia se abrir entre o arcabouço teórico vivencial do psicoterapeuta e a receptividade por parte dos indivíduos que o procuravam. A percepção dessa brecha assinalava a defasagem existente entre a proposta de uma prática alicerçada em comprometimento cognitivo e emocional e uma demanda que se mostrava cada vez mais incomodada com tal proposta, sinalizando um desencontro claro e preocupante entre ambas as expectativas. O par analítico se via premido pela aceleração do tempo, pela mediação tecnológica e pela inserção em um mundo virtual cada vez mais atrativo, cujos sinais mais visíveis e frequentes se viam na imediatez por resultados, na procura por fórmulas mágicas que impedissem o sofrimento psíquico, no evitar do setting analítico conforme se apresentava. As mudanças pelas quais se passava e se passa até o momento atual no campo

psicoterapêutico de orientação psicanalítica terminaram por trazer à tona a pergunta a respeito de quem é o ser humano do século XXI. Tal foi o impulsionador para a realização da formação filosófica desde seu primeiro nível, a graduação, cujo ápice é o doutorado.

O ofício profissional devido à própria formação muitas vezes se vê enredado na tendência a patologizar as demandas e, se somado ao aumento da medicalização em tratamentos combinados, acaba sofrendo uma espécie de anestesia para as inquietudes que atravessam a área da psicologia clínica. Pode-se colocar que a perigosa anestesia do cotidiano termina obnubilando o foco de atenção que é o ser humano para além de qualquer diagnóstico. Contudo, esse mal-estar que acomete a área da psicologia clínica, especialmente em sua vertente psicanalítica, não se restringe à área, mas parece vinculado às mudanças ocorridas na cultura ocidental. Inseridos em uma cultura instrumentalizada, convivendo em uma sociedade capitalista, cuja premissa do consumo pelo consumo transformou-se na régua principal para formatar condutas políticas e econômicas, a pergunta pelo ser humano termina sendo uma pergunta que assombra a área das ciências humanas. Assombra na medida em que os avanços tecnológicos conduzem cada vez mais à hibridação entre ser humano e máquina ao mesmo tempo em que se aprofundam as desigualdades sociais já existentes. Capturada em uma teia nebulosa cada vez mais densa, a convivência humana relacional insere-se em uma rede digital de alcance e consequências não delineadas. Partindo do microcosmo do setting analítico e ampliando a visão para a inserção em uma sociedade que passa por transformações significativas advindas da evolução tecnológica, a qual reúne a nanotecnologia, a biotecnologia, a robótica, as tecnologias da informação e da comunicação e a inteligência artificial, o desafio pela pergunta a respeito do ser humano surge como foco de pesquisa.

O contexto contemporâneo é complexo e desafiador. A conectabilidade, a digitabilidade e a hibridação, contudo, não prescindem do enfrentamento diário da luta pela sobrevivência, da luta pela saúde física, intelectual e mental, da luta cotidiana pela construção de vidas pessoais inseridas em contextos sociais e relacionadas à convivência em tais contextos. Em suma, não prescinde da vida no aqui e agora da sociedade. Premido entre o virtual e o real, o ser humano contemporâneo parece viver um estado agonizante e solitário no enfrentamento de suas dores e sofrimentos sociais, políticos, psíquicos, físicos, econômicos e

educacionais. Compreenda-se tal estado como aquele do moribundo, cuja sensação de urgência coloca-o na condição de não se sentir nem vivo nem morto, simplesmente estar. Em outros termos, meramente reagir às demandas do momento. Visto sob essa lente, a agonia da contemporaneidade, espécie de *não-lugar*, coloca em xeque as referências herdadas abrindo um abismo entre aquilo que aprendemos e somos e aquilo que a convivência diária demanda. Situação que se agudiza com o advento da pandemia do Covid-19, cuja gravidade evidencia as fragilidades sociais, políticas e econômicas globais, em suma, a fragilidade humana. Tal fragilidade exposta se vê constrangida à tecnologia, a qual passa a mediar o convívio social cotidianamente consolidando um processo que avança mais rápido do que nossa capacidade de compreensão.

Em tal contexto – o ponto de vista da tese e o retrato da contemporaneidade à luz desse ponto de vista –, a pergunta pela concepção de ser humano surge como uma proposta investigativa na obra bourdieusiana. Pierre Bourdieu é um dos autores mais citados internacionalmente, além disso, sua metodologia é aplicada em diversas disciplinas por pesquisadores de vários países. Apesar desse reconhecimento, a complexidade de seu pensamento ao mesmo tempo em que atrai também afasta. Dotado de uma capacidade intelectual ímpar, o estilo de escrita elíptica e, muitas vezes, sem pausas torna o estudo, a leitura e a análise um processo que atrai paciência e persistência. A exigência, o rigor e a disciplina empregada pelo autor na construção de sua teoria se veem transferidas para os pesquisadores de sua obra. O que se realça com essa consideração é o empreendimento duro e prazeroso que conduz o desvelamento de seu pensamento, um pensamento agoniado, irreverente, contraditório, irritadiço e indignado, mas acima de tudo, engajado. A força de sua obra reside na presença de corpo e alma imprimida nas linhas e entrelinhas de seus livros, a qual não passa despercebida seja como uma atração para desvendá-la, seja para refutá-la, algumas vezes de maneira apressada. Desse modo, a obra bourdieusiana não é uma obra que incite indiferença, um legado que deixa para seus pesquisadores e comentadores. Apesar do amplo reconhecimento da obra e do autor e a profusão de artigos e de citações, isso não significa que sua obra não careça de uma investigação mais apurada. Ao contrário, surge a necessidade da realização de pesquisas que superem os *pre-conceitos* que a rodeiam. É relevante considerar que somente a partir dos anos 2000 foram publicados os cursos proferidos no *Collège de France* ao longo da década de

oitenta, assim como a compilação de conferências, manuscritos, documentos pessoais e entrevistas ainda estão em processo de catalogação. Acrescenta-se, ainda, a reedição de obras esgotadas. Portanto, é uma obra a ser *des-coberta*.

A pesquisa da obra de Pierre Bourdieu foi iniciada à época do mestrado, a qual deixou como legado a pergunta a respeito da concepção de ser humano com a qual operava. Embora Bourdieu não propicie uma conceituação a respeito do ser humano, parte-se do princípio de que todo pensador trabalha com concepções a respeito do ser humano e a respeito do mundo, no caso deste autor, do mundo social à luz de uma sociedade capitalista. A concepção de mundo social bourdieusiana é conhecida como sendo uma visão agonística, pois concebe o mundo social como um espaço de luta, de disputas e de conflitos. Contudo, a concepção de ser humano ainda não foi contemplada nas pesquisas de sua obra até o presente momento. Com isso, realçamos que a tese enfrenta o desafio de relevar da obra tal concepção. Tal desafio, por sua vez, impôs um segundo desafio: demonstrar que sua obra se constitui em um construtivismo elaborado pelo autor. Significa colocar que a nomenclatura estruturalismo construtivista ou construtivismo estruturalista anunciada por Bourdieu se constituem em dois momentos inter-relacionados da análise da pesquisa empírica. A necessidade de enfrentar esse desafio recai no objetivo principal, ou seja, ofertar sentido e significado à sua concepção de ser humano.

A fim de alcançar o objetivo principal da tese por meio da contemplação das questões que a atravessam, a tese se constitui em quatro capítulos. O primeiro capítulo se dedica a elencar do pensamento bourdieusiano a concepção de ser humano que o fundamenta. A análise reflexiva da obra bourdieusiana permite afirmar que a concepção de ser humano bourdieusiana é a de que o ser humano é um ser social. Conceber o ser humano como um ser social encontra-se no escopo da filosofia e da sociologia de seu tempo. Contudo, o que torna Bourdieu um autor peculiar é a maneira como tal concepção é compreendida e trabalhada ao longo da obra desde a categoria da ação. A concepção de ser humano social bourdieusiana se fundamenta na ação como a categoria por excelência da condição humana. Partindo do pressuposto de que a construção dessa concepção encontra-se vinculada ao indivíduo Pierre Félix Bourdieu, o objetivo deste capítulo é apresentá-la a partir da premissa de que a formação do pensamento teórico e suas condições de elaboração são estimuladas a partir de experiências vivenciadas, cuja afetação se

encontra subjacente ao empreendimento teórico legado. Em outras palavras, a racionalidade muitas vezes esperada de um construto teórico se sustenta na negação das emoções como elemento propulsor para temas sensíveis que se transformarão em teorias. Compreenda-se emoção como a reação promovida pelos impactos ofertados pelas experiências da vida, cujos sentimentos impulsionam pensamentos e ações vinculados a esse enredo que é um indivíduo.

O desafio para compreender a concepção de ser humano bourdieusiana como sendo um ser social se encontra na reconstrução da trajetória pessoal entrelaçada com a trajetória intelectual. Tal reconstrução visa demonstrar a formação do pensamento bourdieusiano, cujo interesse pela relação indivíduo e sociedade encontra-se em sua formação individual. Como todos os pensadores, Bourdieu constrói a concepção de ser humano como um ser social a partir de sua perspectiva de vida, uma perspectiva voltada para a ação como categoria relevante para a relação indivíduo e sociedade. Concebê-lo como um ser social implica entender a formação do indivíduo vinculado com o mundo social, isto é, *a partir de, com, contra e para* o qual convergem suas ações. A relação dialética que se instaura propicia a transformação do agente e do espaço social. Decorrente disso, o ser social bourdieusiano se apresenta como um ser humano mais ativo do que passivo, mais reflexivo do que autômato.

Com esse intuito são abordados os elementos de sua formação individual a partir da contextualização social e histórica nas dimensões nacional, regional e familiar. Contudo, duas considerações são relevantes. A primeira diz respeito ao esforço intelectual em situar no tempo e no espaço as dimensões acima colocadas dentro dos limites apresentados, as quais obedecem ao interesse da pesquisa. Tendo em vista que as experiências de vida são inapreensíveis em sua totalidade para quem as experiencia, o mesmo ocorre com o pesquisador, o qual precisa eleger os elementos aos quais têm acesso e que virão no auxílio para compor sua proposta por meio de uma postura epistêmica e moral vigilante. A segunda é destacar os limites desta pesquisa, os quais recaem na ausência de oportunidade ao acesso *in loco* aos documentos pessoais, cartas, manuscritos, alguns disponíveis de maneira transversal, ou seja, disponíveis em bibliotecas de colaboradores e/ou professores, assim como acesso a dados históricos culturais da região de origem o que enriqueceria a proposta e ampliaria a análise. De toda maneira, procurou-se obter o máximo de informações em fontes bibliográficas que apresentam seu

percurso pessoal, assim como obras bourdieusianas e entrevistas nas quais se apresentam aspectos desse percurso. Convém esclarecer que não se trata de propor nem uma biografia nem uma biobibliografia.

A proposta do capítulo encontra-se alicerçada na noção de trajetória social, uma noção apresentada no escopo teórico bourdieusiano. Tal noção acarreta em compreender o percurso de um indivíduo à luz da localização e do deslocamento realizado pelas ações dos agentes sociais no espaço social, cuja transformação se deve ao espaço social e ao indivíduo. Em outros termos, trata-se de compreender a trajetória de vida como sendo um movimento engendrado pelas ações dos indivíduos em vinculação ao espaço social ao qual pertencem. O objetivo de tal noção é desconstruir a tendência em enfrentar a vida e a obra dos agentes sociais de maneira descontextualizada, da mesma forma que visa romper com o movimento linear que propõe acontecimentos, decisões, ações ou escolhas como se fossem decorrentes de um único fato ou elemento isolado. O que é visível nas trajetórias de vida são pontas de um iceberg do qual só se consegue acessar parte, mas não seu todo. A rede de relações que a sustenta, na maioria das vezes inapreensíveis para quem as vivencia, é o limite com o qual temos que lidar. Além disso, a visão de vida como uma trajetória implica compreendê-la como um processo que associa indivíduo e sociedade de maneira relacional e dialética. Com isso, também se compreende as idas e vindas, os desvios e abandonos, as rupturas e as associações que ocorrem a partir dessa relação. O desafio, portanto, encontra-se na maneira de expressar por meio da escrita, da escolha das palavras e do movimento do texto uma trajetória que possa ofertar uma abertura, isto é, deixar brechas, na medida em que não se consegue captar o todo de uma existência.

O segundo capítulo apresenta o construtivismo bourdieusiano fundamentado na ação coletiva. O ensejo de propiciar uma teoria que superasse as teorias objetivistas e subjetivistas de sua época se assentou sobre a atitude intelectual de reunir elementos a fim de propor uma teoria que demonstrasse a imbricação entre indivíduo e sociedade. Tal ensejo, contudo, somente faz sentido se entendermos que a motivação condutora de seu empreendimento é a luta contra o instituído socialmente tido como inevitável e apresentado por um mundo social injusto e desigual. Na esteira dessa motivação, encontra na categoria da ação o ponto de inflexão que lhe permite demonstrar a imbricação indivíduo e sociedade. Considerando a concepção de ser humano social, cujo matiz é a ação e

considerando que o interesse bourdieusiano é o social, isto é, conhecer os mecanismos que sustentam as relações de desigualdades sociais para intervir, desacomodar, modificar as relações pré-existentes, a ação como ponto de intersecção permite-nos localizar o construtivismo bourdieusiano. A assunção do pensamento relacional, por sua vez, possibilita-lhe realçar as relações entretecidas nos espaços sociais. À luz desse pensamento, a visão de mundo que propicia é uma visão de mundo agonística e coletiva na medida em que entendendo os espaços sociais como espaços de força e de luta por posições e tomada de posições sociais, tais espaços se constroem e se alteram por meio de ações coletivas. Com isso, aquilo que parece ser evidente e inevitável no mundo social não significa algo que não possa ser rompido, ser desconstruído e reconstruído e ser contestado, a partir da concepção de que são as ações coletivas que permitem seja manter, seja modificar os espaços sociais.

Enfrentar tal proposta implicou rastrear o não dito e o entredito da teoria bourdieusiana permitindo destacar a convergência estabelecida com dois pensadores: Jean Piaget e Lev S. Vigostki¹. Nos vácuos deixados em sua obra encontramos elementos que remetem a esses autores naquilo que concerne à categoria da ação. Em relação à Jean Piaget, Bourdieu deixa registros explícitos da vinculação com esse pensador. No entanto, em relação a Lev S. Vigotski são rastros que se encontram esparsos. Se uma vinculação é mais declarada, a outra pode ser entendida como o impensado de sua obra. Ambos os autores encontram na ação o ponto de inflexão para o desenvolvimento cognitivo. Piaget estava interessado em propor uma epistemologia de cunho científico, a qual encontra na pesquisa psicológica da época o caminho para reunir seus conhecimentos de biologia e filosofia. Ao contrário deste, Vigotski trilha o caminho da formação do ser humano propondo uma psicologia sustentada no viés social e histórico. Além disso, a formação do ser humano à luz de sua proposta encontra na palavra a ação que impulsiona a relação do indivíduo com o social. Considerando a categoria da ação o fio condutor que reúne a teoria bourdieusiana com a psicologia piagetiana e a psicologia vigotskiana, o capítulo inicialmente oferta a apresentação de ambos os autores a fim de destacar os elementos buscados pelo autor para construir sua própria teoria. A partir disso se apresenta o construtivismo bourdieusiano.

¹ Devido às diversas formas encontradas da grafia do nome Vigotski na literatura, opta-se nesta tese empregar a grafia Vigotski. Exceto nas referências, as quais são escritas conforme o texto original.

O terceiro capítulo inicia com a apresentação das diferenças que permitem colocar a não pertinência de entender a teoria bourdieusiana como uma teoria estruturalista. Portanto, torna-se relevante colocar que o estruturalismo *com e contra* o qual Bourdieu ergue sua teoria é a antropologia estruturalista lévi-straussiana. Com isso, destacam-se os elementos da obra de Claude Lévi-Strauss entendidos como os pontos de inflexão que conduzem Bourdieu a afastar-se de sua teoria. Colocados os elementos, o capítulo volta-se para a demonstração do construtivismo bourdieusiano à luz de sua rede conceitual. Considerando a ação coletiva como sendo a transcendência da ação individual, a qual é recepcionada pelos agentes que se encontram no mesmo espaço social, entende-se que tal recepção é o que permite a construção de campos sociais, assim como sua manutenção e/ou modificação. O ponto de partida bourdieusiano é a premissa de que o arbitrário do mundo social é uma construção coletiva historicamente constituída, cuja manutenção dá-se pela conjunção dos interesses dos agentes partícipes de dado campo social. Para tanto, é preciso elucidar os conceitos de *habitus*, de campo e de capital, assim como os elementos de *illusio* e de ação. A visão social bourdieusiana é uma visão que integra relacionamente agente e espaço social. Na configuração de sua teoria, as desigualdades sociais implicam desigualdades econômicas, culturais e educacionais. Cada agente social advindo de um determinado contexto social forma um *habitus* e um capital e, com isso, adentra em dado campo social com as suas próprias condições de possibilidades para lutar por posições e assumir novas posições. Nessa configuração social, a luta é pela sobrevivência social, pertencer, mas pertencer acarreta intervir com mais ou menos consciência. Bourdieu oferta uma teoria que carrega consigo o signo da intervenção, da desacomodação a partir da crítica social e da autocrítica constante, do questionamento e do crivo que o aprendizado das relações sociais propicia. A proposta do capítulo é articular os três conceitos basilares – *habitus*, campo e capital – com as categorias *illusio* e ação a fim de demonstrar a ação coletiva enquanto construtora de espaços sociais.

Com a concepção de ser humano social relevada, a apresentação do construtivismo bourdieusiano fundamentado na ação coletiva e a tríade de noções articuladas com as noções de *illusio* e ação, a fim de elencar o agente social, o quarto capítulo demonstra a concepção de ser humano social concebido como agente social assentado na ação. A categoria da ação é uma categoria transversal na obra de Pierre Bourdieu, ou melhor, é a categoria que move Pierre e alimenta a

teoria de Bourdieu. Tal separação é meramente indicativa, ou seja, visa a destacar o entrelaçamento da trajetória social com a construção de sua teoria. O construtivismo bourdieusiano atrai a concepção de ser humano via categoria da ação. A formação do indivíduo à luz de seu pensamento é uma imbricação entre indivíduo e sociedade, *individuosociedade*, o que implica destacar que o agente social não é uma partícula à mercê das relações sociais instituídas, mas também não é uma consciência plenamente livre. Considerando-o um núcleo de relações sociais, o agente social oferta abertura, flexibilidade e resistências em acordo com a confluência de seu *habitus* e o campo social no qual está inserido. Sem negar a pré-existência das relações sociais instituídas, Bourdieu também não nega a capacidade humana de agir e reagir diante das constrações do mundo social.

Realizado o percurso ao longo dos capítulos, as considerações finais contemplam a compilação desse caminho percorrido ao longo da pesquisa explicitado na tese. Destacar a concepção de ser humano na obra de Pierre Bourdieu visa não somente contribuir com a pesquisa de seu pensamento, mas acima de tudo, almeja despertar questionamentos a respeito da posição do ser humano na contemporaneidade. Para além da contribuição à pesquisa da obra, espera-se, sobretudo ofertar uma contribuição à filosofia social e política contemporânea.

2 A CONCEPÇÃO BOURDIEUSIANA DE SER HUMANO

“O princípio das diferenças entre os habitus individuais reside na singularidade das trajetórias sociais, as quais correspondem uma série de determinações cronologicamente ordenadas e irreduzíveis umas às outras [...]”²

Com o propósito de relevar da obra a concepção de ser humano com a qual trabalha, entendemos como relevante trazer para o corpo da tese o entrelaçamento entre sua trajetória pessoal e intelectual e o construto de sua teoria. A partir do quê ou como construímos as concepções que temos a respeito do ser e estar no mundo? A partir do quê e como construímos as concepções a respeito do mundo propriamente dito? A partir do quê e como Pierre Félix Bourdieu construiu suas concepções de ser humano e de mundo social? Entendemos que tal construção encontra-se vinculada à formação do indivíduo, cujas experiências direcionam, inclinam os interesses por determinados temas conduzindo projetos profissionais e intelectuais. Bourdieu ergue sua teoria a fim de desvelar os mecanismos de reprodução das desigualdades sociais. Almejando expor as nuances e armadilhas das relações do mundo social, visava ofertar as condições de possibilidade para que os indivíduos enfrentassem os constrangimentos sociais aos quais estavam expostos. Com isso, o eixo que atravessa sua obra do início ao fim é o indivíduo em sua relação com a sociedade. E, nesse sentido, podemos colocar que a inquietação intelectual que movia seu empreendimento teórico encontra-se vinculada às suas próprias experiências de vida. Ao partir do princípio de que o problema de pesquisa bourdieusiano encontra raiz no solo de sua trajetória pessoal, cuja formação individual sinaliza o apurado olhar para a relação indivíduo e sociedade, o problema deste capítulo é o de relevar da trajetória pessoal-intelectual a concepção de ser humano que sustenta seu pensamento. A análise reflexiva da obra bourdieusiana permite afirmar que a concepção de ser humano bourdieusiano é de um ser social. Compreender o ser humano como um ser social implica em compreender sua formação a partir da vinculação com o mundo social, do qual receberá os impactos e

² Tradução da autora. No original: «Le principe des différences entre les habitus individuels réside dans la singularité des *trajectoires sociales*, auxquelles correspondent des séries de déterminations chronologiquement ordonnées et irréductibles les unes aux autres [...]». In: BOURDIEU, Pierre. **Le sens pratique**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1980. p. 101.

para o qual confluirá as suas ações estabelecendo-se em uma relação dialética de aprendizado e transformação mútua..

Com o intuito de alcançar tal objetivo, o capítulo aborda os elementos de sua formação individual a partir da contextualização social e histórica nas dimensões nacional, regional e familiar. Por compreender Pierre Félix Bourdieu como um agente social e historicamente situado, o presente capítulo transita pela evolução da obra em conexão com as escolhas teóricas que realiza, as quais serviram de alicerce para a construção de seu próprio pensamento. Contudo, é relevante destacar que não se trata de apresentar uma biografia ou uma biobibliografia, mas se trata de apresentar uma trajetória de vida sob a perspectiva de uma trajetória social. A adoção dessa noção é importante na medida em que o próprio autor se vale dela para introduzir o ponto de vista dos indivíduos pesquisados a partir da expressão de suas histórias de vida. Para Bourdieu, a noção de trajetória é vista “[...] como uma série de posições sucessivamente ocupadas pelo mesmo agente (ou mesmo grupo) em um espaço ele mesmo um devenir e submetido a incessantes transformações”³. À luz dessa noção são tratados os elementos biográficos aqui apresentados, buscando realçar os movimentos, as relações e os distanciamentos que marcaram seu pensamento. Convém ressaltar que a trajetória de Pierre Bourdieu será limitada ao período de formação intelectual, a experiência argelina e a assunção da sociologia. A delimitação ao período inicial deve-se à relevância para com a construção de sua teoria.

2.1 DO BÉARN A PARIS: TRAÇOS DA FORMAÇÃO INDIVIDUAL

A trajetória de Pierre Félix Bourdieu ou Pierre Bourdieu inicia com seu nascimento em Déguin, na região de Béarn, no departamento Pyrénées-Atlantiques, uma região agrícola, próxima ao país basco espanhol. Tal região apresenta a peculiaridade da língua, o *béarnaise*, a qual convive com outras línguas ou dialetos regionais em conjunto com o francês e incluso com o espanhol. Disto decorre também a convivência de culturas diferentes, cuja insistência histórica do governo

³ Tradução da autora. No original: «[...] comme série des positions successives occupées par un même agent (ou même groupe) dans un espace lui-même en devenir et soumis à d’incessantes transformations». In: BOURDIEU, Pierre. L’illusion biographique. **Actes de la recherche en sciences sociales**, v. 62-63, n. 62, juin/1986. Disponível em: <https://www.persee.fr>. Acesso em: 27 ago. 2020.

central francês em uni-las em torno do aprendizado do francês, um aprendizado monolíngüístico que exclui a língua regional, promove reações contrárias na comunidade da região. A questão política que atravessa tais discussões ocorre em torno do regionalismo e nacionalismo, marcando a história da região, uma história de contestações e confrontos com o governo central. A luta pela preservação da cultura aparece, sobretudo, na luta pela manutenção do ensino do *béarnaise* nas escolas da região e, também, na luta por preservar a singularidade e as diferenças em relação a outras línguas vizinhas, como é o caso do *gascon*. Tal luta pelo reconhecimento da cultura, dos costumes e da língua se encontram na raiz de seus habitantes assinalando um povo orgulhoso de sua cultura, exaltado e combatente. Ao entender que o ser humano é um ser que se forma indivíduo a partir da conexão das relações sociais advindas das estruturas sociais, Bourdieu confessa que por muito tempo percebia que seu comportamento irascível, contundente, arredo e exaltado fosse devido a um caráter individualmente problemático. Somente com seus estudos e pesquisas, especialmente a literatura irlandesa, pode perceber os traços que o identificavam à cultura de sua região. Na entrevista com Hans Dieter Zimmerman, refere que “a atitude um pouco belicosa, que tinha frequentemente e que pode ser mal compreendida e mal considerada no universo intelectual, deve ser imputada provavelmente às normas culturais do país de minha infância” ⁴.

Bourdieu⁵ nasce no período entre guerras, especificamente no ano de 1930, sendo o filho único de Albert Bourdieu e Noemi Bourdieu. Albert Bourdieu nascera em uma família humilde de meeiros, interrompendo os estudos com quatorze anos para trabalhar com a família. Aos trinta anos começa a trabalhar como carteiro e, posteriormente, como encarregado do serviço postal da cidade de Laussabe, na mesma região. A condição de funcionário público, por sua vez, acarretou no distanciamento da família de origem e dos convivas da comuna na qual moravam,

⁴ BOURDIEU, Pierre. Una crítica armada. Entrevista de Zimmermann a Pierre Bourdieu (1989). Traducción de Miguel Alhambra Delgado. **LaU, revista de cultura y pensamiento**, Madrid, febrero/2020. Disponível em: <https://la-u.org>. Acesso em: 5 jul. 2020.

⁵ As referências a respeito dos dados sobre a região se encontram em: <https://www.institut-bearnaisgascon.com>. A compilação dos dados biográficos foi realizada a partir das seguintes fontes: BOURDIEU, Pierre. **Esquisse pour une auto-analyse**. Paris: Raison d’Agir, 2004; REY, Terry. **Bourdieu on religion**. Imposing Faith and Legitimacy. New York: Routledge, 2014; GRENFELL, Michael James. **Pierre Bourdieu: agent provocateur**. London/New York: Continuum, 2004; WACQUANT, Loïc. O legado sociológico de Pierre Bourdieu: duas dimensões e uma nota pessoal. **Revista Sociologia Política**, Curitiba, n. 19, p. 95-110, nov. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br>. Acesso em: 15 jul. 2020. O uso de outras referências serão assinaladas quando forem utilizadas.

uma vez que eventualmente tal condição era motivo para insultos. Sindicalista, eleitor da esquerda em um local conservador, simpatizante da Frente Popular espanhola e da Resistência francesa, era também admirador de políticos que defendiam o ideal escolar e republicano. As inclinações políticas paternas, assim como a visão de mundo forjada em valores como respeito e sensibilidade pelos desfavorecidos socialmente e suas lutas foram transmitidas ao seu filho por meio de atitudes solidárias em relação àqueles que precisavam de algum tipo de auxílio. Bourdieu relata que muitas vezes seu pai lhe contava sobre a guerra civil espanhola em uma mistura de francês, *béarnaise* e espanhol, relatando os fracassos da resistência contra a guerra e a necessidade de auxiliar aqueles que porventura aparecessem em busca de refúgio. Da mesma forma que sempre mantivera uma relação arredia e desconfiada em relação aos notáveis da região, os quais não apoiaram suas iniciativas na busca de meios para matricular o filho no liceu. O traço rebelde e anarquista, assim como a sensibilidade para as injustiças sociais que o caracterizava, se via realizado no comportamento contestador, indignado e rebelde de seu filho.

Noemi Duhau, por sua vez, nascera em uma família de agricultores com uma posição social mais elevada do que aquela de seu esposo, a qual era considerada uma *grande famille*. A diferença social motivou sua família de origem a posicionar-se contra o casamento, o que promoveu confrontos e enfrentamentos a fim de efetivar sua união matrimonial. À luz dos costumes da comuna, Noemi teria feito uma má aliança, o que para as tradições locais não era visto com agrado. As consequências disso, contudo, não são relatadas nem por Bourdieu nem se encontra nos artigos, entrevistas ou comentários aos quais se teve acesso nesta pesquisa doutoral. No entanto, o tema das estratégias matrimoniais da região *béarnaise* será foco de uma pesquisa anos mais tarde, quando Bourdieu⁶ encontra a oportunidade de abordar o significado de um casamento que não cumpre com as expectativas familiares no

⁶ No artigo *Les stratégies matrimoniales dans le système des stratégies de reproduction (1972)*, a pesquisa que Bourdieu realiza demonstra a importância do dote e as relações que se constituíam em torno da preservação da herança. Os casamentos, geralmente, cumpriam com os critérios de valor patrimonial e o montante do dote, as mudanças na hierarquia etária dos casamentos obedeciam a tais critérios. Isto é, a preferência era o casamento do filho homem, contudo, a filha mulher casaria se seu pretendente oferecesse alguma vantagem econômica. Caso houvesse casamentos que viessem a ameaçar o sistema familiar, aquele filho ou filha, em algumas famílias, era praticamente banido e, com isso, mal visto na comunidade. Na maioria das vezes, quando isso ocorria, o casal mudava de localidade. Este artigo faz parte das pesquisas realizadas na região do *Béarn* iniciadas nos anos sessenta, reunidas em: BOURDIEU, Pierre. **Le bal des célibataires**. Crise de la société paysanne en Béarn. Paris: Éditions du Seuil, 2002.

âmbito social e familiar, principalmente quando as diferenças sociais e econômicas problematizam o processo sucessório do patrimônio familiar. Com isso, ele deixa o rastro pelo qual podemos inferir que a relação marital provavelmente sofreu algum tipo de impacto decorrente da escolha matrimonial que fora feita. Na linha do que ocorre com seu pai, sua mãe frequenta a escola até os dezesseis anos, interrompendo-a sem razão conhecida.

A diferença dos pais na educação de Bourdieu faz-se presente na preocupação que sua mãe tinha em relação à respeitabilidade, à conveniência e às convenções sociais, um traço herdado de sua família, incentivando veementemente a adequação do filho aos costumes locais. A insistência materna em cumprir com as exigências sociais, especificamente na participação em atos religiosos, o revoltava devido às zombarias por parte dos seus colegas, as quais se expunham nessas ocasiões. No entanto, os conflitos parentais ocorriam sobretudo, quando seu esposo apoiava o comportamento rebelde e contestador de seu filho, o qual frequentemente apresentava problemas de comportamento na vida escolar. Se, por um lado, seu pai apoiava muitas das reações agressivas e explosivas do filho, por outro lado, tais situações preocupavam a ambos, uma vez que temiam uma expulsão e a interrupção da possibilidade de ascensão social. A busca da ascensão social pela escolaridade, um dos valores republicanos franceses, conduz Bourdieu ao Liceu na cidade de Pau, o que incrementa seu comportamento difícil e arredo ao mesmo tempo em que o afasta tanto dos amigos da escola primária como da própria família.

O panorama social, cultural e familiar permite-nos afirmar que Bourdieu cresceu em uma família constituída a partir de desigualdades sociais, defasagens culturais e descontinuidades relacionais. Bourdieu refere-se a si mesmo como sendo um “trânsfuga filho de um trânsfuga”, cuja experiência paterna de culpabilidade por ter ascendido socialmente em relação à sua família de origem ao mesmo tempo em que se sentia distanciado dos operários e pequenos agricultores, uma vez que exercia uma função pública, se fazia sentir por uma espécie de “barreira invisível” que os separava dos outros. É possível também acrescentar inferencialmente o desconforto da mãe em relação à sua família de origem, cuja escolha matrimonial a colocou em uma posição de confrontos e enfrentamentos. Em suma, o casal parental constituiu sua família construindo uma espécie de terceiro espaço, esse espaço *entre duas* famílias de origem diferentes e *entre uma comunidade* que de alguma maneira os incluía excluindo-os. Compreende-se tal espaço como o espaço

ocupado pelo estrangeiro, o qual pertence não pertencendo inteiramente ao local no qual se encontra. O solo de seu pensamento, ponto de partida de sua teoria, encontra-se alicerçado na prima infância, tempo em que “[...] todas as experiências sociais, tendem a impor esquemas de percepção e de apreciação [...]”⁷, tempo em que formou suas disposições em relação ao mundo social. Período em que a formação do indivíduo Pierre Bourdieu incorpora os elementos das estruturas sociais de seu entorno.

O período após o término do ensino básico promove a mudança de Bourdieu aos onze anos de idade para o *Lycée Louis-Barthou* em Pau, cuja participação dá-se em regime de internato e na condição de bolsista. Permanecendo durante seis anos, esse período constitui-se em uma nova incorporação de estruturas sociais e o incremento de disposições já adquiridas. A assunção de novos posicionamentos ocorre a partir do choque da convivência com uma instituição, cuja experiência segundo o próprio Bourdieu teve um papel determinante em sua formação pessoal. A socioanálise que realiza no final de sua vida expõe um período emocionalmente difícil incrementado pela rotina a qual as crianças eram submetidas, um espaço físico que não possibilitava a privacidade e um comportamento institucional que privilegiava a punição seja moral ou física. Um ambiente hostil, tenso e ameaçador, o qual se caracterizava pela ausência de continência às queixas sobre qualquer assunto e a conseqüente ausência de algum conforto emocional para as inseguranças e medos próprios de quem está longe da família⁸. Nesse local não havia possibilidade de demonstração de sentimentos, pois logo quem o fazia sofria os ataques da ridicularização e da zombaria. Em tal período depara-se com a dualidade entre os alunos internos, geralmente provincianos como ele, e os alunos externos de famílias mais abastadas da região, algo que expunha a diferença social por meio das vestimentas, do sotaque e dos trejeitos, os quais se transformavam em

⁷ Tradução da autora. No original: «[...] toutes les expériences sociales, tend à imposer des schèmes de perception et d’appréciation [...]». In: BOURDIEU, Pierre. *Les stratégies matrimoniales dans le système des stratégies de reproduction* (1972). In: BOURDIEU, Pierre. **Le bal des célibataires**. Crise de la société paysanne em Béarn. Paris: Éditions du Seuil, 2002. p. 203.

⁸ Em *Esquisse pour une auto-analyse* (2004), Bourdieu associa o internato às instituições totais, tais como os manicômios, as prisões e os asilos, apresentadas no livro *Asiles: Études sur la condition social des malades mentaux* (1968) de Erving Goffmann, assim como na obra *Le miracle de la rose* (1943) de Jean Genet. Nessa linha, pode-se destacar da literatura brasileira, *O Ateneu* (1888) de Raul Pompéia, cuja narrativa da experiência vivenciada no interior de um internato expõe as relações de dominação alicerçadas na humilhação, agressão e marginalização entre colegas. Ao mesmo tempo em que demonstra que tais relações eram apoiadas pela instituição, a qual contribuía ativa e veladamente para sua manutenção.

motivos para discriminação. O comportamento rebelde, reativo, briguento e contestador que o caracterizava lhe valeu o estigma que induziu, em muitas ocasiões, a responsabilização antecipada ainda que não estivesse envolvido em situações problemáticas. E, com isso, recebia frequentemente punições.

O internato é também o local no qual se defronta com a realidade das relações do mundo social⁹: traições, servidão interesseira, delações, oportunismo, artimanhas. Ao mesmo tempo em que se depara com a docência, cuja convivência com professores possibilitaram o despertar para o mundo intelectual, um mundo carregado de possibilidades. Descobre, portanto, dois aspectos das instituições escolares, o mundo do conhecimento e o mundo das relações sociais. As relações sociais carregadas de subterfúgios, armadilhas, mas também de encontros amigáveis e acolhedores. Se, por um lado, a vida no internato era difícil e exigente emocionalmente, por outro lado propiciava momentos nos quais as tensões eram canalizadas para o esporte. Bourdieu se destacou no rúgbi e na pelota basca, um gosto que conservou ao longo de sua trajetória, valendo-se dessa expertise para sua teoria social. Concomitantemente a experiência que vivia não encontrava eco na convivência com o entorno social de sua origem, pois a cada visita à sua casa e região se deparava com o distanciamento que se operava nele em relação aos seus pais e dele com seus ex-companheiros da escola primária. Não se sentia nem compreendido em casa - seus pais não entendiam os motivos de tantas punições ao ponto de quase ser expulso às vésperas de encerrar esse ciclo de estudos -, nem se sentia à vontade entre seus companheiros, com os quais não conseguia compartilhar os conhecimentos que adquiria e as experiências que vivenciava. A solidão relacionada ao sentimento de deslocamento em relação à sua origem é mitigada, em alguma medida, na dedicação ao estudo e à leitura, algo que preenchia os períodos em que ficava de castigo, principalmente, durante os feriados quando o Liceu se esvaziava.

A dedicação aos estudos, os bons resultados escolares e a expressão de uma inteligência considerada acima da média chamaram a atenção de um dos supervisores escolares, quem lhe sugeriu continuar seus estudos na capital francesa. Bourdieu segue para Paris, portanto, a fim de realizar a preparação para o

⁹ O contato com a realidade social pode ser compreendida com a frase que inaugura a obra *O Ateneu (1888)* de Raul Pompeia: "VAIS ENCONTRAR o mundo, disse-me meu pai, à porta do Ateneu. Coragem para a luta". In: POMPEIA, Raul. **O Ateneu**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999. p. 39.

exame de admissão na *École Normale Supérieure*, mais uma vez como bolsista. O período de *khâgne* no *Lycée Louis-le-Grand* parece encontrar um jovem mais endurecido, cuja timidez e insegurança são traços que se acentuam, seja pelo sotaque, pelos trejeitos, seja por se sentir em desvantagem em relação à cultura que não detinha dada a sua origem familiar. A escolha pela filosofia, contudo, é um vácuo nos relatos deixados por Bourdieu, mas pode se inferir que tal escolha fora guiada pela posição que essa disciplina ocupava no universo intelectual francês. Em diversas ocasiões se refere à posição de *disciplina rainha* ou à *soberania da filosofia*, o que suscitava em quem a frequentava um senso e uma postura de superioridade em relação às outras disciplinas. Provavelmente conduzido pela expectativa de ascensão social em conjunção com a inteligência e a dedicação aos estudos, ou seja, a reunião das condições de possibilidades talvez se encontre no fundo de tal escolha. No entanto, outra consequência desse período ao qual se somará a formação filosófica é a decepção com a instituição escolar. Diferente do que parecia, a instituição escolar lhe mostra uma dupla face: uma face visível, aquela que busca a transmissão de conhecimento, e uma face não visível, aquela que as relações cotidianas entre alunos e entre alunos e professores são constituídas por disputas em busca de posições.

Os elementos realçados de uma longa trajetória de vida não visam realçar os méritos ou deméritos pessoais de Bourdieu; o objetivo é por meio dos registros relacionados à sua trajetória pessoal, aos quais tivemos acesso, realçar o solo de seu pensamento, um pensamento que possui raízes nas experiências da vida, constituindo-se em um feixe de elementos que formam tanto uma autoimagem como uma imagem do mundo social que servirá de fio condutor para sua empreitada teórica. Nesse sentido, a entrada na *École Normale Supérieure* (1951-1954)¹⁰, a vida parisiense e a convivência *in loco* com a *intelligentsia* francesa, além de o enriquecerem intelectualmente, também acentuam os traços da contestação, da rebeldia, da desconfiança e do inconformismo desta vez com o ganho da argumentação e da oratória. Desde a experiência vivenciada em Pau, Bourdieu enfrenta a luta por participar em um espaço social constituído por diferenças de classe social, perante as quais cada estudante reagia em acordo com seu *background* pessoal.

¹⁰ Doravante *École Normale Supérieure* será identificada pela sigla *ENS*.

À época do internato, o ambiente duplo era compartilhado entre todos, cujo interior expressava tal divisão na maneira como os estudantes se comportavam uns em relação aos outros, destacando diferenças, cujo tom discriminatório era a tônica e, na maioria das vezes, com a anuência do corpo diretivo e docente da instituição. No *Lycée Louis-le-Grand* e na *ENS*, a mudança ocorria em relação ao prestígio elevado que ser *khâgne* e *normalien* possuía na sociedade francesa. O fato comum a todos era pertencer a uma classe intelectual prestigiada e, com isso, Bourdieu se depara agora com outra dimensão da instituição: a institucional versus a sociedade e, em seu interior, os provincianos versus os parisienses. A luta por pertencer, por permanecer e por encontrar um lugar nesse espaço é ainda mais exigente e árdua. Os relatos de alguns de seus colegas sinalizam a maneira como cada um enfrentava as demandas estabelecidas pelas relações alicerçadas nas diferenças de classe social a fim de se integrar em um universo simbolicamente carregado de significados relevantes na sociedade francesa. O livro recentemente publicado por André Tobeuf¹¹ relata sua experiência como *khâgne* no *Lycée Louis-le-Grand*, cuja entrevista revela que, apesar do sofrimento, buscou se adaptar sem maiores questionamentos. Lucien Bianco¹², por sua vez, refere que muitas das disputas eram desproporcionais e desleais entre os *normaliens*, mas ele não as enfatizava, inclusive, não percebendo o quanto isso trazia sofrimento para o amigo Bourdieu. Destaca-se, com tais relatos a maneira como cada indivíduo recepciona os impactos vivenciados nos diversos espaços sociais aos quais pertencem. A percepção dessas diferenças, assim como a percepção da reação e da ação individual, se transformará em impressões que formarão sua visão de mundo social.

Na entrevista com Bianco, um dos aspectos realçado a respeito do amigo é a busca dele em suprir a defasagem cultural que tinha em relação a outros *normaliens*, principalmente aos parisienses. Passeron¹³ recorda em uma entrevista a participação de Bourdieu na vida cultural parisiense, assim como a capacidade de frequentar grupos de posições opostas sejam políticas, sejam religiosas, sem,

¹¹ TUBEUF, André. André Tubeuf: A Louis Le Grand, j'ai partagé le complexe provincial. [Entretien réalisée par] Audrey Lévy. **Marianne**, Paris, 24 jun. 2020. Culture. Disponível em: <https://www.marianne.net>. Acesso em: 10 jul. 2020.

¹² BIANCO, Lucien. "On avait jamais vu le "monde"; nous étions petite frange de gauche entre les communistes et les socialistes". Entretien réalisé par Tassadit Yacine. **Awal** : Cahiers d'études berbères, Paris, n. 27-28, p. 267-277, 2003.

¹³ PASSERON, Jean-Claude. Mort d'un ami, disparition d'un penseur. **Revue européenne des sciences sociales**, n 125, t. XLI, p. 77-124, 2003. Disponível em: <http://journals.openedition.org/ress/560>. Acesso em: 5 jul. 2020.

contudo, pertencer fielmente a nenhum dos grupos existentes. O que parece se encontrar no transfundo dessa característica é a divisão interna que sempre o acompanhou à qual o próprio Bourdieu faz referência em sua socioanálise: uma parte que se dobrava ao jogo institucional e outra que reagia. Tal conflito conduziu uma conduta irreverente, cuja teoria ambicionava romper com as noções pré-estabelecidas a respeito da relação indivíduo e sociedade. Aceitar as regras do jogo implicava participar desse jogo para destacar as relações invisíveis que sustentavam as relações de dominação existentes em dado campo social. Em suma, exigia vigilância epistemológica¹⁴ e uma postura objetiva e autocrítica que o trabalho coletivo em equipe pode ofertar.

A inserção na *ENS* consolida uma postura crítica refinada com o incremento da aquisição cultural e intelectual que adquire ao longo desse período. Fortalecido pelas armas do conhecimento, Bourdieu assume uma postura contracorrente daquilo que era tido como evidente à sua época, algo que confessadamente o acompanhará até o fim de sua trajetória¹⁵. Tal postura muitas vezes forneceu a impressão de alguém que não assume uma posição política porque não se alinhava às políticas partidárias. Esse posicionamento era considerado relativamente grave, sobretudo, em uma época em que ser intelectual e ser comunista confundia pensamento de esquerda com adesão partidária. O posicionamento afastado da política partidária foi um traço que se manteve ao longo de sua trajetória na medida em que nunca foi filiado a algum partido político ou a uma corrente política. A não adesão vinha ao encontro da manutenção da autonomia do pensamento que defendia, principalmente, da autonomia do intelectual. A autonomia é um aspecto relevante no entendimento da noção de campo que vai ser elaborada mais tarde em sua teoria social. Na perspectiva da autonomização dos campos, a posição do intelectual em

¹⁴ Para Bourdieu *et alii* (1973), a vigilância epistemológica é compreendida como sendo o cuidado permanente pela subordinação à interrogação dos métodos, dos conceitos, das atitudes do pesquisador a fim de relevar quais as são as condições e os limites de validade. Em suma, a proposta é a de manter um questionamento frequente na relação entre o pesquisador, o objeto de pesquisa, o uso dos métodos e da teoria a fim de evitar o automatismo. *In*: BOURDIEU, P.; CHAMBERDON, J-C. ; PASSERON, J-C. **Le métier de sociologue**. Préalables épistémologiques. Paris: Mouton, 1973.

¹⁵ Segundo Bourdieu, «C'est très compliqué. J'ai toujours eu à combattre en moi l'anti-intellectualisme. Ce n'est pas très prudent de dire ça; mais il est vrai que j'étais assez fortement énervé par certains engagements intellectuels. Par exemple, à l'époque où tout le monde citait Marx, je citais Weber exprès. J'ai toujours été à contre-pente. Je crois qu'une partie de mes réticences, de mes prudences, de mes retenues, étaient réactionnelles.» *In*: BOURDIEU, Pierre. À contre-pente. Entretien réalisée par Philippe Mangeot . **Vacarme**, n. 14, janvier/2001. Disponível em: <https://vacarme.org>. Acesso em: 01 jul. 2020.

sua sociologia se insere no horizonte de um intelectual coletivo¹⁶. A relação do autor com a política sempre esteve presente desde os anos de *normalien*, mas é nos anos noventa em que assume publicamente e veementemente a oposição aberta ao projeto neoliberal da globalização. Nesse momento, no entanto, o que estava em questão era a posição política exigida no interior da *ENS* algo que o colocou junto com outros colegas tais como Jacques Derrida, Jean-Claude Pariente, Louis Marin, Lucien Bianco, entre outros, à margem dos grupos políticos que dominavam a cena¹⁷. As disputas acirradas pelo protagonismo político os estimularam a formar o *Committee for the defence of Freedom*, cuja proposta era manter a autonomia para pensar as questões políticas e sociais para além de partidos e ideologias¹⁸. A formação individual da prima infância acrescida da aquisição de novos elementos a partir das experiências escolares encontram na formação intelectual um meio de lapidar os traços de rebeldia e de ousadia, os quais são temperados com a desconfiança que nutria pelos modismos teóricos que frequentemente assombram o mundo das ideias. Traços que nortearão não somente suas posturas políticas, mas também nortearão as escolhas teóricas e constituirão o *modus operandi* de seu construto teórico.

No que tange às escolhas teóricas realizadas durante esse período, Bourdieu é atraído para os filósofos que naquela época ainda não ocupavam o centro de atenções do cenário intelectual. Em outros termos, se encontravam relativamente à margem daquele que estava em seu auge: o existencialismo sartriano. Nos anos cinquenta, Jean Paul Sartre e o existencialismo eram o foco de todas as atenções interna e externamente à *ENS*. Bourdieu entra em contato com a filosofia sartriana enquanto *khâgne* e, posteriormente, como *normalien* passa a conviver com tudo o

¹⁶ Sapiro (2012) refere que a noção de intelectual coletivo se ergue a partir da experiência da investigação científica, cujo trabalho de equipe reúne pesquisadores de diversas disciplinas em torno de um objetivo comum. Com tal experiência, Bourdieu inaugura um novo modo de intervenção política. *In*: SAPIRO, Gisèle. Modelos de Intervenção Política dos intelectuais: o caso francês. **Rev. Pós Ciências Sociais**, v. 9, n. 17, p. 19-50, jan/jun. 2012. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br>. Acesso em: 10 set. 2020.

¹⁷ As disputas entre grupos no interior da *ENS* também envolviam os grupos católicos mais ou menos associados à esquerda e grupos que priorizavam a filosofia. *In*: BARING, Edward. **The young Derrida and French philosophy, 1945-1968**. New York: Cambridge University Press, 2011. p. 91-107.

¹⁸ BOURDIEU, Pierre. The struggle for symbolic order. An interview with Pierre Bourdieu. [Interview conducted by] HONNETH, A.; KOCYBA, H.; SCHIBS, B. **Theory, Culture & Society**, v. 3, n. 3, 1986.

que girava em torno do filósofo e do existencialismo. Sapiro¹⁹ salienta a relevância de considerar que à época a filosofia encontrava-se em um campo de disputa entre o campo literário e o campo universitário precisamente no momento em que as ciências do homem firmavam o paradigma científico. Nessa disputa, a filosofia ameaçada em sua supremacia tentava “[...] às vezes buscando uma aliança com a ciência, às vezes com a literatura em nome de uma irreducibilidade do sujeito cognoscente a um objeto de conhecimento como os outros”²⁰. Na esteira dessa consideração, o projeto filosófico sartriano apresenta-se como uma possibilidade de lutar contra essas tendências via fenomenologia. A oposição bourdieusiana à filosofia existencialista e ao filósofo, contudo, ocorre à luz de uma ambivalência que percorrerá a relação de Bourdieu com Sartre, com quem não teve nenhuma relação direta.

Em entrevista à Sapiro²¹, lamenta nunca ter tentado se aproximar do filósofo, confessando o sentimento ambivalente de atração e repulsa que sentia dada a *mise-en-scène* dos *normaliens* em seu entorno. Existia sempre um *entourage* que o incomodava ao mesmo tempo em que desejava participar. A crítica pontualmente se dirigia à filosofia do sujeito que se apresentava na linhagem da tradicional filosofia cartesiana, assim como também criticava a posição de intelectual ideal e a contribuição à ideia de intelectual livre que o filósofo defendia. À luz de sua trajetória de vida pode-se entender a crítica como erguida por dupla motivação: o mal estar que nutria pelo universo burguês francês - alicerçado em sua posição de estrangeiro em um universo pouco favorável à sua condição provincial - e a busca por uma proposta filosófica próxima da ciência. A ambivalência que nutria pelo filósofo, contudo, não o impediu de reconhecer a relevância para a filosofia da época; ao contrário, reconhece o mérito sartriano de ter levado a filosofia para o mundo, tê-la inscrito nos assuntos mundanos via fenomenologia, abrindo espaço para a intersecção entre filosofia e sociologia. Em *Sartre, l'intellectuel total* (1983), Bourdieu vê no empreendimento sartriano o questionamento que faz à própria filosofia na

¹⁹ SAPIRO, Gisèle. Pourquoi Le Monde Va-t-Il De Soi? De La Phénoménologie à La Théorie De l'Habitus. *Études Sartriennes*, n. 8, p. 165–186, 2001. Disponível em: www.jstor.org/stable/45063885. Acesso em: 10 set. 2020.

²⁰ Sapiro, Gisèle. Pourquoi Le Monde Va-t-Il De Soi? De La Phénoménologie à La Théorie De l'Habitus. *Études Sartriennes*, n. 8, p. 166, 2001. Disponível em: www.jstor.org/stable/45063885. Acesso em: 10 set. 2020.

²¹ BOURDIEU, Pierre. Entretien de Pierre Bourdieu avec Gisèle Sapiro, le 7 juin 200 (Annexe). In: PINTO, L.; SAPIRO, G. ; CHAMPAGNE, P. (orgs.). *Pierre Bourdieu, sociologue*. Paris: Fayard, 2004. p. 79-91.

medida em que perturba as fronteiras entre filosofia e literatura, introduzindo uma escrita literária e filosófica. Ao mesmo tempo, nesse artigo, Bourdieu efetua uma análise do que denomina “efeito Sartre”, posicionando-o no contexto da época social e intelectual, do qual pode se concluir que Sartre foi Sartre porque reuniu nele a conexão dos elementos que naquele momento permitiam-lhe sua ascendência. Provavelmente o que se pode dizer a seu próprio respeito.

A crítica de Bourdieu, na realidade, encontra-se inserida nas críticas contundentes que o existencialismo sartriano recebia no pós-guerra. Dosse²² salienta que no final dos anos quarenta e início dos anos cinquenta, Sartre passa da glória para ser alvo de questionamentos e ataques à sua filosofia, especificamente no campo intelectual, já que continuava sendo referência fora dos muros da intelectualidade francesa. Tal mudança de rumo na filosofia sartriana está vinculada a alguns fatores que se somaram à necessidade da renovação filosófica que clamava o campo intelectual francês. O ambiente favorável a Sartre sofre abalos com o surgimento do estruturalismo de Claude Lévi-Strauss, o qual adentra no cenário intelectual, na esteira da reivindicação por um espaço institucional para as ciências humanas e sociais. Acrescenta-se a isso a exigência por uma filosofia que pudesse dialogar com outras áreas do conhecimento, as discussões políticas acirradas em torno da Guerra Fria e os questionamentos a respeito do engajamento político do intelectual. Talvez se possa compreender que o filósofo fora a vítima identificada de uma crise que se instaura no interior das instituições escolares, cujo ápice será *Maio de 68*.

Sartre se insere no engajamento político, aproximando-se do Partido comunista francês, das lutas trabalhistas, assim como apoia ativamente a guerra da libertação argelina. Contudo, tal engajamento ocorre em um período no qual mudanças se operam no campo político e no campo intelectual. Boschetti (1985)²³ refere que o engajamento político sartriano, o qual visava a conciliação da ação política com a filosofia, se sustentava no pressuposto da necessidade de o intelectual revelar o mundo para transformá-lo, algo que encontra resistências e é combatido no interior de seu próprio espaço social por parte de amigos e

²² DOSSE, François. Le sujet captif: entre existencialisme et structuralisme. **L'Homme et la société**, n. 101, p. 17-39, 1991. Disponível em: http://www.persee.fr/doc/homso_0018-4306_1991_num_101_3_2557. Acesso em: 15 jun. 2020.

²³ BOSCHETTI, Anna. **Sartre y “Les temps modernes”**. Una empresa intelectual. Buenos Aires: Nueva Visión, 1990.

colaboradores, entre eles Maurice Merleau-Ponty. As rupturas, as dissidências e o distanciamento em relação a Sartre e à sua filosofia também se encontram vinculadas ao deslocamento das questões filosóficas que colocam em xeque a própria filosofia, a qual passa a dividir o cenário com a antropologia, a psicanálise, a literatura, a linguística e a sociologia. A filosofia se via instigada por um novo problema filosófico não mais alicerçado nas fileiras do existencialismo, uma filosofia alicerçada na concepção de um sujeito consciente e livre, o qual parecia não mais se sustentar na realidade social e política. Nesse sentido, o existencialismo sartriano, enquanto entendido como uma filosofia do sujeito se constitui em um dos pilares contra os quais Bourdieu ergue sua própria teoria.

A inclinação bourdieusiana para a crítica, a aguda sensibilidade para captar as tendências intelectuais que estavam surgindo aliada a uma postura voltada para a sociedade e para a inserção do indivíduo são elementos que parecem conduzi-lo a caminhos filosóficos afinados com os acontecimentos de seu tempo. Os questionamentos e ataques ao existencialismo sartriano e às posições políticas de Sartre vieram ao encontro de suas inquietações e posições contrárias ao mundo burguês que sob sua ótica habitava o campo intelectual. Um mundo desejado e temido ao mesmo tempo se considerarmos que a busca por ascensão social implica encontrar os meios de realizá-la. Bourdieu parece ter visto nessas críticas a possibilidade de saciar seus anseios na medida em que encontrava filósofos mais afins com suas inquietações. Oriundo de uma realidade social diferente da realidade de muitos dos *normaliens*, sobretudo os parisienses, Bourdieu assume a *coupure* bachelardiana como o fio condutor para questionar o universo intelectual. Algo que o incomodava de forma não muito clara no período de *normalien*, mas que se tornará mais tarde um dos pilares de sua empreitada teórica: romper com as noções pré-construídas do mundo social, ao qual se incluía o mundo intelectual.

A formação filosófica exigia não somente a adesão intelectual a alguma corrente teórica, mas exigia igualmente a incorporação do status elevado que se adquiria ao adentrar na prestigiosa *ENS*. As técnicas da oratória e da escrita e o domínio da linguagem filosófica associadas à formação cultural prévia em artes, literatura, música, esportes se apresentam como formas de dominação e de desigualdade alicerçadas nas diferenças de origem social. O enclausuramento escolástico, que será um dos motes de seu questionamento, em seu entendimento, promovia o desenraizamento dos intelectuais de suas origens sociais, formando uma

classe social iludidamente homogênea e afastada da sociedade, colocando-os em um distanciamento ativo e incorpóreo em relação àqueles que não pertenciam a esse universo. Em *Méditations pascaliennes* (1997), Bourdieu analisa o campo filosófico entendendo-o como um campo social, no qual a luta e os conflitos por posições e tomadas de posições se velam por trás da postura escolástica e de uma postura distanciada da própria razão de ser da filosofia, qual seja, o vínculo com o mundo, com a cotidianidade. Sob tal ótica, a incorporação desse estado de ser nas ações e no pensamento não permite que o filósofo, cuja dedicação se direciona ao pensamento, consiga pensar sua própria prática enleada na rede relacional que compõe os campos sociais. As disputas teóricas escondem as diferenças sociais. Em seu entender, ofertar essa análise é “[...] tentar lhe oferecer a possibilidade de uma liberdade a respeito das restrições e das limitações [...]”²⁴, em outros termos, conhecer o espaço social no qual se está inserido permite conhecer as possibilidades e as limitações do pensar e do agir. A liberdade em seu construto se constitui em uma liberdade constringida, uma liberdade dada a partir desse conhecimento do mundo social.

A partir de sua própria experiência, ele mesmo luta contra tal enclausuramento, pois tenta por meio da crítica manter-se distante, ainda que estivesse convivendo e pertencesse a um sistema que ao mesmo tempo ele também incorporava. A distância que naquele momento pode ser vista como defensiva, segundo Garcia-Parpet, receberá mais tarde com Sayad um princípio norteador para o trabalho etnográfico: “[...] o olhar cruzado de familiarização com o mundo estrangeiro e de desenraizamento do mundo familiar [...]”²⁵. Podemos realçar a relevância desse período de formação profissional e pessoal, um período de ganhos e de perdas, de sofrimentos e alegrias, de contato com a realidade social, uma realidade desigual, discriminatória e árdua, cujas experiências serão objetivadas na atenção que oferta à escola, ao sistema escolar e às relações ali instituídas. Ao tornarem-se foco de suas pesquisas, Bourdieu dedica-se a demonstrar a influência da herança cultural no sucesso escolar revelando a escola como um espaço de

²⁴ Tradução da autora. No original: «[...] tenter de lui offrir la possibilité d'une liberté à l'égard des contraintes et des limitations [...]» *In*: BOURDIEU, Pierre. **Méditations pascaliennes**. Paris: Éditions du Seuil, 2003. p. 47.

²⁵ Tradução da autora. No original: «[...] le regard croisé de familiarisation avec un monde étranger et de déracinement d'un monde familial [...]». *In*: GARCIA-PARPET, Marie-France. Des outsiders dans l'économie de marché. Pierre Bourdieu et les travaux sur l'Algérie. **Awal**: Cahiers d'études berbères, Paris, n. 27-28, p. 143, 2003.

reproduções das hierarquias sociais, uma proposta contrária aos ideais republicanos de igualdade supostamente alcançada pela escola. Mais do que isso, o que se encontra no transfundo dessas pesquisas é a tentativa de romper com poderes instituídos, especialmente, das instituições de ensino que se alicerçavam em princípios universais.

As pesquisas realizadas por Bourdieu referentes ao sistema de ensino francês se constituíram em objetos de pesquisa e análise nas obras *Les héritiers, les étudiants et la culture* (1964) escrito com Jean-Claude Passeron e *Les étudiants et leurs études* (1964) escrito também com Jean-Claude Passeron, acrescida da colaboração de Michel Eliard. Tanto a primeira obra como a segunda sofrem novas publicações revisadas pelos autores, a primeira no ano de 1966 e a segunda sob o título *La reproduction* (1970). O objetivo das pesquisas visava o realce das desigualdades sociais que o sistema se encarregava de acentuar na medida em que as diferenças não se assentavam somente nas questões econômicas, mas também se encontravam no capital cultural de seus alunos. O questionamento ofertado pelos autores se dirigia ao princípio de meritocracia que regia tal sistema, já que esse princípio escondia a diferença de condições às quais os estudantes de classes menos favorecidas socialmente estavam expostos. Na esteira desse questionamento encontra-se igualmente a desconfiança a respeito das possibilidades emancipatórias defendida pela escola republicana francesa. Sob essa ótica, ao estudante francês advindo dessas classes sociais lhe era mais difícil encontrar a ascensão social somente pela lógica da dedicação aos estudos e pelo esforço pessoal. Nos anos oitenta, publica *Homo academicus* (1984) e *Noblesse d'État. Grandes écoles et esprit de corps*. (1989), os quais apresentam um aparato conceitual delineado que lhe permite aprofundar a discussão das relações de dominação no campo universitário e nas grandes escolas francesas. Torna-se relevante realçar que a educação é objeto de interesse também presente em *Le déracinement. La crise de l'agriculture traditionnelle en Algérie* (1964), escrita com Abdemalek Sayad, cuja conclusão orienta a necessidade de rever o sistema educacional argelino pós-guerra a fim de contemplar não somente os menos favorecidos socialmente, mas também a perspectiva das mudanças socioculturais que o processo de colonização efetuará.

Desencantar o mundo social, denunciar a gama de subterfúgios que permeiam as relações sociais, trazer à tona a violência simbólica exercida nas

relações de dominação foram sua meta principal, o que não ocorria sem custo pessoal na medida em que ele mesmo se viu participando do mercado de bens simbólicos. Wacquant²⁶ refere-se ao incômodo que sentia cada vez que era homenageado ou quando da ocasião da indicação para o *Collège de France* ou em qualquer situação na qual estava em evidência fora do âmbito das discussões teóricas. Uma mistura de desejo, de satisfação, de culpa e de insegurança encontrava conforto na certeza de que aceitar a homenagem, o prêmio ou assumir a cátedra só teria valor se pudesse demonstrar que ele representava o desenvolvimento de um trabalho coletivo e se pudesse questionar sua própria indicação, pois entendia que sua posição para além dos muros acadêmicos lhe exigia cada vez mais retornar para a sociedade o que ela havia lhe propiciado. Tal ambivalência torna-se compreensível sob a ótica do trânsito de classe, essa posição *être en porte-à-faux* que o caracterizava, uma posição que o coloca na mesma condição do estrangeiro, a condição de não pertencimento a lugar nenhum: nem ao seu de origem nem ao que ocupa no momento. A sensação de não pertencimento ainda que pertença a esse espaço intelectual gera conflitos na maioria das vezes entre a origem humilde e a exposição aos holofotes, entre o temido e o desejado.

Na *ENS*, Bourdieu afina-se com uma filosofia que dialoga com a ciência e a sociedade ao mesmo tempo em que ofertava uma rede conceitual melhor delimitada. Desde o período da preparação e nos anos de *normalien*, Bourdieu estuda Blaise Pascal, Baruch Spinoza, Gottfried Leibniz, Ludwig Wittgenstein, Edmund Husserl, Martin Heidegger, Gaston Bachelard, Eric Weil. Participou dos seminários de Maurice Merleau-Ponty, de Georges Canguilhem, de Claude Lévi-Strauss, de Jules Vuillemin, assim como frequentou outras disciplinas, a matemática sendo uma delas. O estudo da obra de Karl Marx, assim como Max Weber, Marcel Mauss, Émile Durkheim, Margareth Mead, também são contemplados. Da mesma maneira que Sigmund Freud, Jacques Lacan, Donald Winnicott, além de Ferdinand de Saussure, Émile Benveniste e Roman Jakobson. Não caberia aqui listar a miríade de autores com os quais Bourdieu empreendeu um estudo dialógico, seja da tradição francesa, alemã ou inglesa. O realce recai em uma formação teórica sólida,

²⁶ WACQUANT, Loïc. Bourdieu 1993: um caso de consagração científica. Tradução de André Villalobos. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 28, n. 8, p. 33-46, Oct./2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v28n83/03.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2020.

acrescida de um conhecimento amplo de idiomas tais como o alemão, o inglês e o espanhol e das línguas clássicas como o latim e o grego. Em suma, Bourdieu demonstra-se um incansável estudioso, o que lhe possibilitou a construção de uma trajetória acadêmica que se demonstrava promissora.

O contato com autores diversos lhe possibilitou construir uma postura intelectual e um estilo de pesquisa que lhe permitiu enfrentar os autores agindo na linha do que denominou *pour et contre*. Efetivamente, Bourdieu enfrentava os autores de uma maneira artesanal, trabalhada, buscava neles os pontos que lhe interessava sem se preocupar se pertenciam à mesma tradição ou à mesma linha filosófica. A busca por encontrar o nexos que os aproximava também lhe possibilita deparar-se com os vácuos existentes nas teorias. Essa postura investigativa terminou se constituindo em seu *modus operandi*. A preocupação que tinha era com o problema, o objeto de sua pesquisa e com o objetivo que almejava alcançar. Da mesma forma que tal preocupação se contextualizava nas demandas ou vácuos do próprio campo intelectual. A aversão aos rótulos ou às etiquetas, isto é, às classificações acadêmicas, deve-se ao entendimento de que as mesmas se constituem em obstáculos para o avanço do conhecimento. Pode-se dizer que a miríade de autores pelos quais se interessou e, com os quais compartilhou horas de leitura, debates e escrita formaram o núcleo duro de sua filosofia. Ao pesquisar sua obra não se consegue realçar qual desses filósofos, sociólogos, linguistas, historiadores, entre outros, exerceram mais influência em seu pensamento, um pensamento amalgamado em uma espécie de teia intelectual, cujos fios teóricos se tecem de tal maneira que não é possível uma identificação clara a qual novelo pertence.

Bourdieu apreendeu desde muito cedo a pensar por si mesmo e isso se encontra na peculiaridade de seu pensamento. A singularidade na maneira como lidava com os autores, não se tornando especialista em nenhum, em certa medida o afastou da filosofia, cujo exercício filosófico conforme lhe fora apresentado, a escrita dissertativa em torno de conceitos ou autores, não o atraíam. Na obra *Le métier de sociologue. Préalables épistemologiques* (1968), escrita em conjunto com Jean-Claude Chamberon e Jean-Claude Passeron, tal peculiaridade encontra eco nos coautores e, naquele momento, colaboradores na empreitada de elaborar uma nova sociologia. Nesse momento, assentam um sistema intelectual alicerçado em uma dose de invenção, de imaginação e de intuição advindas do estudo rigoroso das

teorias e métodos sociológicos existentes. O fio condutor da proposta encontra-se na assunção de *coupure* bachelardiana colocada em ação na construção da sociologia que almejavam. Com isso, realçamos a marca desse estilo e dessa maneira de enxergar e se posicionar diante dos autores e suas teorias. Tal forma de ser e forma de pensar a maneira como se enfrenta a pesquisa seja teórica, seja empírica, acarreta dificuldades para os pesquisadores de sua obra. Embora seja relevante perscrutar as influências de obras vastas como a bourdieusiana, é preciso compreender o *modus operandi* que emprega. Bourdieu opera como uma espécie de alquimista colocando todos os pensadores com os quais dialogou intelectualmente em uma espécie de cadinho, criando sua própria poção, cujo sabor realça o tempero em acordo com o paladar de quem a saboreia. O *modus operandi*, contudo, segue um eixo que atravessa a obra do início ao fim: a relação do indivíduo e sociedade. Esse eixo sustenta o empreendimento teórico de sua sociologia.

Encerrada a agregação em filosofia nos anos cinquenta, Bourdieu inicia a carreira como docente no *Lycée Théodor-de-Banville*, em Moulin, na região francesa de Auvergne, contrariando a indicação de Georges Canguilhem, que havia planejado indicá-lo para o *Lycée Pierre-Fermat*, de Toulouse. Ao eleger Moulin, Jules Vuilleman era o filósofo de quem Bourdieu queria estar perto e com o qual manteve uma longa relação a ponto de lhe confiar durante muito tempo seus artigos antes de publicá-los. O último curso que ministrou no *Collège de France*, antes de sua aposentadoria nos anos noventa, foi dedicado ao filósofo. No caso da orientação para a tese doutoral, entretanto, escolhe Georges Canguilhem; a tese versaria sobre as *Structures temporelles de la vie affective*, cuja pesquisa lhe exigia o estudo da filosofia husserliana e leibniziana, da biologia, da fisiologia, da medicina psicossomática, às quais se acrescentam as longas horas de trocas intelectuais e afetivas. Ambos vinham do interior e, retrospectivamente, Bourdieu se refere a esse reconhecimento tácito e mudo de quem vivencia situações semelhantes. A tese doutoral, prejudicada pela exigência de cumprir com o serviço militar, termina sendo interrompida após o seu retorno da guerra argelina para onde foi enviado a fim de cumprir uma punição militar. Ao definir cedo qual era o caminho filosófico que melhor vinha ao encontro de suas angústias existenciais, as quais se encontravam vinculadas aos constrangimentos do mundo social, o episódio acima colocado inspira inferir que Bourdieu não se eximiu de realizar suas escolhas teóricas, da mesma maneira que se permitia escolher o caminho que iria percorrer ainda que

isso pudesse lhe trazer algum tipo de constrangimento, de afastamento ou mesmo de rompimento.

Na esteira da filosofia das ciências, ou em suas palavras, “[...] uma filosofia enraizada na ciência [...]”²⁷, seu interesse recaía em uma maneira de pensar e de agir que permitisse a abertura para outras disciplinas. Na ânsia por compreender o ser humano em sua condição de ser no mundo social, Bourdieu somente conseguia ser fiel a si próprio, aos seus próprios objetivos, o que lhe rendeu dissabores, mal entendidos, afastamentos e rupturas ao longo de sua trajetória. Igualmente, foi alvo de questionamentos, incertezas, dúvidas e inseguranças muitas vezes compartilhadas com seu grupo de colaboradores. Pode-se colocar que o senso prático que detinha lhe possibilitou romper com o que estava pré-construído em seu caminho, assumindo ele próprio e à sua maneira a construção de sua trajetória intelectual.

2.2 ARGÉLIA: O ENCONTRO CONSIGO MESMO

A mudança de trajetória se opera a partir da convocação para cumprir com o serviço militar. Inicialmente é locado no serviço de psicologia em *Versailles* e, posteriormente, encaminhado para a guerra argelina. A chegada à Argélia ocorre no ano de 1955 como soldado de segunda classe. A posição de segunda classe foi escolhida pelo próprio Bourdieu, que se recusou a frequentar a *École des officiers de réserve* a que tinha direito devido à sua formação superior. A recusa seguia a postura contrária que assumia perante tudo que lhe lembrasse a burguesia e seus privilégios. Além disso, dois aspectos merecem ser destacados: o comportamento oposicionista a tudo o que representava a autoridade e a convicção política que o colocava contrário à presença francesa na guerra. Episódios de indisciplina e de contestação da autoridade militar se somaram à assinatura do jornal *L'Express*, o qual sofria censura do governo francês. O conjunto de fatores teve como consequência o embarque para a guerra a fim de dar seguimento ao serviço militar.

²⁷ Tradução da autora. No original: «[...] une philosophie enracinée dans la science [...]» *In*: BOURDIEU, Pierre. « Secouez un peu vos structures ! ». *In*: DUBOIS, J.; DURAND, P. ; WINKIN, Y. (dir.). **Le symbolique et le Social**. La réception internationale de la pensée de Pierre Bourdieu. Nouvelle édition en ligne. Liège: Presses Universitaires de Liège, 2015. p. 335. Disponível em: [http:// books. openedition.org](http://books.openedition.org). Acesso em: 20 jul. 2020.

Em solo argelino, o serviço militar é realizado na base aérea do vale do *Chélif*, no interior do país, no qual permanece durante alguns meses, quando é deslocado para o *Service de documentation et d'information du Gouvernement general* após a intervenção de familiares junto a oficiais conterrâneos para realizar essa transferência. Os motivos pelos quais essa transferência se operou nunca foram revelados, assim como Bourdieu nunca falou a respeito desse período inicial²⁸. O pouco que se sabe é por meio de relatos de colaboradores da época, os quais mencionam sua disponibilidade em redigir cartas para os familiares dos soldados, assim como em substituí-los na guarda noturna. Em relação ao período em que esteve no *Service de documentation* não há registros, mas se pode especular o conflito com o qual teve que lidar, já que para alguém contundentemente contrário à posição colonizadora francesa ver-se a serviço daquilo que contestava e submetido à autoridade militar provavelmente estava carregado de sofrimento e inquietude. Na verdade, esse período em que esteve exposto a um campo de guerra e depois a serviço do setor de documentação é um ponto obscuro em sua trajetória. As consequências dessa exposição ainda não são claras pela falta de documentação ou algum tipo de registro que possa fornecer alguma pista referente à experiência vivida. Ao mesmo tempo, ter acesso a essa época apenas serviria para compreender o indivíduo e suas complexidades.

A luta pela sobrevivência psíquica mais uma vez lhe exige uma reação e o caminho que conhece é dedicar-se ao estudo do idioma local (árabe e berbere) nas horas livres, a frequentar bibliotecas, sobretudo a biblioteca do *Gouvernement general*. Paralelamente ao acesso à biblioteca realiza contatos com intelectuais locais e intelectuais franceses simpatizantes da causa pela independência argelina²⁹. Na tentativa de adaptar-se à nova realidade, Bourdieu vale-se das ferramentas que utiliza desde cedo: o estudo e a pesquisa como uma forma de objetivar a vivência dura da guerra por meio do conhecimento da realidade de um

²⁸ SAYAD, Abdelmalek. Colonialismo e migrações. **Mana, estudos de Antropologia Social**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 155-170, abril/1996. Disponível em: <https://www.revistamana.org>. Acesso em: 16 jul. 2020.

²⁹ A esse respeito, Martin-Criado (2008) refere que os contatos eram selecionados devido à polarização existente entre os intelectuais: de um lado, aqueles vinculados à Sorbonne e, de outro lado, aqueles alinhados com a ordem política e administrativa mantenedora da ordem colonial. A dominação do espaço recai nos segundos, os quais efetuavam perseguições a todos os que eram contrários à ordem colonial: colegas, professores e pesquisadores. *In*: MARTÍN-CRIADO, Enrique. **Les deux Algéries de Pierre Bourdieu**. Traduction d'Hélène Bretin. Broissieux: Éditions du Croquant, 2008. p. 31.

país completamente diferente do seu. Ao mesmo tempo, de alguma maneira Bourdieu encontrou ou reencontrou a si mesmo nesse ambiente socialmente caótico e turbulento. A relação afetiva que o país e sua população lhe despertam será o fio condutor tanto de suas ações em sua permanência como no despertar para a construção efetiva de sua teoria social. Pode-se colocar que a emoção objetivada é o motor que impulsiona o lançamento das bases da sociologia que elabora.

O ensejo de estudar os aspectos históricos, culturais, sociais e políticos argelinos o aproxima dos intelectuais locais e dos intelectuais franceses simpatizantes da causa pela independência argelina. A busca inicial pela sobrevivência psíquica transforma-se paulatinamente em interesse intelectual na medida em que o somatório de estudo e de contatos vão lhe propiciando uma leitura crítica tanto sobre as obras publicadas a respeito do país como também em relação à visão que carregava consigo do mesmo³⁰. Uma visão distante e parcial adquirida do ponto de vista francês. De acordo com Chachoua³¹, o sistema escolar francês não incluía o estudo de suas colônias e, da mesma forma como Bourdieu, a intelectualidade francesa a via como um departamento francês territorialmente distante. Ainda conforme o autor³², a implicância disso recai em que a guerra não era vista como uma guerra entre dois países, mas uma guerra entre departamentos franceses, o que realçava a ignorância a respeito da diversidade étnica e cultural. No período da guerra, a falta de conhecimento a respeito da Argélia como sendo um país com sua própria cultura oportunizou uma visão reducionista de sua população a rebeldes, militantes e adversários. A riqueza cultural do país, a sua constituição multicultural e multilinguística não era conhecida, assim como a condição de colônia não podia ser compreendida. A partir do envolvimento afetivo e intelectual com a Argélia e os argelinos, Bourdieu percebe que a defesa da independência ocorria à luz de um entendimento parcial a respeito da sociedade argelina.

³⁰ Nouschi (2003) lembrando o encontro com Bourdieu na Universidade de Alger realça sua curiosidade e vontade de conhecer tudo o que podia a respeito da cultura e da sociedade argelina, sem se constranger em solicitar auxílio para tentar compreender a destruição na qual o país estava mergulhado. Acrescentando que o interesse em sua pesquisa, da qual Bourdieu foi orientador, foi também uma oportunidade em despertar para a desestruturação causada pela colonização no meio rural e a introdução do capitalismo. *In*: NOUSCHI, André. *Autour de Sociologie de l'Algérie*. **Awal: Cahiers d'études berbères**, Paris, n. 27-28, p. 29-35, 2003.

³¹ CHACHOUA, Kamel. Pierre Bourdieu et l'Algérie: Le savant et la politique. **Revue des mondes musulmans et de la Méditerranée**, Aix-en-Provence, n. 131, juin. 2012. Disponível em: <http://journals.openedition.org>. Acesso em: 15 jul. 2020.

³² CHACHOUA, Kamel. Pierre Bourdieu et l'Algérie: Le savant et la politique. **Revue des mondes musulmans et de la Méditerranée**, Aix-en-Provence, n. 131, juin. 2012. Disponível em: <http://journals.openedition.org>. Acesso em: 15 jul. 2020.

O choque sofrido por Bourdieu dá-se pelo confronto com sua própria ignorância a respeito do país que defendia, além de que, longe da sociedade parisiense, depara-se com uma sociedade muito diferente daquela em que convivia nos últimos anos. O impacto com o país, com sua população, seus valores e sua cultura o instigam a elaborar o projeto de romper com a visão francesa da realidade argelina a fim de que os franceses, sobretudo, os intelectuais, pudessem compreender o que significa a luta pela independência em um país colonizado. Motivado por tal projeto dedica-se a aprender e apreender a cultura argelina o que conduziu a intensificação da pesquisa, do estudo, assim como a ampliação dos contatos com os intelectuais locais após o término do serviço militar. Empenhado em permanecer no país, Bourdieu assume as disciplinas de filosofia e sociologia na Universidade de Alger ao mesmo tempo em que coordena pesquisas entre os anos 1958 e 1959 a respeito das transformações sociais e econômicas do mundo urbano e rural advindas do processo de colonização vinculadas à ARDES (*Association de Recherche sur le Développement Économique et Social*)³³. O vínculo da pesquisa a um órgão estatal exigia uma habilidade criativa para cumprir com a demanda governamental sem abrir mão dos objetos de pesquisa e perspicácia para efetuar as análises que interessavam ao grupo que liderava.

O envolvimento com a pesquisa, por sua vez, permitiu-lhe viajar pelo interior coletando material por meio de observações, entrevistas, levantamento de dados e registros fotográficos. Tais registros são catalogados cuidadosamente em cadernos que servem como álbuns organizando-as por temas de interesse. Nesse período o exercício de fotografar não se vinculava exclusivamente a uma ferramenta de pesquisa, mas também cumpre com a função de proteção psíquica³⁴. Com sua câmera registrou o cotidiano, as pessoas, os ambientes, as paisagens, enfim, a realidade tal como a via, cuja intermediação do objeto lhe permitia suportar o abalo emocional que lhe provocava a realidade avassaladora de sofrimento e desesperança na qual a população se encontrava. Além disso, tal exercício intermediava também a relação com os argelinos na medida em que o auxiliava no contato, aproximando-o dos mesmos, uma vez que não se limitava a simplesmente

³³ ARDES é o braço argelino do INSEE – Institut National de la Statistique et des Études Économiques com sede em Paris, França.

³⁴ BOURDIEU, Pierre. Voir avec l'objectif autour de la photographie. Entretien avec Franz Schultheis. In: BOURDIEU, Pierre. **Esquisses algériennes**. Textes édités et présentés par Tassadit Yacine. Paris: Seuil, 2008. p. 363 – 374.

realizar registros fotográficos. Ao contrário, tais registros eram realizados à luz de conversas com as pessoas, já que não perdia de vista o fato de que retratava a vida de seres humanos. Fotografar também era uma maneira de se manter próximo afetivamente e distante o suficiente para realizar a coleta dos dados que lhe interessava para sua pesquisa. Convertendo-se em uma espécie de fichário de imagens, os registros fotográficos mais tarde o auxiliavam para lembrar algum detalhe ou algum lugar no momento em que reunia os dados coletados com sua equipe. Além disso, fotografar lhe permitia também extravasar o afeto e carinho que tinha por esse país, conforme suas próprias palavras: “[...] eu amava muito esse país, eu estava em um estado de extrema exaltação afetiva e eu fazia fotos de coisas que me agradavam”³⁵.

A relação afetiva que estabelece com o país, sua população e sua cultura é a via que lhe permite enxergar a possibilidade que ali se apresentava para compreender as relações de dominação social - mais evidentes em um país colonizado - ao retratar as perdas que sofriam. Por sua vez, a fotografia cumpre também com o papel de transição que se opera, na medida em que ao olhar do filósofo vai se incorporando o olhar do etnólogo e do sociólogo. Embora tenha sido objeto de uma pesquisa publicada sob o título *Un art moyen. Essais sur les usages sociaux de la photographie* (1965), o acervo de mais de duas mil fotografias - a maioria perdida ao longo das várias mudanças que tivera e do qual restara algumas centenas - ficara guardado durante décadas. A fotografia, assim como outros temas, os museus e, a alta costura, alvos de pesquisas e publicações abrem espaço para a pesquisa vinculada às determinações sociais que se encontram no gosto, foco da obra *La distinction. Critique sociale du jugement* (1979). Em relação ao material fotográfico que ainda possuía, Bourdieu consentiu em torná-lo público dentro do projeto que Franz Schultheis³⁶ lhe propusera apresentá-las. A exigência recaí em uma apresentação que oportunizasse àqueles que a frequentassem apreciá-las dentro do contexto cronológico, geográfico e temático em que foram realizadas. Com essa proposta, o acervo que restara é apresentado ao público em uma exposição realizada um ano após seu falecimento.

³⁵ BOURDIEU, Pierre. Voir avec l'objectif autour de la photographie. Entretien avec Franz Schultheis. *In*: BOURDIEU, Pierre. **Esquisses algériennes**. Textes édités et présentés par Tassadit Yacine. Paris: Seuil, 2008. p. 365.

³⁶ SCHULTHEIS, Franz. Pierre Bourdieu and Algeria: an elective affinity. *In*: SCHULTHEIS, Franz; FRISINGHELI, Christine. **Picturing Algeria**. Pierre Bourdieu. New York: Columbia University Press, 2014. p. 1-6.

O interesse em conhecer o país da forma mais completa possível não estava somente alicerçado na busca por adaptar-se à nova situação, mas cumpria também com um interesse intelectual. A motivação intelectual estava vinculada ao objetivo de apresentar a Argélia tanto para os franceses como para os argelinos, já que percebe o conhecimento parcial que os intelectuais de ambos os países e por razões diferentes tinham do mesmo. Ele próprio incluído. Em uma entrevista para Pierre-Marc de Biasi³⁷ nos anos noventa, assim como na entrevista realizada com Tasside Yacine e Hafif Adnani³⁸, Bourdieu se refere ao objetivo de mostrar a Argélia desde um ponto de vista: o dele. Em relação aos franceses, partia do pressuposto de que a distância territorial oportunizava uma visão ingênua da sociedade argelina. E, em relação aos argelinos, se sente *con-vocado* a disponibilizar sua gama de conhecimentos a fim de apresentar uma visão mais científica, com instrumentos mais atualizados da pesquisa sociológica e etnológica, às quais não tinham acesso apesar dos contatos e do intercâmbio que existia com a França. Tal ensejo encontra-se vinculado à percepção de que as posições favoráveis ou contrárias à guerra e ao colonialismo estavam alicerçadas em um conhecimento parcial porque não levavam em consideração os efeitos da colonização na estrutura social do país.

O despertar para a condição colonial argelina dá-se pelos contatos com os intelectuais locais, cujos encontros a realçavam como responsável pela promoção de uma profunda transformação na cultura argelina. O estudo, os diálogos, o *background* filosófico e a postura crítica que o caracterizava lhe fornecem as condições para captar o elo que permitia compreender como tais mudanças estavam sendo operadas. Percebe que a colonização atingira um alvo determinante em seu processo de dominação: as estruturas mentais da população. A maneira de pensar e de agir ao estilo francês conflitava com a maneira de agir e pensar dos argelinos, cujas origens regionais detinham níveis diferentes de incorporação da cultura francesa. O apelo para as pesquisas continha o viés de compreender tal processo na linha de um impulso mais político e científico do que meramente cívico. Bourdieu é explícito a esse respeito, pois em alguns momentos aceita que a sua motivação era política, em outros se refere a uma motivação meramente cívica e, ainda, em

³⁷ BOURDIEU, Pierre. Pour une sociologie rénovée de la littérature. Interview de Pierre Bourdieu. [Propos recueillies par] Pierre-Marc de Biasi. **Magazine Littéraire**, n. 303, p. 104-111, octobre/1992. Disponível em: <http://www.pierre-marc-debiasi.com>. Acesso em: 15 jul. 2020.

³⁸ BOURDIEU, Pierre. L'autre Bourdieu. Celui qui ne disait pas ce qu'il avait de cacher. Entretien réalisé par Hafif Adnani et Tassadit Yacine. **Awal**: Cahiers d'études berbères, Paris, n. 27-28, p. 229-247, 2003.

outros momentos, reconhece a visada política da proposta científica que norteavam suas pesquisas.³⁹ Enfim, o que importa compreender é que seu construto teórico tais dimensões se encontram articuladas.

A motivação política sempre esteve presente, apesar de que nesse momento argelino e, posteriormente, o apelo intelectual interno o conduzia a ofertar às suas análises um caráter científico, objetivado, voltado ao seu objeto de pesquisa. No início de seu percurso intelectual, sua preocupação primeira era ofertar uma visada científica para a análise do mundo social. As ações políticas estavam diluídas nas análises que realizava. Pinto⁴⁰ refere que separar o intelectual erudito do intelectual engajado é uma imagem caricatural, pois tal dicotomia não se cumpre quando se vê de perto a postura de um intelectual que pratica um saber engajado. O autor ainda realça a necessidade de compreender que o saber engajado bourdieusiano não aparecia em atitudes midiáticas que assim o identificassem, algo que somente ocorrerá anos mais tarde. No entanto, tal dicotomia acaba sendo incentivada pelo próprio Bourdieu na medida em que é ambivalente quando questionado a esse respeito. De um lado, Bourdieu imprimiu ao longo de seu percurso um posicionamento de “esquerda da esquerda”. De outro lado, a recusa inicial em assumir abertamente o viés político de seu empreendimento teórico se explicava pela aversão a discursos políticos presentes em sua época, os quais, ao defenderem a população menos favorecida, os trabalhadores e os camponeses, não contemplavam o impacto desses discursos na realidade social.

A crítica se dirigia à esquerda socialista dos anos cinquenta e sessenta a qual se preocupava mais em saber se a revolução viria da cidade ou do campo e menos em lhes ofertar condições para lidar com os constrangimentos sociais⁴¹. Tal crítica surge das pesquisas elaboradas na Argélia que lhe demonstram a existência de uma oscilação no comportamento do proletariado entre o desejo de mudanças e a resignação à sua realidade, sobretudo entre aqueles submetidos a subempregos. Com isso, Bourdieu realça a incompreensão por parte dos defensores da revolução

³⁹ Podem-se ver essas mudanças de posicionamento em: BOURDIEU, Pierre. *Entre amis* (1997). In: BOURDIEU, Pierre. **Esquisses algériennes**. Textes édités et présentés par Tassadit Yacine. Paris: Seuil, 2008. p. 349-356.; BOURDIEU, Pierre. **Esquisse pour une auto-analyse**. Paris: Raison d’Agir, 2004.

⁴⁰ PINTO, Louis. «Neutralité axiologique, science et engagement». Une lettre de Pierre Bourdieu. **Savoir/Agir**, n. 16, p. 109 – 113, 2011/2 . Disponível em: <http://www.cairn.info>. Acesso em: 15 jul. 2020.

⁴¹ BOURDIEU, Pierre. *Entre amis* (1997). In: BOURDIEU, Pierre. **Esquisses algériennes**. Textes édités et présentés par Tassadit Yacine. Paris: Seuil, 2008. p. 350-356.

social a respeito do significado prático do emprego e do salário na vida daqueles e daquelas que se encontram em situações desfavoráveis socialmente⁴². A crítica pode ser vista também como um indicativo de que, sem entender e conhecer as condições de possibilidade dessa população, a adesão à proposta revolucionária não aconteceria. Em outros termos, a política partidária não o atraía por razões as quais somente podem ser inferidas, uma delas se deve provavelmente a esse caráter inquieto e questionador e à posição de *être en porte-à-faux* que o caracterizava. Ambas as possíveis razões conduzem a prática de pensar por si mesmo nas brechas que os campos sociais nos quais se inseriu lhe ofertavam.

A sociologia forneceu as armas que lhe permitiu agir politicamente, disto se trata um saber engajado, uma vez que o conhecimento sociológico ao estar enraizado no mundo social propicia tal engajamento. Existia um Bourdieu idealista, ansioso e empenhado em mudar o mundo com as armas do conhecimento, motor que o conduziu a conviver com os intelectuais argelinos e franceses insatisfeitos com o regime colonial. Embora tenha conhecido e convivido com integrantes de grupos rebeldes não participou de nenhuma luta armada. Apenas apoiava a luta revolucionária por meio de suas atitudes e conhecimento que ofertava por meio de suas pesquisas e aulas. Nesse percurso, chama a atenção o fato dele não ter comentado se, em algum momento, se sentiu atraído a participar ativamente da luta armada revolucionária, uma vez que se mostrava contundentemente contrário a qualquer dominação e autoridade. Os paradoxos do indivíduo Bourdieu, cuja vontade de agir politicamente por meio de protestos abertos e públicos – o que em uma personalidade combatente seria uma grande possibilidade - parece desviada para a pesquisa, a docência e a capacidade de estabelecer diálogos e liderar grupos de estudo e de pesquisa. Os riscos que assumia davam-se por meio dos temas que abordava e dos artigos que escrevia, ou seja, parece sublimar seu espírito bélico com a arma da oratória e da escrita.

As pesquisas e as análises propiciadas ocorriam durante um período turbulento, cuja ameaça à vida era permanente⁴³, portanto, existia uma preocupação

⁴² BOURDIEU, Pierre. Espérances subjectives et chances objectives. In: BOURDIEU, Pierre. **Algérie 60**. Structures économiques et structures temporelles. Paris: Les Éditions de Minuit, 1997. p. 68-81.

⁴³ As fontes consultadas para abordar a condução da pesquisa argelina são as entrevistas com Alain Accardo, André Nouschi, Salah Bouhedja reunidas em *Awal: Cahiers d'études berbères*, Paris, n. 27-28, 2003. Acrescenta-se *Esquisse pour une auto-analyse* (2004) de Pierre Bourdieu.

real com a sua própria vida⁴⁴ e a dos seus colaboradores. Ameaças advindas tanto do *establishment* francês como dos revolucionários argelinos decorrentes de um clima de tensão e desconfiança que configurava as relações sociais. Os pesquisadores não somente tinham que driblar as autoridades militares, os militares que os vigiavam, passar por barreiras da armada francesa e da *Armée de libération nationale (ALN)*, escapar de atentados e repentinamente terem que se esconder de um possível atentado quando chegavam a determinados povoados, mas também tinham que driblar os objetivos das pesquisas. Estratégias que se impunham realizar na medida em que o projeto de pesquisa estava vinculado a um órgão oficial ao mesmo tempo em que sem ele não poderiam realizar o objetivo que os reunia: demonstrar que ocorria com a população menos favorecida. Enfim, pesquisar em um território em guerra exigia não somente ser cuidadoso com os problemas de pesquisa que propunham a respeito das mudanças na sociedade argelina, algo que impunha a cuidadosa revisão do método em conjunto com uma vigilância teórica constante, mas também exigia habilidade para lidar com uma população desconfiada em um território minado de frustrações, de desesperança e de pobreza. Ao mesmo tempo precisavam estar atentos às emboscadas, barreiras, atentados de todos os lados: franceses e argelinos. Em suma, exigia uma criatividade permanente para dar conta das vicissitudes do momento⁴⁵.

A formação pessoal e intelectual encontra no território argelino as condições de possibilidade para construir seu próprio caminho. Na Argélia, Bourdieu coloca seu *background* filosófico à prova, com outro público e em outras condições. Pela primeira vez em sua trajetória ele assume o lugar de referência no cenário conturbado do campo intelectual argelino. Liderando equipes de colaboradores, em sua grande maioria alunos seus da Universidade de Argel, aos quais se agregam colegas de seus colaboradores e franceses recém-chegados, Bourdieu pratica o

⁴⁴ Em uma nota de rodapé, *Le Sueur* refere-se a uma entrevista concedida por Bourdieu em 30 de março de 1990, em Paris, na qual revela que tinha sido forçado a esconder-se em diversas ocasiões, inclusive que seu nome constava na lista vermelha da Armada francesa. A possibilidade de ser preso a qualquer momento lhe exigia uma vigilância constante. *In: LE SUEUR, James Dean. Nota n° 50. The politics of othering. In: LE SUEUR, James Dean. Uncivil war: intellectuals and identity politics during the decolonization of Algeria. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2001. p. 292.*

⁴⁵ No Prefácio da obra *Travail et travailleurs en Algérie* (1963), Bourdieu se refere às estratégias que ele e seus colaboradores criavam para viabilizar a pesquisa em um cenário no qual a desconfiança imperava e o medo era um sentimento comum a todos. *In: BOURDIEU, Pierre. Avant-propos. In: BOURDIEU, P.; DARBEL, A.; RIVET, J-P. ; SEIBEL, C. Travail et travailleurs en Algérie. Paris: Mouton, 1963.*

trabalho filosófico conforme acreditava que deveria de ser. Distante do campo disputado da filosofia francesa, o campo intelectual argelino se encontrava aberto para experimentar uma filosofia prática, vinculada ao mundo social e aberta para outras disciplinas. Ao colocar a filosofia a serviço das pesquisas de campo, a etnologia e a estatística passam a integrar o escopo de suas pesquisas, cria tabelas em conjunto com sua equipe, elabora questionários, usa fotografias, enfim, é incansável para esmiuçar e alcançar a análise que buscava para seu objeto de pesquisa. O espírito multidisciplinar que caracterizou seu trabalho como sociólogo vê seu início nesse período ainda como jovem filósofo. Liderar, coordenar, incentivar eram características que se retroalimentavam com a ação e a dedicação de seus colaboradores, muitos dos quais permanecerão em contato com ele ao longo da vida.

Bourdieu encontra a si mesmo nesse país, um país que o acolhe e que lhe é estranhamente familiar. “Sentir-se em casa”; “como um peixe dentro da água” são duas frases reiteradamente utilizadas por ele para explicitar o que ocorre quando existe uma confluência entre o *habitus* do agente e o campo social no qual se insere, isto é, uma adesão rápida e imediata às regras do jogo de dado campo. Esse aspecto de sua teoria encontra eco nesse encontro de afinidades com um país e uma população que aos poucos lhe permitirá reencontrar suas próprias origens sociais ou, como costumava colocar: experimentar “o retorno do recalcado”. Na verdade, tal encontro visto como um reencontro ocorre por meio do reconhecimento de sua própria condição social. Reconhecer-se na condição social do outro não significa ser igual ao outro, mas estar com o outro via a identificação que se opera. E, tal reconhecimento possibilita encontrar as palavras, os gestos, elaborar perguntas, enfim, uma maneira de acessar aqueles e aquelas que entrevistavam para sua pesquisa. As afinidades permitiam efetuar vínculos que se refletem na frase proferida por um colaborador dessa época: “Sentia-se à vontade entre nós, significava que estava ao nosso lado” ⁴⁶. Essa colocação pode exemplificar a maneira como ele se sentia à vontade, mas também assinala que estar à vontade se traduzia em *estar com*, isto é, estar com aqueles que lutavam pela independência e pela construção de um país menos desigual socialmente, mas, principalmente, com

⁴⁶ Tradução da autora. No original: «Il se sentait bien avec nous...cela signifiait qu’il était de notre bord.» In: SPRECHER, JEAN. Entretien réalisé par Tassadit Yacine. **Awal**: Cahiers d’études berbères, Paris, n. 27-28, p. 295 – 305, 2003.

aqueles e aquelas que não tinham voz nesse processo. A experiência argelina, portanto, propicia o delineamento do que impulsiona seu empreendimento teórico: da relação indivíduo e sociedade, o sujeito e o social se tornam o foco de seu interesse.

No entrelaçamento do conhecimento filosófico e sociológico que possuía pensar o ser no mundo se traduz no pensamento bourdieusiano, em um ser enraizado no mundo social. Para ele, somente foi possível esboçar esse interesse na medida em que, no fundo, nutria uma vontade imensa dele próprio compreender seu ser e estar nesse mundo. A sua trajetória pode ser entendida como a busca constante de sentido e significado. Em *Una invitación a la sociología reflexiva* (1992), Bourdieu refere que toda sua obra pode ser vista como se fosse sessões de terapia: “[...] em um sentido restritivo, acredito que tive êxito em meu trabalho: efetuei uma espécie de autoterapia que, espero, ao mesmo tempo, tenha produzido ferramentas que possam ser úteis para outros”⁴⁷. Ao mesmo em que realiza tal declaração, em outros momentos se demonstra reticente em assumir isso. Contudo, uma leitura atenta permite visualizar a presença do indivíduo por trás das linhas, das análises e dos conceitos que apresenta. A experiência de vida, a maneira como via e vivencia as relações constituídas nos espaços sociais, as disputas que provocou e que acatou de alguma forma foram colocadas a serviço da construção de uma teoria, cujo objetivo foi o de ofertar sentido e significado a outrem. Se, por um lado, pode ser considerado um mérito valer-se declaradamente de sua experiência para pensar o mundo social, por outro lado esse mérito transforma-se em fragilidade, uma vez que se expõe a ataques e interpretações que, na maioria das vezes, recaem no ataque *ad hominem*. Bourdieu sabia disso e, por diversas ocasiões, expressa esse temor. Às contundentes posições que assumia somam-se a presença em diversos espaços sociais atraindo ataques e críticas muitas vezes desprovidas de sentido. Entre os apelidos que recebe, o de *bourdieuvin* destaca-se como o sinal do incômodo que gerava não somente sua teoria, mas sua presença quase onipresente em diversos campos do conhecimento. Além disso, o estilo exigente, e, por vezes,

⁴⁷ Tradução da autora. No original: “En este sentido restrictivo, creo que tuve éxito en mi trabajo: efectué una suerte de auto-terapia que, espero, al mismo tiempo haya producido herramientas que puedan ser de utilidad para otros.” In: BOURDIEU, Pierre. El propósito de la sociología reflexiva (Seminario de Chicago). In: BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loïc. **Una invitación a la sociología reflexiva**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2008. p. 261.

pouco aberto a críticas teve como consequências dissidências e rupturas ao longo de seu caminho.

A formação filosófica lhe forneceu não somente conhecimento teórico, mas também lhe ofertou experiência social em uma instituição prestigiada e renomada, o que lhe permitiu vivenciar os caminhos que podia seguir a fim de construir seu próprio espaço. A escolha pela sociologia, uma disciplina considerada inferior àquela época reúne o conjunto de inclinações pessoais e intuição intelectual a um espírito combatente e inconformado com as injustiças sociais. Pensar para Bourdieu somente teria sentido se somado ao agir. Nesse escopo, entende-se a negativa em se reconhecer filósofo como uma negação interessada porque possuía o objetivo em expor a visão escolástica que o incomodava, cujas atitudes desinteressadas velam para os próprios filósofos a condição de atividade humana. No fundo pode-se inferir que a relação de amor e ódio que nutria pelo campo filosófico foi o que muitas vezes confundiu os ataques que realizava ao campo com uma possível recusa da filosofia. Ao contrário, a sociologia que elabora não prescinde da filosofia a partir da qual inicialmente se ampara, mas, sobretudo, a qual propõe na medida em que constrói sua própria teoria. Efetivamente, o alvo de seus ataques se direcionava ao combate do desenraizamento do filósofo que se dispõe a pensar o mundo sem aceitar que está no mundo. A contradição aparente implica assumir a condição de ser humano pertencente a um mundo social no qual se constitui a forma de ser e de pensar a partir da relação indivíduo e sociedade. Tal crítica - ao campo filosófico e ao distanciamento do mundo social do filósofo - se compreende à luz do seu próprio construto teórico. O espírito científico que aflora na Argélia e lapidado ao longo do percurso inclinava-o a propor uma sociologia na esteira da filosofia do conceito, isto é, uma sociologia de cunho científico. Para tanto, a sociologia que propõe se alicerça em uma metodologia que requer método e técnicas de pesquisa específicas, de maneira que pudesse propiciar uma visão da relação espaço social e agente o mais ampla possível. Pensar o mundo social não é suficiente, é preciso entrar nele com aparato técnico e teórico, prático e conceitual, o que lhe permitia colocar em ação sua maneira de pensar e de ser mais livremente quando em relação a uma tradição filosófica que, naquele momento e em sua perspectiva, parecia não lhe ofertar as condições para isso.

Na visada de uma sociologia que também contemplasse condições de possibilidade de intervenção nos campos sociais, o autor assume-a como a

disciplina por excelência provocadora. Em seu entendimento, a sociologia só valeria a pena se cumprisse com um papel crítico e desafiador ao status quo das relações de dominação existentes⁴⁸. Bourdieu provavelmente ambicionava entrar no *Panthéon*, mas não de uma forma pacata e cordata, ao contrário, ambicionava entrar fazendo ruído, lembrando sempre a existência da realidade social, dos constrangimentos, dos limites e necessidades que a vida impõe em um mundo socialmente desigual. E, nesse sentido, a Argélia lhe mostra que a sociologia seria o caminho com o qual poderia reger a orquestra ofertando o tom, o ritmo e a tensão nos momentos pontuais de forma que pudesse se adequar ao objetivo de desvelar os mecanismos de reprodução das desigualdades sociais. O período argelino se encerra bruscamente no ano de 1962, quando lhe avisam que seria o próximo da lista a sofrer algum tipo de atentado. Convém realçar que desde a primeira publicação da obra *Sociologie de l'Algérie* (1958), seu nome constava na lista de grupos de estudantes de extrema-direita argelina e de grupos partidários da manutenção da Argélia francesa.

2.3 A SOCIOLOGIA COMO ESPORTE DE COMBATE

O retorno definitivo à França teve como consequência a interrupção da tese doutoral que estava escrevendo, enfrentar o afastamento de Canguilhem e o afastamento do campo filosófico. Intensamente vivida, as ações de Bourdieu no campo intelectual desse país lhe abriram oportunidades que lhe permitiram retornar à França em outra condição. A decisão de seguir a sociologia não é uma decisão muito clara, conforme ele mesmo coloca⁴⁹, tudo foi acontecendo sem um planejamento pontual. Não há especificamente uma ruptura, mas pode-se entender como o encontro de uma trajetória em construção com um contexto específico – a guerra argelina -, o qual possibilitou a transformação de sua perspectiva de vida. O senso prático conduziu suas ações ao se permitir experienciar pesquisas de campo, liderar grupos de pesquisa e realizar intercâmbios com outras áreas de conhecimento. Motivado para agir com as armas que possuía, quais sejam, sua

⁴⁸ Em diversas ocasiões, Bourdieu expressou isso, entre as quais destacamos as seguintes: *Célibat et condition paysanne* (1962); *Une science qui dérange* (1980); *Si le monde social m'est supportable, c'est parce que je peux m'indigner. Entretien avec Antoine Sapiro* (2000).

⁴⁹ BOURDIEU, Pierre. L'autre Bourdieu. Celui qui ne disait pas ce qu'il avait de cacher. Entretien réalisé par Hafid Adnani et Tassadit Yacine. **Awal**: Cahiers d'études berbères, Paris, n. 27-28, p. 229-247, 2003.

capacidade intelectual, sua disposição interna e sua vontade em intervir compunham as ações como pesquisador e intelectual, colocando-as a serviço da tentativa em renovar a visão da sociedade argelina. Consequentemente, o conjunto de tudo isso o colocou em evidência tanto na Argélia como para alguns intelectuais franceses, como Raymond Aron. De maneira que, no retorno definitivo à França, Bourdieu já contava com o auxílio de Aron, o qual o havia indicado para lecionar inicialmente na Sorbonne em Paris e, posteriormente, na Universidade de Lille. Ambos se conheceram em solo argelino e, impressionado com Bourdieu, mais tarde o convida para ser seu assistente no *Centre de sociologie européenne (CSE)*, criada por ele no final dos anos cinquenta. Bourdieu assume como secretário e assistente até o ano de 1968 quando cria o *Centre de sociologie de l'éducation et de la culture (CSEC)*.

A ruptura é concretizada. Joly⁵⁰ refere que Aron projetava em Bourdieu seu seguidor, no entanto, as diferenças entre ambos se tornaram intransponíveis com o tempo e, Bourdieu, resolve assumir um centro próprio de pesquisa. As diferenças iam além de questões políticas, mas, sobretudo, estavam calcadas em duas posições diferentes: uma que propunha um modelo de excelência sociológica ortodoxo e a outra que propunha um modelo de excelência sociológica heterodoxo. O confronto estava entre duas gerações e duas formações pessoais diferentes. Os acontecimentos de *Mai de 1968* apenas acentuaram o distanciamento já existente. Convém colocar que, à época, Aron também era o orientador da tese de Bourdieu, cujo tema não fora bem visto pelo primeiro. Anos mais tarde será publicada em *Esquisses d'une théorie de la pratique* (1972). A entrada na sociologia⁵¹, portanto, é realizada paulatinamente à luz da experiência que adquirira na Argélia. A relevância das análises que realizara lhe propiciou uma posição diferenciada permitindo-lhe agir em prol da renovação da própria sociologia. Embora não tivesse plena consciência da mudança de percurso que se operava, pode-se perceber que na Argélia decide construir sua própria trajetória. As ações que empreendia seguiam

⁵⁰ JOLY, Marc. Excellence sociologique et «vocation d'hétérodoxie: Mai 68 et la rupture Aron-Bourdieu. *Revue d'Histoire des Sciences Humaines*, Paris, n. 26, 2015. Disponível em: <http://journals.openedition.org/rhsh/2001>. Acesso em: 21 jul. 2020.

⁵¹ A esse respeito, Wacquant (2008) comenta: "Un factor crítico a tomar en cuenta en la transición de Bourdieu desde la filosofía a las ciencias sociales es la coyuntura sociopolítica y militar en la que se inició: todo indica que la sociología y la antropología le ofrecían una vocación más eficaz y éticamente más relevante en el contexto horrible de la guerra de independencia de Argelia que los abstractos y etéreos debates que la filosofía podía ofrecer. *In*: WACQUANT, Loïc. Nota nº 174. *In*: BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loïc. **Una invitación a la sociología reflexiva**. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2008. p. 261.

uma estratégia prática, não analisada e nem previamente pensada, mas apreendida do rumo dos acontecimentos, de um lado. Certamente, a experiência que vivenciou em suas dimensões pessoais e intelectuais lhe mostraram as condições que tinha para pensar o mundo social. Na realidade, o percurso em direção à sociologia já havia iniciado seguindo suas percepções, intuições e conclusões que nortearam as pesquisas desse período.

A posição que a sociologia ocupa no cenário intelectual, no momento de seu retorno é muito diferente daquela que ele havia conhecido. O lugar de pária que ocupava à época de *normalien* havia mudado consideravelmente com o empenho de Raymond Aron quem se dedicara a lhe fornecer um lugar de excelência. Bourdieu também retorna com uma bagagem prática e teórica enriquecida, com a qual podia propor novas pesquisas, às quais se acrescenta inferencialmente a ambição intelectual de pertencer ativamente a esse momento. Da mesma forma, o jovem constrangido pelas diferenças sociais retorna um homem decidido a trazer à tona os mecanismos da reprodução das desigualdades. O foco volta-se para a cultura francesa, naquilo que detinha um valor republicano relevante: a educação. Convém realçar que teoricamente, já havia publicado vários artigos em algumas revistas, entre as quais, *Esprit* e *Le temps modernes* reunidos atualmente na obra *Esquisses algériennes* (2008). Além dos artigos, sua primeira obra *Sociologie de l'Algérie* (1958) havia sido publicada na coleção *Que sais-je*, uma obra escrita e reescrita diversas vezes⁵².

A passagem da filosofia para a sociologia lhe demandou a construção de seu próprio estilo de escrita. Escrever, para Bourdieu, exigia uma espécie de depuração do estilo filosófico que aprendera⁵³. Um processo de depuração que atrai o esforço e o exercício pessoal em traduzir nas palavras a complexidade de suas análises. Por outro lado, entende que o estilo que é visto como hermético e complexo, uma escrita

⁵² Segundo Martín Criado (2008), a obra *Sociologie de l'Algérie* publicada inicialmente em 1958, sofre mais três edições. A edição de 1961 sofre revisões advindas das novas pesquisas e coleta de informações que realizara, as edições subsequentes de 1963 e de 1985 sofrem poucas alterações. In: MARTIN-CRIADO, Enrique. **Les deux Algéries de Pierre Bourdieu**. Traduction d'Hélène Bretin. Brousseux: Éditions du Croquant, 2008. p. 33.

⁵³ Em *Secouez un peu vos structures*, Bourdieu se refere ao processo que enfrentou a fim de se libertar do pânico da folha em branco e da escrita filosófica dissertativa carregada do peso exigente da tradição filosófica até conseguir encontrar seu próprio estilo. In: BOURDIEU, Pierre. « Secouez un peu vos structures ! ». In: DUBOIS, J.; DURAND, P. ; WINKIN, Y. (dir.). **Le symbolique et le Social**. La réception internationale de la pensée de Pierre Bourdieu. Nouvelle édition en ligne. Liège: Presses Universitaires de Liège, 2015. p. 335. Disponível em: [http:// books.openedition.org](http://books.openedition.org). Acesso em: 20 jul. 2020.

que se apresenta em um movimento em espiral está relacionado à complexidade do mundo social. Segundo o autor, “[...] o problema da escrita é consubstancial ao problema do pensamento adequado ao mundo social: mudar a maneira de utilizar as palavras é mudar profundamente a visão do mundo social⁵⁴”. Escrever a respeito do mundo social, ou melhor, a respeito do pensamento que pensa o mundo social também significa a maneira como esse pensamento elabora e constrói suas análises. A escolha das palavras responde aos objetivos que busca alcançar a partir da disposição do agente e da posição do campo social no qual está inserido. Sob essa ótica, as palavras escritas ou proferidas oralmente se compreendem como ações não desprovidas dos objetivos do agente vinculados à sua posição e a demanda do campo social. Para Bourdieu⁵⁵, não existem palavras neutras, pois vinculadas ao agente e ao campo social, são instrumentos de ação e de poder. E, nesse sentido, na transição que realiza para a sociologia, uma transição que visava propor uma sociologia científica lhe exigiu igualmente elaborar seu próprio estilo de escrita. Tal estilo não abandona totalmente o estilo filosófico, mas incorpora novos elementos, os quais conformam esse estilo exigente para quem o estuda, um estilo que vela mais do que desvela.

2.4 TEORIA-PRÁTICA ARGELINA: INÍCIO DA SOCIOLOGIA BOURDIEUSIANA

O contexto intelectual argelino à época em que Bourdieu chega é um contexto conturbado. A sociologia argelina não possuía uma pesquisa e produção intelectual que contemplasse sua condição de colônia na perspectiva das mudanças que isso operava na sociedade⁵⁶. Embora o intercâmbio com a França ocorresse, as mudanças trazidas pela guerra propiciaram duas visões opostas em relação à

⁵⁴ Tradução da autora. No original: «[...] le problème de la pensée adéquate du monde social; changer la manière d'utiliser les mots, c'est changer profondément la vision du social.» *In*: BOURDIEU, Pierre. Cours du 9 Novembre 1982. **Sociologie générale**. Cours au Collège de France 1981 – 1983. Paris: Raison d'Agir/Seuil, 2015. v.1. p. 370.

⁵⁵ BOURDIEU, Pierre. **Ce que parler veut dire**. L'économie des échanges linguistiques. Paris: Fayard, 1982. p. 13-20.

⁵⁶ As pesquisas relacionadas a esse aspecto se realizavam de maneira velada dado o contexto político em que se encontravam. Um indicador disso é a declaração de André Nouschi, cuja pesquisa realizada para a tese lhe possibilitou realizar uma investigação paralela que questionava os benefícios trazidos pela colonização francesa. Os resultados dessa segunda pesquisa foram discutidos com Bourdieu quando se conheceram e, diziam respeito à desestruturação das sociedades argelinas no mundo rural. *In*: NOUSCHI, A. Autour de Sociologie de l'Algérie. **Awal** : Cahiers d'études berbères, Paris, n. 27-28, p. 29-35, 2003.

sociologia. Chachoua⁵⁷ refere que a literatura colonial existente foi considerada desatualizada e superada, enquanto que as ciências sociais, especialmente a etnologia se viram acusadas colaborarem com a ordem colonial. Nesse contexto intelectual premido pelo perturbado contexto político, propõe um projeto que pudesse contemplar a sociedade enquanto uma sociedade colonizada. Ciente das dificuldades da pesquisa sociológica, etnológica e antropológica naquele momento, Bourdieu busca propor pesquisas que viessem ao encontro da situação argelina, uma sociedade colonizada e em guerra, ou seja, uma sociedade em transformação. Conforme Addi⁵⁸, a Argélia se constitui no campo de pesquisa propício para a elaboração de uma teoria antropológica cuja visada, segundo o autor, foi questionar o princípio de universalidade da sociedade ocidental e o pressuposto de que a modernidade traria igualdade e liberdade.

Nesse escopo, o fio condutor das pesquisas argelinas se constitui em relevar o processo de desestruturação social sofrido ao longo do tempo de colonização, cujo ápice é a guerra pela independência. A primeira obra publicada *Sociologie de l'Algérie* (1958), conforme Nouschi⁵⁹ apresenta uma análise a respeito dos Cabilos, dos Chaouia, dos Mozabites e dos Árabes a partir de suas diferenças para introduzir as consequências da colonização em dois capítulos acrescidos na segunda edição de 1961. Segundo Martín Criado (2008)⁶⁰, à diferença da primeira publicação, Bourdieu opera uma mudança de estilo quando se libera das referências aos autores que nortearam a primeira edição. A partir da segunda edição, portanto, não há mais as referências a Claude Lévi-Strauss, a Margareth Mead e a Max Weber, autores que lhe serviram de apoio para se contrapor à bibliografia antropológica e sociológica existente. *Sociologie de l'Algérie* de 1961⁶¹ pode ser visto como uma espécie de ensaio antropológico, no qual Bourdieu parece assumir o *modus operandi* que o caracterizará: operar com os autores a fim de elaborar seu próprio

⁵⁷ CHACHOUA, Kamel. Pierre Bourdieu et l'Algérie : Le savant et la politique. **Revue des mondes musulmans et de la Méditerranée**, Aix-en-Provence, n. 131, juin. 2012. Disponível em: <http://journals.openedition.org>. Acesso em: 15 jul. 2020.

⁵⁸ ADDI, Lahouari. Les enjeux theoriques de l'anthropologie du Maghreb. Lecture de Bourdieu, Geertz, Gellner et Berque. **Awal/Ibis Press**, Paris, p. 7-15, 2004. Disponível em: <https://halshs.archives-ouvertes.fr>. Acesso em: 20 ago. 2020.

⁵⁹ NOUSCHI, André. Autour de Sociologie de l'Algérie. **Awal**: Cahiers d'études berbères, Paris, n. 27-28, p. 29-35, 2003.

⁶⁰ MARTÍN-CRIADO, Enrique. **Les deux Algéries de Pierre Bourdieu**. Traduction d'Hélène Bretin. Broissieux: Éditions du Croquant, 2008.

⁶¹ Convém salientar que somente temos acesso à edição de 1961. Portanto, as considerações aqui apresentadas são realizadas com tal edição.

pensamento. Um pensamento em ação e, com isso, sempre em transformação, um permanente *work in progress* o que acarretava na inserção tanto de novos elementos como também de novos entendimentos a cada edição publicada. A ausência de referências diretas aos autores, no entanto, não significa que não estejam ali presentes como um quadro explicativo analítico. A presença ocorre a partir do seu próprio exercício de refletir a respeito do que estudava, debatia e observava. O diálogo com o estruturalismo, com a antropologia cultural, com a sociologia e com a fenomenologia se fazem presentes nas obras argelinas.

A obra *Sociologie de l'Algérie* (1961) pode ser considerada como o ponto zero de Bourdieu, com o qual inaugura sua trajetória teórica. O interesse em demonstrar a Argélia para os intelectuais franceses se ergue no contexto de enfrentar o colonialismo como um campo de estudos específicos. À época a pesquisa argelina se dividia entre os intelectuais que estavam mais vinculados à teoria da modernidade como possibilidade de progresso e aqueles mais vinculados à teoria do colonialismo. Bourdieu, segundo Go⁶², se insere em uma nova vertente de pesquisa que assume o colonialismo como objeto próprio de estudo. Na França dos anos cinquenta, conforme a autora, esse campo de estudos era muito recente, entretanto, com as guerras pela independência das colônias existentes, entre elas a argelina, as discussões ganham força e espaço no espaço intelectual. Torna-se relevante salientar que Bourdieu vale-se das discussões presentes a esse respeito com o intuito de elaborar uma visão mais próxima da realidade social argelina. Yacine⁶³ destaca as pesquisas argelinas bourdieusianas como sendo pesquisas que se situavam na contramão das visões reducionistas propiciadas pelas teorias vigentes a respeito da sociedade argelina. Tal visão ocorre pela ênfase ofertada seja à modernidade, seja à dependência colonial, as quais desconsideravam a profunda transformação operada pela imposição de um sistema social, político e cultural estranho ao país.

O fio condutor das obras e artigos escritos nesse período é a relação de dominação que se estabelece por meio da imposição de um sistema capitalista em uma sociedade pré-capitalista. Sob a ótica bourdieusiana, tal imposição não ocorre

⁶² GO, Julian. Decolonizing Bourdieu: Colonial and Postcolonial Theory in Pierre Bourdieu's Early Work. *Sociological Theory*, v. 31, n.1, p. 49–74, 2013. Disponível em: <https://journals.sagepub.com>. Acesso em: 26 ago. 2020.

⁶³ YACINE, Tassadit. Aux origines d'une ethnologie singulière. In: BOURDIEU, Pierre. **Esquisses algériennes**. Textes édités et présentés par Tassadit Yacine. Paris: Éditions du Seuil, 2008. p. 30-39.

somente por meio de um sistema judiciário que visava à manutenção da ordem, mas também pela imposição de mudanças no sistema agrícola que introduziam novas relações de trabalho. Além disso, o sistema judiciário, o sistema político e o sistema educacional fechavam o circuito que imprimia novas categorias de ser e de pensar na população nativa. Yacine⁶⁴ ressalta a forte impressão ocasionada no autor ao deparar-se com a acelerada destruição dos aspectos sociais, econômicos e psicológicos. À *Sociologie de l'Algérie* (1961), na qual se encontram presentes algumas das análises advindas da pesquisa de campo que empreendera após a publicação da primeira edição de 1958⁶⁵, segue-se a obra coletiva *Travail et travailleurs en Algérie* (1963)⁶⁶, obra esgotada⁶⁷. Em *Algérie 60* (1977), parte da obra de 1963 é publicada sem os dados estatísticos. E a última obra desse período, *Le Déracinement* (1964), publicada com a colaboração de Abdelmalek Sayad. Paralelamente às pesquisas em solo argelino, entre os anos de 1959 e 1960 Bourdieu inicia uma pesquisa em sua região de origem, o Béarn francês, com a população camponesa publicada no artigo *Célibat et condition paysanne* (1962).

A transformação de um sistema pré-capitalista para um sistema capitalista é analisada à luz das pesquisas realizadas com a população vinda do interior para a capital e com os agricultores reunidos em campos de agrupamentos. Aceitando coordenar a pesquisa vinculada à *ARDES - Association de Recherche sur le Développement Economique et Social* -, inaugura-se a colaboração entre a sociologia e a estatística que percorrerá suas pesquisas futuras. Nesse momento, faz frente a dois objetivos que conflitam entre si: o governamental que visava afirmar suas decisões a respeito das políticas de habitação e de emprego para enfrentar o desemprego, e aquele do grupo de pesquisa que buscava destacar a

⁶⁴ YACINE, Tassadit. Pierre Bourdieu in Algeria at war: Notes on the birth of an engaged ethnosociology. Translated by Loïc Wacquant and James Ingram. **Ethnography**, v. 5, n.4, p. 487-509, dec./2004, p. 487-509. Disponível em: <https://journals.sagepub.com>. Acesso em: 25 ago. 2020.

⁶⁵ Após a publicação de 1958, Bourdieu publica artigos, entre os quais, *Le choc des civilisations* (1959); *Guerre et mutation sociale en Algérie* (1960) *Révolution dans la révolution* (1961), reunidos em BOURDIEU, Pierre. **Esquisses algériennes**. Textes édités et présentés par Tassadit Yacine. Paris: Éditions du Seuil, 2008.

⁶⁶ A obra é dividida em duas seções, a primeira dedicada às análises estatísticas e a segunda dedicada à análise sociológica escrita somente por Bourdieu. Desta obra apenas contamos com o *Avant-propos* da segunda parte. Decorrente disso, somente será usada a compilação de artigos publicada em **Algérie 60. Structure économiques et structure temporelles**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1977.

⁶⁷ A obra *Travail et travailleurs en Algérie* ganhou uma nova edição ampliada e revisada em janeiro de 2021 e publicada pela editora Raison d'Agir. Infelizmente, a presente pesquisa foi encerrada semanas antes de seu lançamento.

desestruturação ocasionada pela implementação dessas políticas na população argelina⁶⁸. Em *Algérie 60* (1977), a obra reduzida de *Travail et travailleurs en Algérie* (1963), dedica-se a encarar os efeitos de desestruturação operados pelo sistema colonial ao introduzir a lógica capitalista. A análise que realiza dá-se pela categoria do trabalho, a qual perpassa as condições de moradia, as relações de trabalho e a educação com os trabalhadores do meio urbano. O ponto de partida é a inter-relação entre uma agricultura alicerçada na herança social e cultural dos seus ancestrais, cuja base é as relações familiares e comunitárias, e a modernização introduzida pelos franceses no que tange os processos laborais.

Nesse escopo, a categoria do trabalho faz-se acompanhar da categoria da temporalidade com as quais Bourdieu objetiva demonstrar que a população submetida a esse processo se, por um lado, está constrangida a participar das novas condições laborais, por outro lado, a defasagem temporal entre o que está vivendo no presente e o que traz do passado o impede de conceber a condição social em que se encontra. Ao ser impelido a incorporar novas categorias de percepção e de ação vinculadas ao ritmo que o trabalho lhe impõe, um ritmo alicerçado no cálculo e ganho monetário, o argelino desprovido de suas tradições vê-se diante de novas categorias: o subemprego e o desemprego, os quais atraem a relevância do salário, o grau de instrução escolar e os modos de viver e de se comportar. Em outros termos, a concepção de trabalho desconhecida até aquele momento adentra no horizonte dessa população⁶⁹. Posicionados em um espaço

⁶⁸ As pesquisas solicitadas pelo governo francês ocorrem dentro de um contexto político específico. Segundo Sacriste: «De fait, le contexte politique qui voit le retour au pouvoir de Charles de Gaulle est également marqué par l'inscription de deux problèmes fondamentaux sur l'agenda des autorités coloniales: la double crise du logement et de l'emploi, exacerbée par les migrations de guerre qui, au cours des cinq années passées, ont entraîné un bouleversement sans précédent du peuplement algérien. La politique de regroupement menée depuis le début du conflit et l'afflux massif vers les bidonvilles des ruraux fuyant les zones de combat, aggravent la crise de la société traditionnelle. Cette situation incite les pouvoirs publics à confier à l'ARDES les deux recherches sur le travail urbain et le regroupement.» Mais adiante o autor refere o distanciamento propiciado pelas análises bourdieusianas à solicitação inicial governamental: «Les deux ouvrages publiés après l'indépendance à partir des recherches menées dans le cadre de ces deux enquêtes s'éloignent largement des motivations étatiques qui, à l'origine, les ont suscitées. La vision particulière du travail exposé dans *Travail et travailleurs* et dans *Le déracinement*, apparaît alors comme la continuation des recherches effectuées par Bourdieu depuis 1957 sur la société traditionnelle, posée en contrepoint à la modernité occidentale.» In: SACRISTE, Fabien. Une lecture de la crise de l'emploi en Algérie coloniale: l'opposition entre travail traditionnel et travail salarié dans l'œuvre algérienne de Pierre Bourdieu. In: QUIJOUX, Maxime. (dir.). **Bourdieu et le travail**. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2015. p. 98.

⁶⁹ As mudanças que ocorrem na cidade transformam a concepção de trabalho antes vinculada ao ritmo da natureza. No ambiente urbano, o ritmo ofertado pelo horário, salário, moradia se traduzem na aquisição de novas categorias de percepção a respeito do tempo livre agora visto de

intermediário, nem no campo nem na cidade, a análise destaca, por um lado, a tendência a apegar-se às tradições no ambiente familiar - “tradicionalismo desesperado” - e, por outro lado, a “reinvenção criativa” operada a fim de se manterem socialmente e economicamente ativos⁷⁰. A relevância dessa obra recai nas análises que ofertam a partir da relação que apresenta entre as estruturas objetivas e as estruturas subjetivas, as posições dos indivíduos e as disposições que conduzem suas práticas; e o ensejo de desvelar os mecanismos de dominação a partir da concepção de que a posição em que se encontravam não lhes permitia ter consciência de sua própria situação.

A análise ganha força e expansão na obra *Le déracinement* (1964) escrita com Abdelmalek Sayad. A pesquisa ocorre à luz do deslocamento obrigatório dos camponeses para campos de agrupamento. Tal deslocamento revela o desmantelamento definitivo da sociedade argelina e de suas tradições vinculado à lógica colonial de dominação. Nesse escopo, os campos de agrupamento se erguem sustentados juridicamente, validados economicamente e justificados militarmente na medida em que supostamente estariam cumprindo com a função de proteger a população rural. Contudo, a pesquisa realça a gravidade desse deslocamento forçado e operado pelo governo francês. As análises enfatizam as consequências do despojamento das terras, do *habitat* e dos costumes considerando a inserção de comunidades com tradições diferentes porque vindas de diversas regiões do país. A reunião forçada de diversas comunidades rurais no mesmo espaço físico propiciou uma desorientação espacial e temporal compartilhada por todos e todas em graus diferenciados e em acordo com a bagagem familiar e a disposição individual de cada um. A ênfase ofertada pelas análises recai na perturbação paulatinamente efetuada nas estruturas mentais pelo processo de colonização e que o agrupamento termina de realizar, já que acentua o processo de desconhecimento a respeito da condição de ser e de estar dessa população. O esvaziamento interno decorrente desse processo pode ser visto em alguns dos títulos que os autores fornecem aos

forma negativa: desemprego. Tal percepção, contudo, está vinculada à classe social a que pertence: pequenos comerciantes do interior, camponeses proprietários de terras e gado e pequenos camponeses. *In*: BOURDIEU, Pierre. **Algérie 60**. Structures économiques et structures temporelles. Paris: Les Éditions de Minuit, 1977. p. 94-111.

⁷⁰ BOURDIEU, Pierre. **Algérie 60**. Structures économiques et structures temporelles. Paris: Les Éditions de Minuit, 1977. p. 65; p. 115-116.

capítulos finais: “A agricultura sem agricultores; Cidadãos sem cidade; Sabir cultural”⁷¹.

O foco da pesquisa dirige-se, sobretudo, ao pequeno agricultor, cujo impedimento de manter sua atividade da maneira tradicional que conhecia lhe incita um processo de descamponização. Conforme os autores, a pressão de viver entre dois sistemas diferentes (o tradicional e o moderno) acarreta em uma miríade de comportamentos, cujos extremos são a permanência no tradicional ou o acolhimento do moderno. No interior da paisagem rural, os pequenos agricultores em sua maioria menos favorecidos educacional e culturalmente são confrontados à coexistência de dois sistemas pertencentes “[...] a duas lógicas diferentes e mesmo opostas”⁷². A ênfase é voltada para a descamponização⁷³ entendida como um processo violento de desconhecimento a seu próprio respeito pelo qual passam os camponeses na medida em que as referências tradicionais são desmanteladas. Ao não se reconhecerem mais nem na agricultura tradicional nem no estilo de vida moderna, nem em seu *habitat* e sua comunidade nem na cidade fictícia dos agrupamentos, sentem-se despojados de sua razão de ser e de existir.

A situação se agrava na medida em que ocorre também uma alteração na relação geracional. O empobrecimento pela destituição das terras concretizado com o agrupamento forçado leva os mais jovens às cidades maiores ou à emigração, invertendo a lógica familiar tradicional alicerçada na idade cronológica na qual o mais velho é o responsável por garantir o sustento dos seus membros. Na medida em que o sustento é muitas vezes trazido pelo mais jovem, o conflito no interior das famílias se instaura, pois além do sustento, novos costumes também são trazidos. As consequências disso são vistas na manutenção de um desdobramento que permitia manter a tradição na família e dar conta das demandas da vida moderna; no abandono da tradição da família e a depressão daquele a quem competia sustentá-

⁷¹ BOURDIEU, Pierre ; SAYAD, Abdelmalek. **Le déracinement**. la crise de l’agriculture traditionnelle en Algérie. Paris: Les Éditions de Minuit, 1964.

⁷² Tradução da autora. No original: “[...] aux deux logiques opposées [...]”. In: BOURDIEU, Pierre ; SAYAD, Abdelmalek. **Le déracinement**. La crise de l’agriculture traditionnelle en Algérie. Paris: Les Éditions de Minuit, 1964. p. 165.

⁷³ Bourdieu e Sayad realçam o processo de descamponização sofrido pelo camponês ao longo do processo de colonização, cujo ápice dá-se nos agrupamentos. Tal processo dá-se pelo choque entre o conjunto de valores introduzidos pelos franceses com os valores que formavam o *ethos* camponês, os quais formavam o ser camponês ou sua *camponesidade*. Nas palavras dos autores, “[...] une certaine manière d’être et agir, une disposition permanente, générale et transposable em face du monde et des autres hommes”. In: BOURDIEU, Pierre ; SAYAD, Abdelmalek. **Le déracinement**. La crise de l’agriculture traditionnelle en Algérie. Paris: Les Éditions de Minuit, 1964. p. 88.

la ou no afastamento do jovem da família, mantendo o sustento à distância. Com isso, a população rural menos favorecida pode ser vista como o retrato da base social desmantelada enquanto comunidade e visão coletiva. A defasagem temporal analisada na obra anterior se aprofunda nessa pesquisa ao estabelecerem uma relação entre as estruturas objetivas sociais e as estruturas subjetivas. Cada um responde à crise em acordo com suas disposições internas demandadas pela realidade externa. Em suma, o realce dos autores dirige-se para uma população entendida como uma população esquecida, a qual busca por si mesma estabelecer laços sociais de acordo com o sistema disposicional que possuem. Com *Le déracinement* (1964), os autores apresentam uma análise alicerçada no tripé sociológico, antropológico e psicológico.

Em relação às duas obras anteriores, *Le déracinement* (1964) é a última obra dedicada à sociedade argelina. Diferente das obras anteriores, as análises apresentadas deixam como legado efetivo a busca bourdieusiana em desvelar os mecanismos de reprodução das desigualdades sociais. Além disso, encerra um ciclo em sua trajetória. Contudo, o legado mais relevante desse período argelino no que tange à obra bourdieusiana é a presença da Argélia como fonte e referência de sua teoria. A observação da transição de uma sociedade pré-capitalista para uma sociedade capitalista lhe possibilita identificar e compreender outras maneiras de organização social e possibilidades de ações perante um modelo econômico diferente. Ao buscarem desvelar os mecanismos do sistema colonial, os autores igualmente revelam que os agentes não são nem plenamente livres nem se submetem fielmente às situações. Acrescenta-se à proposta de apresentar a inter-relação entre tradição e modernidade à luz do sistema colonial a inserção da bagagem histórica tanto da sociedade como do agente. A inter-relação entre sociedade e agente permite colocar que somos todos herdeiros ativos na medida em que continuamente se significa e ressignifica o legado herdado.

O aspecto relevante desse período é o início de uma trajetória intelectual calcada em uma disposição científica que visa propor uma sociologia cujo objetivo seja propiciar conhecimento do mundo social. Tal objetivo se atrela à construção das condições de possibilidades ofertada pela pesquisa a fim de que os indivíduos efetivamente possam realizar mudanças a partir do conhecimento de sua posição e de sua disposição no mundo social. Bourdieu busca propiciar a desnaturalização e a desfatalização da realidade social e, com isso, o viés político aparece nas obras

argelinas de maneira transversal. Conforme Chachoua coloca, “[...] Bourdieu não era nem próximo dos militantes ativos da Argélia francesa [...] nem dos militantes independentistas argelinos que constituíam um grupo importante entre os estudantes e investigadores da faculdade de Alger”⁷⁴. Nem a favor nem contra, assume a postura da suspeita por meio de uma potência científica e política significativa, a qual, ainda de acordo com o autor, “[...] decorre do caráter ‘polido’ e ‘despolitizado’ de seu estilo e de sua abordagem científica, prudente e respeitosa [...]”⁷⁵.

Compreende-se tal adjetivação à luz do posicionamento intelectual assumido desde sua época de *normalien*: manter distância daquilo que é considerado evidente. Postura questionadora, desconfiada e crítica objetivada no espírito científico que emerge nesse momento. Le Sueur⁷⁶ refere que Bourdieu percebeu o distanciamento entre o discurso e a ação revolucionária em relação à população rural empobrecida e abandonada. Embora as forças revolucionárias tenham tido apoio da população, Bourdieu, segundo o autor, via nesse apoio apenas a oportunidade de dizer não à opressão que estava intolerável⁷⁷. Ao mesmo tempo, ainda com o autor, ele via com descrédito a independência como a restituição do país sem considerar as transformações operadas pelo processo de colonização. A

⁷⁴ Tradução da autora. No original: «[...] Bourdieu n’était ni proche des militants actifs de l’Algérie française [...], ni loin des militants indépendantistes algériens qui constituaient un group important parmi ses étudiants et enquêteurs à la faculté d’Alger». In: CHACHOUA, Kamel. Pierre Bourdieu et l’Algérie: Le savant et la politique. **Revue des mondes musulmans et de la Méditerranée**, Aix-en-Provence, n. 131, juin. 2012. Disponível em: <http://journals.openedition.org>. Acesso em: 15 jul. 2020.

⁷⁵ Tradução da autora. No original: «[...] découle du caractère “poli” et “dépolitisé» de son style et de son approche scientifique, prudente et respectueuse[...]» In: CHACHOUA, Kamel. Pierre Bourdieu et l’Algérie: Le savant et la politique. **Revue des mondes musulmans et de la Méditerranée**, Aix-en-Provence, n. 131, juin. 2012. Disponível em: <http://journals.openedition.org>. Acesso em: 15 jul. 2020.

⁷⁶ Le SUEUR, James Dean. **Uncivil war**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2001. p. 214-255.

⁷⁷ A compreensão desse posicionamento encontra-se no entendimento que uma revolução implica em associar “esperanças subjetivas com condições objetivas”. As condições de possibilidades da população empobrecida permitem-lhe colocar que a revolução somente poderia trazer transformação se considerar as diferentes condições sociais presentes na sociedade. Realçando a população desenraizada que trabalha na cidade e os trabalhadores providos de segurança e de garantias, Bourdieu realça a diferença nas perspectivas de futuro. Enquanto para os primeiros o futuro é incerto; os segundos conseguem ter minimamente um planejamento. Nessa perspectiva temporal, Bourdieu salienta o ponto relevante para se empreender uma revolução social. Aos primeiros resta o apoio via revolta mais sustentada na perspectiva de um ‘futuro utópico, na negação imediata e mágica do presente’; aos segundos a possibilidade de efetuarem a revolução é mais palpável já que alicerçada em um presente menos precário, mas não menos desigual. As condições de exploração a que estão expostos diferenciam a conduta para com o futuro e com a revolução social. In: BOURDIEU, Pierre. **Algérie 60**. Structures économiques et structures temporelles. Paris: Les Éditions de Minuit, 1977. p. 67 -81.

população pesquisada, os trabalhadores urbanos e os agricultores agrupados, populações desenraizadas, permitem-lhe propor uma análise mais abrangente a respeito dos efeitos que a colonização promoveu. Em outros termos, o questionamento é a respeito da não compreensão a respeito das transformações operadas pelo sistema colonial em todas as camadas da população, seja naqueles que dominam, seja naqueles que são dominados, na medida em que as estruturas psicológicas formam a maneira de ver e de pensar o mundo social no qual estão inseridos. Contudo, o realce e seu interesse intelectual e emocional se dirigem para aqueles que ocupam a posição menos favorecida nas relações de desigualdade social.

Romper com isso significa olhar para as ações educativas, tema dos últimos parágrafos de *Le déracinement* (1964). A ênfase na educação é vista como o caminho pelo qual uma revolução pode de fato ser bem sucedida desde que considere as contradições e transformações da realidade, as quais não se limitam às questões econômicas. E, nesse sentido, com um tom idealista e pessimista ao mesmo tempo, os autores encerram propondo uma postura educativa com uma visão horizontal e vertical. Horizontal que inclua a particularidade econômica, social, cultural e psicológica do educando e vertical pelo reconhecimento da existência de um sistema social e político a ser confrontado a fim de efetuar uma educação questionadora que forme indivíduos críticos: “O próprio de uma ação educativa, em sua forma ideal [...] é proibir-se propor arbitrariamente exigências definidas abstratamente por sujeitos abstratos”⁷⁸. Em suma, a desconfiança perante a formação social, cultural e psíquica que o processo de colonização implementou por meio de sistemas jurídicos, econômicos, educacionais e militares durante cem anos impregna o tecido social argelino não lhe permitia se inserir nas fileiras dos que acreditavam que a retirada dos franceses seria suficiente na reconstrução argelina.

2. 5 O SER HUMANO SOCIAL

A formação filosófica bourdieusiana é atravessada pelo ensejo de compreender o ser humano enquanto ser inserido no mundo social. Em outros

⁷⁸ Tradução da autora. No original: «Le propre de l'action éducative, en sa forme idéale [...] est de s'interdire de proposer arbitrairement des exigences définies abstraitement pour des sujets abstraits.» In: BOURDIEU, Pierre ; SAYAD, Abdelmalek. **Le déracinement**: la crise de l'agriculture traditionnelle en Algérie. Paris: Les Éditions de Minuit, 1964. p. 177.

termos, o que está na base das ações intelectuais de Pierre Bourdieu é a pergunta filosófica que inaugura a filosofia: o ser humano e a existência. A filosofia existe com e a partir do esforço pessoal e intelectual em entender a existência humana. As ambições filosóficas que atravessam os séculos são ambições de seres humanos compelidos a pensar o mais completo possível tal existência, o ser humano e o mundo no qual encontra as condições de possibilidades para emergir. Com Bourdieu não foi diferente. Contudo, cada época apresenta demandas diferenciadas o que exigem a re colocação da pergunta a respeito do ser humano, da existência e as relações com o mundo. À época em que viveu, a ascensão das ciências colocava em questão as ciências humanas e sociais e, entre elas, a filosofia. A filosofia, compreendida como a mãe de todas as ciências, vivencia um momento crítico, uma vez que as ciências ganham espaço próprio para temáticas anteriormente contidas em seu interior. Acrescenta-se a isso as turbulências sociais, políticas e econômicas que pressionavam o filósofo a repensar seu lugar como filósofo e conseqüentemente a própria filosofia. O que é filosofia? O que é filosofia em relação à ciência? O que é filosofia em um mundo entre guerras? O que é filosofia em um mundo socialmente desigual? Tais perguntas inauguram um novo momento filosófico. No âmbito francês, locus desta pesquisa doutoral, esse momento implicou o delineamento de duas trajetórias diferenciadas: a filosofia da experiência, do sentido e do sujeito e uma filosofia do conceito, da racionalidade e do saber⁷⁹. Ambas as trajetórias advindas da filosofia husserliana.

A trajetória que lhe interessa seguir está vinculada à filosofia do conceito, uma filosofia que ele denomina de filosofia da ciência. O pano de fundo de sua sociologia carrega consigo essa perspectiva na medida em que a motivação que o conduzia era a de propor uma sociologia científica. Na esteira de tal proposta encontra-se a busca em contemplar os temas que a filosofia não incluía em suas teses⁸⁰. Para ele, a filosofia ao propiciar uma formação ao filósofo sob a perspectiva escolástica impedia que esse filósofo se visse a si próprio como um ser humano enraizado no mundo social e, com isso, encarar sua atividade como uma atividade humana a serviço da própria humanidade e não somente a serviço de retroalimentação teórica

⁷⁹ FOUCAULT, Michel. A vida: a Experiência e a Ciência (1985). In: MOTTA, Manoel Barros da (org.). **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. Ditos e Escritos II. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005. p. 353.

⁸⁰ BOURDIEU, Pierre. **Méditations pascaliennes**. Paris: Éditions du Seuil, 2003. p. 9-20.

e posicional entre pares⁸¹. A crítica que realiza a maneira como a filosofia é encarada pelos filósofos é incorporada à sua sociologia, o que implicou recolocar a pergunta a respeito do ser em sua condição humana e sua existência em um mundo social. A ênfase bourdieusiana é a relação indivíduo e sociedade, cuja visada recai no par individualidade e coletividade e, ainda, pode-se acrescentar que no impensado de seu projeto encontra-se a formação do indivíduo.

Nesse sentido, perguntar pela condição humana em sua existência em um mundo social exigiu-lhe olhar para a sociedade em suas relações de dominação. Essa perspectiva, contudo, só foi possível a partir de sua própria vivência social transformada em experiência objetivada na teoria e na prática com a experiência argelina. Uma experiência que lhe permite encontrar sentido e significado para o que havia vivenciado nos campos sociais dos quais fez parte desde a tenra infância. As relações sociais em sua trajetória lapidaram as suas concepções de ser humano e de mundo. Bourdieu concebe um ser humano social, isto é, um ser humano que se forma a partir das relações sociais das quais sofre os impactos e para as quais convergem suas ações. Em sendo social, tal concepção propõe uma visão de ser humano em construção e em transformação porquanto as relações sociais não são estáticas, ao contrário, são dinâmicas. Em Bourdieu tal dinâmica dá-se pela busca por conhecimento e autoconhecimento, um par que ele próprio praticou por meio da elaboração de uma sociologia que se coloca como uma arma de combate. Com isso, a visão de mundo agonística, uma visão de lutas por posições e uma visão de mundo desencantadora acarreta uma visão realista de um mundo construído por seres humanos.

A pergunta filosófica que sustenta sua sociologia é posta à prova via existencialismo e estruturalismo lévistraussiano. Como é possível conhecer o mundo social? Qual o lugar que o sujeito ocupa nesse mundo social? Bourdieu enfrenta tais questões por meio de ações intelectuais, isto é, age com as teorias a fim de esmiuçar e encontrar nelas os traços que auxiliariam a construção de sua própria teoria. Contudo, somente tem claro o caminho que objetiva seguir a partir da experiência argelina, o que não quer dizer que o enfrentamento dos autores que estudou já não estivesse dentro do escopo de uma atitude artesanal, uma atitude que busca os elementos que melhor dialogam para compor seu pensamento. A

⁸¹ BOURDIEU, Pierre. **Méditations pascaliennes**. Paris: Éditions du Seuil, 2003. p. 23-52.

consequência desta atitude lapidada ao longo do tempo é traduzida pelo próprio autor como uma atitude *pour et contre*. Com esse pressuposto, as perguntas que se encontram em estado impensado de seu pensamento buscam respostas que vão ser respondidas com uma elaboração conceitual construída, desconstruída e reconstruída em acordo com os movimentos que realizava. Movimentos teóricos e práticos, discussões, debates, confrontos, os quais apontavam possibilidades com as quais reconstruía sua teoria. Disto resulta igualmente a dificuldade que ele próprio promove, uma espécie de armadilha que impede os pesquisadores de superá-lo. Identificar seu construto teórico é uma delas. Jogando com termos, Bourdieu evitava os rótulos acadêmicos. Eis o indivíduo Bourdieu, o qual dotado de um espírito combatente escolhia os combates que lhe interessava. Tal análise deve-se à insistência do meio acadêmico em vê-lo e pensá-lo como um estruturalista ou como um fenomenólogo. Provavelmente nem um nem outro, a teoria bourdieusiana debate com um e com o outro a partir de um pensamento construtivista.

No debate dos anos cinquenta a oposição marcada entre o estruturalismo lévistraussiano e o existencialismo sartriano apontava para a necessidade de repensar a concepção de sujeito e a concepção de sociedade. Os acontecimentos da primeira metade do século XX trouxeram consequências sociais, políticas e econômicas, as quais promoveram mudanças significativas no comportamento, sobretudo europeu. O estruturalismo lévistraussiano se apresenta como um polo atrativo ao novo momento, principalmente porque busca fornecer às ciências humanas e sociais o fundamento científico de que careciam. Introduzindo o pensamento relacional no âmbito da pesquisa etnológica, assumindo a linguística e a psicanálise como fio condutor da teoria, Lévi-Strauss apresenta um método, o método estruturalista, uma das atrações para Bourdieu quando das suas pesquisas argelinas. Contudo, colocando-o em prática, dá-se conta dos limites que o método tinha, assim como das análises que realizava. Bourdieu insere o pensamento relacional à luz da filosofia cassireriana aplicando-a na análise da casa cabília, o que lhe permite pensar em termos relacionais e não mais em termos substanciais, assim como Lévi-Strauss também o faz, a diferença na análise dá-se na amplitude que Bourdieu oferta. Pensar relacionalmente implicou recolocar as estruturas dicotômicas, as homologias estruturais e o sistema simbólico no contexto social, político e econômico, isto é, lhe permitiu relacionar a estrutura social com o momento em que o sujeito estava inserido.

Assumir o pensamento relacional permitiu-lhe propor uma análise em dois eixos: a do sujeito aqui e agora e o da estrutura social, cujo elo são as práticas sociais. Com isso, Bourdieu questiona a concepção de sujeito lévistraussiano e, ao mesmo tempo, questiona o método científico que propõe, especialmente, a neutralidade do pesquisador. Ao conceber um sujeito mais assujeitado às estruturas sociais, as ações dos sujeitos são vistas como execuções e, Bourdieu, imbuído de desvelar os mecanismos de dominação a fim de que os indivíduos possam intervir e modificar o mínimo possível tais relações, vê as ações não como meras execuções, mas como o lócus onde se encontram o *opus operandi* e o *modus operandi*, a subjetividade e a objetividade. O ser humano enquanto ser social é um ser que age. Em seu construto teórico, a ação é a chave principal com a qual vai operar.

A crítica que realiza ao estruturalismo, contudo, está enraizada na bagagem teórica que possui, a qual transita pela fenomenologia. Em outros termos, a crítica foi possível na medida em que incorpora a concepção de que o indivíduo é um ser enraizado no mundo social. Bourdieu estudou Edmund Husserl e Martin Heidegger no período de *khâgne*, além de que sua tese doutoral com Canguilhem versava sobre as estruturas afetivas, exigindo-lhe o estudo da obra husserliana. Portanto, detinha um considerável conhecimento fenomenológico, o que lhe permitia incorporar em seu construto os elementos que lhe interessavam para compor sua teoria. A fenomenologia entra na teoria bourdieusiana como um modo de conhecimento que lhe possibilita introduzir o tempo, a experiência e a compreensão. Elementos que aparecem pontualmente nas análises das obras argelinas, e que reaparecerão mais tarde na obra *La misere du monde* (1993). Em sua trajetória, Merleau-Ponty aparece como um contraponto em relação à fenomenologia husserliana, à filosofia heideggeriana e ao existencialismo sartriano. Ele próprio se refere à singularidade da filosofia merleau-pontyana que transitava pela biologia, pela psicologia, além de que “[...] dava uma ideia do que pode ser uma reflexão sobre o presente imediato [...] sem sucumbir a simplificações sectárias presentes nas discussões políticas.”⁸². Além disso, o projeto bourdieusiano de superação da visada dualista das teorias sociais, segundo Martinez⁸³, segue os passos do projeto

⁸² BOURDIEU, Pierre. The struggle for symbolic order. An interview with Pierre Bourdieu. [Interview conducted by] HONNETH, A.; KOCYBA, H. & SCHIBS, B. **Theory, Culture & Society**, v. 3, n. 3, 1986.

⁸³ MARTINEZ, Ana Teresa. **Pierre Bourdieu**. Razones y lecciones de una práctica sociológica: del estructuralismo genético a la sociología reflexiva. Buenos Aires: Manantial, 2007. p. 151-158.

merleau-pontyano de superação do dualismo entre vitalismo e mecanicismo em *La structure du comportement* (1942) e do empirismo e intelectualismo da *Phénoménologie de la perception* (1945). Seguido esses passos também assume para si a perspectiva multidisciplinar que a filosofia merleau-pontyana lhe assinalava. Da mesma forma que Merleau-Ponty, Bourdieu se insere na corrente anticartesiana que ganhava força no cenário filosófico francês. Contrária à concepção de sujeito cartesiano, cujo dualismo corpo e mente acarretava a eleição teórica da primazia de um ou de outro, a corrente anticartesiana visava tal superação e buscava propor concepções de visada integrada. Interessado na superação de tal dualismo, a teoria social que propõe busca recolocar o sujeito e o mundo social à luz de um pensamento relacional.

Diferente da fenomenologia husserliana, que apresentava uma saída transcendental para a relação do sujeito com o mundo, e diferente da filosofia heideggeriana, cuja saída oferta níveis de abstração que acabam retirando-o do mundo, Merleau-Ponty lhe oferta uma saída mais próxima de suas concepções materialistas: o corpo como intersecção entre sujeito e mundo. Assumindo a fenomenologia enquanto modo de conhecimento da experiência primeira do mundo, Bourdieu radicaliza tal proposta colocando-a como sendo uma experiência não de um mundo genérico, mas especificamente do mundo social, o que implica encontrar como Merleau-Ponty, o ponto de intersecção do sujeito e o mundo social. Nesse sentido, a noção de *habitus*, cujos traços se encontram desde as obras argelinas é apresentada na obra *Esquisses d'une théorie de la pratique* (1972) e *Le sens pratique* (1980) como o ponto de intersecção entre sujeito e mundo social⁸⁴. A elaboração do *habitus* permite-lhe igualmente retrabalhar a temporalidade e a corporeidade, aspectos que se farão presentes na defasagem da incorporação das estruturas sociais dos espaços sociais no qual o agente está inserido. Além disso, a radicalização da experiência primeira do mundo social implica questionar sua evidência e contemplar o recalçamento de tal experiência. Tal perspectiva oferta um

⁸⁴ No final dos anos sessenta, Bourdieu traduz a obra *Architecture gothique et pensée scolastique* (1967) de Erwin Panofsky, cujo posfácio realça a relevância do conceito de *habitus* ofertada pelo autor. No entanto, ao mesmo tempo em que realiza tal realce, Bourdieu apresenta o delineamento da sua noção de *habitus*, a qual se tornará basilar em sua teoria. A partir dessa obra, a definição de *habitus* será trabalhada e retrabalhada ao longo de sua trajetória. O referido posfácio encontra-se publicado em: BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Introdução, organização e seleção de Sergio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 2011.

novo viés que lhe permite mais tarde defender a necessidade do sociólogo realizar uma socioanálise.

As críticas realizadas ao estruturalismo lévistraussiano e ao existencialismo sartriano estavam centradas na pergunta filosófica que atravessa sua obra: a pergunta a respeito do ser em sua condição humana e sua existência em um mundo social. Tal pergunta acarretou uma postura intelectual peculiar, um artesanato do pensamento, dedicado a esmiuçar os pensadores que lhe interessavam, ou seja, um estudioso ativo e atuante por meio do diálogo, praticado dialeticamente com cada um deles. A concepção de ser humano social atrai a ação. O agente social é concebido a partir de tal concepção, um ser que age (com atitudes e palavras) no mundo social no qual está inserido. Bourdieu não concebe um indivíduo submetido às circunstâncias sociais e não concebe a partir de sua própria trajetória. Contudo, tal compreensão só ganha sentido na medida em que se compreender que o empenho bourdieusiano foi o de demonstrar que o mundo social é um mundo construído por seres humanos. A relação indivíduo e sociedade que atravessa a obra não buscam nem destacar o indivíduo nem a sociedade, mas visa destacar a ação coletiva da construção social humana.

3 CONSTRUTIVISMO BOURDIEUSIANO

“A construção do mundo social é, então coletiva, isso quer dizer que ela é produto de um trabalho, no qual muitas pessoas estão engajadas [...]”⁸⁵

O objetivo do presente capítulo é apresentar o construtivismo bourdieusiano. A proposta se ergue a fim de ofertar sentido à concepção de ser humano social apresentado no capítulo anterior, da mesma forma que visa à apresentação das noções *habitus*, campo e capital, com as categorias *illusio* e ação à luz do construtivismo bourdieusiano, no capítulo seguinte. Partindo do pressuposto de que a ação é o ponto de inflexão que permite demonstrar a imbricação indivíduo e sociedade e, considerando que o interesse bourdieusiano foi conhecer os mecanismos que sustentam as relações de desigualdades sociais, encontramos na ação coletiva o fundamento do seu construtivismo. Sob a perspectiva bourdieusiana o que está constituído no mundo social é fruto da construção humana. De que maneira tal construção ocorre? A resposta para tal questão atravessa sua obra destacando a presença do agente em vinculação ao espaço social e aos agentes que ali se encontram presentes. A construção do mundo social sob sua perspectiva ocorre pela concertação das ações dos agentes as quais modificam ou mantém o status quo de dado espaço social. Compreender a ação coletiva enquanto expressão da reunião dos interesses dos agentes pertencentes ao mesmo espaço social implicou rever a posição do ser humano no mundo social a partir da crítica realizada às teorias vigentes à sua época. Considerando que o ensejo bourdieusiano fora propiciar conhecimento social como a arma por excelência para a intervenção no mundo social, a categoria primordial com a qual opera é a categoria da ação.

A categoria da ação é o fio condutor que permitirá enfrentar a apresentação do construtivismo bourdieusiano a partir do rastreamento dos aspectos não ditos e os entreditos de sua teoria. A investigação de sua obra permitiu destacar a presença de dois pensadores: Jean Piaget e Lev S. Vigotski. Tal presença pode ser considerada como um dos muitos diálogos que Bourdieu estabeleceu com diversos autores de diversas áreas do conhecimento. Alguns deles são anunciados pelo

⁸⁵ Tradução da autora. No original: «La constuction du monde social est donc collective, ce qui veut dire qu'elle est le produit d'un travail dans lequel beacoup de gens sont engagés [...]» In: BOURDIEU, Pierre. Cours du 12 Juin 1986. In: BOURDIEU, Pierre. **Sociologie générale**. Cours au Collège de France 1983 – 1986. Paris: Raison d'Agir/Seuil, 2016. v.2. p. 1069.

próprio autor, caso de Jean Piaget, o qual aparece em alguns momentos explicitamente vinculados à sua teoria. Entretanto, outros permanecem silenciosamente presentes, caso de Lev S. Vigotski, cuja referência ocorre em momentos esparsos nos quais deixa entrever a sua admiração pela obra vigotskiana⁸⁶. A presença silenciosa pôde ser captada por meio da intuição filosófica que permite perceber nos rastros ofertados pelo autor uma convergência localizada no impensado de sua obra. Ao propor o termo diálogo torna-se relevante entendê-lo no escopo da postura investigativa que caracterizava Bourdieu, uma postura ativa que buscava encontrar não somente os vácuos deixados pelas teorias, mas também encontrar acolhida teórica para suas inquietações intelectuais. Da mesma maneira que ocorre com outras teorias, a teoria bourdieusiana deixa vácuos que permitem ao pesquisador relevar elementos que permitam compreender de uma maneira mais ampla o complexo pensamento que constrói.

No que concerne ao presente capítulo a categoria da ação enquanto fio condutor é o que reúne Bourdieu a Piaget e a Vigotski. Partindo de diferentes concepções, Piaget e Vigotski se encontram na ação o ponto de inflexão para o desenvolvimento psíquico. Piaget estava interessado em propor uma epistemologia, a qual encontra na pesquisa psicológica da época o caminho para reunir seus conhecimentos de biologia e filosofia. Ao contrário deste, Vigotski objetivava propor uma nova psicologia a partir da concepção de que o ser humano é um ser social e historicamente situado. Além disso, ambos os autores apresentam uma teoria construtivista, a primeira claramente identificada pelo próprio autor, a segunda não assim designada, mas é vista pelos pesquisadores da obra como socioconstrutivismo ou psicologia sócio-histórica. Independente da maneira como é identificada, o fio condutor de ambos é destacar o envolvimento ativo do ser humano em sua própria constituição. Considerando que a teoria bourdieusiana carrega consigo o signo da ação no âmbito do social, abordaremos o encontro de Bourdieu com Piaget e Vigotski a partir da apresentação inicial dos autores. O objetivo é destacar dos seus construtos a maneira como abordam a categoria da ação para tecer a convergência destes com a teoria bourdieusiana. O segundo momento se dedica a apresentar o construtivismo bourdieusiano.

⁸⁶ Alguns rastros podem ser encontrados em *O sociólogo e o historiador* (2012) e no artigo *Gens à histoire, gens sans histoire: dialogue Bourdieu/Chartier* (1989).

3.1 BOURDIEU ENCONTRA PIAGET E VIGOTSKI

O eixo que atravessa a obra bourdieusiana é o indivíduo em sua relação com a sociedade. Concebendo o ser humano como um ser social, Bourdieu elege como problema teórico desvelar os mecanismos de reprodução das desigualdades sociais. Tal problema objetivava propiciar conhecimento a respeito da trama social, uma trama sustentada em relações sociais tecidas por indivíduos. O traço de inconformismo e de crítica a respeito do evidente, daquilo que está instituído no mundo social impulsiona um construto teórico e prático que visa não somente restituir o indivíduo na condição de agente social, mas igualmente demonstrar que as ações humanas são o motor que movimentam indivíduos e sociedade. A categoria da ação, contudo, não é uma escolha descontextualizada de sua época, ao contrário, encontra-se inserida no contexto social, político e filosófico do pós-guerra francês. A ação e o concreto são categorias assumidas pela filosofia a fim de elencar propostas filosóficas vinculadas ao contexto social e político da época.⁸⁷ Com a experiência argelina, fonte de sua teoria, mas também consolidação de uma trajetória filosófica já iniciada, Bourdieu problematiza a concepção de ser humano por meio da categoria da ação.

As análises sociais desse período possuíam como fio condutor realçar a maneira como os indivíduos expostos à inserção de uma lógica capitalista, seja no caso argelino, seja no caso *béarnaise*, enfrentavam o processo de expropriação cultural, social, política e econômica na qual estavam inseridos. A diferença experiencial dos camponeses argelinos e dos camponeses do interior francês não o impediu de perceber a perturbação que a lógica capitalista promovia na relação destes com suas tradições⁸⁸. Bourdieu rastreia com as pesquisas da população camponesa argelina os impactos das mudanças sociais, culturais, econômicas e

⁸⁷ WORMS, Frédéric. **La philosophie en France au XXe. siècle**. Moments. Paris: Gallimard, 2009.

⁸⁸ A concomitância das pesquisas revela o reencontro incidental que o contato com a população argelina promoveu com suas origens. Em suas palavras: «Ce qui est certain, c'est que dans mes enquêtes en Kabylie, je me servais mentalement de la référence aux paysans béarnais et je me disais: 'si c'était un paysan béarnais qui me racontait cela, est-ce que je le croirais?' Et souvent c'était non, je ne le croirais pas, ni avec sa belle moustache ni avec ce qu'il me dit de l'honneur. Mes copains algériens bourgeois gobaient des choses que je ne gobais pas. Donc c'est sans doute parce que le Béarn était comme une référence mentale que je me suis décidé a faire une étude sur le Béarn.» *In*: BOURDIEU, Pierre. « Sécouez un peu vos structures! » *In*: DUBOIS, J.; DURAND, P.; WINKIN, Y. (dir.). **Le symbolique et le social**: la réception internationale de la pensée de Pierre Bourdieu. Nouvelle édition en ligne. Liège: Presses universitaires de Liège, 2015. p. 347. Disponível em: [http:// books.openedition.org](http://books.openedition.org). Acesso em 20 ago. 2020.

psíquicas permitindo-lhe dar-se conta de que o interior francês, que não sofrera um processo de colonização, passava também por um processo de transição. Considerando como o ponto de partida as pesquisas argelinas e francesas, ambas realizadas paralelamente no final dos anos cinquenta, Bourdieu dedica-se a restituir o indivíduo para as ciências sociais a partir da concepção de que o ser humano age, se tal ação é mais consciente ou não, é a provocação que alimenta seu percurso. Portanto, compreender como ocorrem as ações humanas torna-se o foco de sua atenção na medida em que objetiva propor uma sociologia de combate, um combate contra a concepção de um ser humano passivo diante das mazelas do mundo ⁸⁹.

Na tessitura de sua obra, o interesse pela categoria da ação indica o elo que reúne Bourdieu a Jean Piaget e a Lev S. Vigotski. Considerando que realizava a pesquisa doutoral a respeito da estrutura temporal da vida dos afetos, pode-se entender que a psicologia, a psicossomática e a psiquiatria não eram disciplinas estranhas ao autor. Ainda se acrescenta que nas pesquisas argelinas valeu-se junto com seu colaborador Abdelmalek Sayad, estudante de psicologia, de técnicas psicológicas para incrementar as entrevistas e análises que efetuavam. Com isso, afirmamos não ser estranha a presença da psicologia de maneira insidiosa e transversal em sua obra. As teorias piagetiana e vigotskiana aparecem entrelaçadas em sua teoria, o não dito ou entredito – caso da teoria piagetiana – de uma obra que busca compreender de que maneira as ações humanas são construtoras do mundo social. Pode-se dizer que para Bourdieu o encontro com esses autores se configura em uma espécie de mapa que lhe aponta os caminhos a serem percorridos a fim de construir sua própria teoria. Se por um lado a psicologia cobra presença de maneira insidiosa, por outro lado a educação enquanto formação do indivíduo encontra-se presente da mesma maneira e talvez possa se colocar que o encontro com tais pensadores revela a construção de uma teoria que não prescinde da formação do indivíduo.

A proposta piagetiana de uma epistemologia genética possui como objetivo responder as questões a respeito da natureza do conhecimento e de sua evolução, com a qual também visava contemplar o sujeito como construtor de seu

⁸⁹ Em relação a essa colocação podemos citar o autor ao se referir à sociologia que lhe importa construir: «[...] oubliait qu'elle a affaire à des hommes, lors même que ceux-ci, à la façon des marionnetes, jouent un jeu dont ils ignorent les règles, bref, si elle ne se donnait pour tâche de restituer à ces hommes le sens de leurs actes.» *In*: BOURDIEU, Pierre. *Le paysan et son corps* (1962). *In*: BOURDIEU, Pierre. **Le bal des célibataires**. Crise de la société paysanne en Béarn. Paris: Éditions du Seuil, 2002. p. 128.

desenvolvimento cognitivo e de conhecimento⁹⁰. Jean Piaget parte da biologia, a disciplina primeira com a qual fez sua formação científica e que se constitui no ponto de partida de seu empreendimento. Contudo, é com o estudo da filosofia de Henri Bergson que Piaget assume a compreensão de que a inteligência está vinculada à ação e de que o conhecimento é uma construção permanente que acompanha o indivíduo ao longo de sua vida⁹¹. É o contato com a filosofia e seus limites⁹², quais sejam, a ausência de um fundamento científico no campo epistemológico em que se ergue a problemática da natureza do conhecimento e o ensejo de elaborar uma epistemologia que conciliasse biologia e filosofia.⁹³ As perspectivas biológica e filosófica conduzem à premissa de que o organismo carrega consigo um feixe de ações intrínsecas com as quais se instauram o processo de adaptação ao meio. A psicologia entra nesse construto como a disciplina que lhe forneceria a base experimental de seu projeto, cujo objetivo era o de ofertar um equilíbrio entre a vida orgânica e o conhecimento⁹⁴.

Os três eixos da epistemologia genética que propõe, biologia, filosofia e psicologia, permitem-lhe estabelecer um paralelo entre o desenvolvimento cognitivo infantil e a aquisição e evolução do conhecimento científico⁹⁵. Com esse intuito, Piaget ergue a tese de que o complexo processo de adaptação do organismo dá-se a partir de um feixe de ações estimuladas pela interação com o ambiente, seguindo um movimento dinâmico constituído pelo par adaptação e organização. Esse par incitado por momentos de equilíbrio, desequilíbrio e reequilíbrio possibilita novas

⁹⁰ LEGENDRE, Marie-Françoise. **Piaget et l'épistémologie**. In: FONDATION JEAN PIAGET. Disponível em: <http://www.fondationjeanpiaget.ch>. Acesso em: 30 set. 2020.

⁹¹ DUCRET, Jean-Jacques. **Présentation oeuvre. Les étapes de la Philosophie: découverte de la philosophie**. In: FONDATION JEAN PIAGET. Disponível em: <http://www.fondationjeanpiaget.ch>. Acesso em: 20 set. 2020.

⁹² Gagnon refere que as críticas que realiza à filosofia, no entanto, carregam a defesa pelo entendimento de que a epistemologia não deveria ser vista como um braço da filosofia, mas como um campo próprio de pesquisa e, portanto, precisaria de uma teoria e método adequados para responder à pergunta a respeito da natureza e da aquisição do conhecimento. In: GAGNON, Maurice. *Épistémologie génétique, science et philosophie*. **Philosophiques**, Québec, v. 4, n. 2., p. 225-244, oct./1977. Disponível em: <https://id.erudit.org>. Acesso em: 30 set. 2020.

⁹³ PIAGET, Jean. **Sagesse et Illusions de la philosophie**. 2ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1968.

⁹⁴ PIAGET, Jean. **Sagesse et Illusions de la philosophie**. 2ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1968.

⁹⁵ Ramozzi-Chiarottino refere que a hipótese de que os conhecimentos científicos são o resultado de uma evolução não linear dos conhecimentos elementares dos níveis iniciais a níveis mais complexos da vida humana lhe possibilita erguer a hipótese de que tanto as crianças como os cientistas valem-se do mesmo princípio: a inserção do objeto de conhecimento em um sistema de relações constituído a partir da ação exercida sobre o objeto. In: RAMOZZI-CHIAROTTINO, Zelia. **Psicologia e Epistemologia genética**. São Paulo: EPU, 1988. p. 5-7.

aquisições de conhecimento promovendo a formação de estruturas cognitivas mais avançadas que as anteriores. Nesse complexo processo de desenvolvimento cognitivo, a ênfase recai na plasticidade da ação na medida em que permite a realização de intercâmbios entre o sujeito e o objeto, cuja interação é o que possibilita essa construção ⁹⁶. Por meio da formação de esquemas de ações compreendidos como uma sequência organizada de ações, o sujeito epistêmico repete as mesmas ações até uma nova situação perturbar o *status quo* até aquele momento adquirido e efetuar mudanças.

No substrato do desenvolvimento humano, tais esquemas de ações se referem àquilo em que “[...] em uma ação, é assim transponível, generalizável ou diferenciável de uma situação à seguinte, ou seja, o que há de comum nas diversas repetições ou aplicações da mesma ação” ⁹⁷. Tal esquema, contudo, não se encontra disponível à consciência do sujeito, em Piaget, esse esquema de ações estruturantes encontra-se imbricado com processos neurobiológicos, os quais são acionados a cada processo de equilíbrio, desequilíbrio e reequilíbrio operados a partir da interação com o objeto. E, nesse sentido, entender a plasticidade da ação a partir da compreensão dos esquemas de ação que estruturam cognitivamente o sujeito implica entender que tal conjunto de esquemas está imediatamente disponível ao sujeito epistêmico sem que passem pela lógica racional. Não se trata de reações impulsivas, mas entende-se como maneiras de agir imediatas diante de uma dada interação do sujeito com o objeto.

Da complexa teoria piagetiana, o que nos interessou destacar é a visada biológica da ação, a compreensão dos esquemas de ações e a existência de uma lógica não matemática que se encontra no substrato das ações dirigidas para a aquisição do conhecimento. Na construção de sua teoria, Bourdieu busca elementos teóricos que lhe permitam compreender a condição humana como uma condição atravessada pela ação. Piaget lhe aponta a corporalidade da ação, isto é, compreender a ação humana implica em compreender que ela passa por um corpo, cujo princípio é biológico. Nesse sentido, com a visada biológica da teoria

⁹⁶ Legendre alerta para as duas dimensões existentes na teoria piagetiana, a dimensão biológica e a dimensão cognitiva. Segundo a autora, tanto a primeira como a segunda se constituem a partir do processo de adaptação, a primeira do organismo em relação ao meio e a segunda das estruturas de inteligência em relação à realidade a ser conhecida. *In*: LEGENDRE, Marie-Françoise. **La pensée biologique**: Le processus d’adaptation et d’organisation. Présentation. *In*: FONDATION JEAN PIAGET. Disponível em: <http://www.fondationjeanpiaget.ch>. Acesso em: 30 set. de 2020.

⁹⁷ PIAGET, Jean. **Biologia e conhecimento**. Tradução de Francisco M. Guimarães. Petrópolis: Vozes, 1973. p. 100.

piagetiana, Bourdieu compreende que a ação não se reduz a um único elemento, mas diz respeito a um feixe de elementos que impulsionam o desenvolvimento humano. Desenvolvimento alicerçado na ação. Porém, a ação piagetiana não propicia pensar o ser humano como um ser que atua no mundo, executa, pratica. A ação piagetiana considerada enquanto uma ação individualizada não lhe propicia pensar o ser humano para além dessa condição.

Dedicado a demonstrar o caminho do desenvolvimento cognitivo a fim de demonstrar a aquisição e evolução do conhecimento científico, pode-se colocar que Piaget apresenta uma teoria voltada para o indivíduo. Tal inclinação termina divergindo com a busca bourdieusiana de elencar a ação humana como ação manifestada e executada no contexto dos espaços sociais. A inquietação bourdieusiana diz respeito à busca em encontrar elementos que pudessem demonstrar a capacidade de agir como capacidade de modificar as situações sociais nas quais o ser humano se encontra. Se, por um lado, Piaget lhe abre a possibilidade de incorporar ao seu construto a noção de esquema de ações como elemento na elaboração da noção de *habitus*, assim como a compreensão da existência de uma lógica da ação lhe permitiu elaborar o senso prático, por outro lado a ausência do contexto social, no qual tais ações se manifestam é o que o instiga à teoria de outro pensador: Lev Semionovich Vigotski ⁹⁸. A presença de Vigotski na obra bourdieusiana é silenciosa. Se em relação à Bourdieu pode ser considerada uma espécie de mapa, para o contexto desta pesquisa ela pode ser considerada como uma espécie de tela de fundo, cujos rabiscos são traços imperceptíveis quando comparados com a presença piagetiana. Com isso, a tarefa de perscrutar torna-se intelectualmente exigente, já que reclama sensibilidade aliada ao conhecimento da teoria vigotskiana para detectar os elementos em que ambos os

⁹⁸ A psicologia vigotskiana encontra-se vinculada ao contexto sociopolítico do período pós-revolucionário soviético. Nesse período o novo governo deparou-se com desafios sociais, políticos e econômicos que demandavam propor a construção de uma sociedade alicerçada na perspectiva socialista. De acordo com Prestes, a revolução acarretava na revisão cultural, educacional e científica existente e, para tanto, os intelectuais e cientistas foram mobilizados para participar da criação dos fundamentos de uma nova sociedade. *In*: PRESTES, Zoia. **Quando não é quase a mesma coisa**. Campinas: Autores Associados, 2012. p. 10-11. Por sua vez, Toassa realça a exigência do momento social, histórico e político que propunha “[...] novas estruturas sociais libertárias, novas formas de sensibilidade, organização política e econômica [...]”. *In*: TOASSA, Gisele. *Relações entre comunicação, vivência e discurso em Vigotski: observações introdutórias. Psicologia da Educação*, São Paulo, n. 39, p.16, 2ºsem./2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org>. Acesso em: 30 set. 2020. Tal contexto é relevante na obra vigotskiana na medida em que se insere em um projeto mais amplo, isto é, o projeto de uma teoria psicológica alicerçada na construção de uma nova sociedade o que exigia a construção de uma nova compreensão a respeito do ser humano.

autores se encontram. No entanto, torna-se imprescindível alertar que o objetivo de trazer tanto Piaget como Vigostki está circunstanciado à categoria da ação e ao empenho bourdieusiano de delinear sua proposta teórica, a qual visava a inserção do indivíduo sob uma perspectiva ativa quando em relação ao mundo social na medida em que o princípio que rege sua teoria é a construção humana do mundo social.

O ponto de partida da psicologia vigotskiana vincula-se aos estudos sobre o processo criativo e a recepção da obra de arte por parte do sujeito, mas também se vincula à prática pedagógica e ao interesse pelo processo ensino-aprendizagem de crianças com deficiências. Tais interesses intelectuais o encaminham ao tema da consciência, um tema caro às teorias psicológicas e à política de sua época⁹⁹. Conforme Toassa, o problema que se apresenta no início de sua trajetória é o que “[...] atravessa toda a obra de Vigotski: o das dificuldades da expressão, que traduziremos simplesmente como o *problema da inefabilidade das emoções, vivências e pensamentos*. [...] Refere-se à difícil transição entre pensamento, emoção e palavra”¹⁰⁰. Compreender como se forma a consciência foi o estímulo que o conduziu ao desafio de propor uma revisão crítica das teorias psicológicas vigentes. Na esteira dessa revisão incluía-se igualmente a psicologia soviética, especialmente no que tange à proposta de uma psicologia marxista¹⁰¹. A conclusão dessa revisão é o diagnóstico de uma crise presente no interior das correntes psicológicas, uma vez que os diferentes objetos e métodos adotados produziram a perda da conexão com o objeto de estudo: o ser humano enquanto um ser biológico, psicológico, social e histórico¹⁰². A crise diagnosticada, no entanto, é entendida como sendo a oportunidade de rever os pressupostos filosóficos e científicos da psicologia.

Sob essa perspectiva, o empenho vigotskiano direciona-se para demonstrar que a complexidade do ser humano, por um lado, não cabia nas visões

⁹⁹ VAN DER VEER, René; VALSINER, Jaan. **Vygotsky**: uma síntese. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

¹⁰⁰ TOASSA, Gisele. Relações entre comunicação, vivência e discurso em Vigotski: observações introdutórias. **Psicologia da Educação**, São Paulo, n. 39, p.16, 2ºsem./2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org>. Acesso em: 30 set. de 2020.

¹⁰¹ LEÓNTIEV, Alexei Nikolaevich. Artículo de introducción sobre la labor creadora de L. S. Vygotski. *In*: VYGOTSKI, Liev Semiónovich. **Obras escogidas I**. Dirección de Amelia Alvarez y Pablo del Río. Madrid: Visor, 1991. p. 425-426.

¹⁰² VYGOTSKI, Liev Semiónovich. El significado histórico de la crisis de la psicología. Una investigación metodológica. (1927). *In*: VYGOTSKI, Liev Semiónovich. **Obras escogidas I**. Dirección de Amelia Alvarez y Pablo del Río. Madrid: Visor, 1991. p. 259-407.

reducionistas que as teorias objetivistas ofertavam e por outro lado, que as teorias subjetivistas não contemplavam um método científico que pudesse alavancar suas análises a respeito da subjetividade humana. O problema da psicologia, em seu entender, estava vinculado à ausência de um objeto claro de estudo – o comportamento – e de um método científico próprio. Motivado em ofertar à psicologia uma rede conceitual própria alicerçada no método dialético¹⁰³, Vigostki propõe elaborar uma psicologia que tanto incorporasse o estudo da consciência humana vinculada ao comportamento¹⁰⁴ como também incorporasse o “[...] princípio da gênese social da consciência [...] um resultado da relação social com os outros [...]”¹⁰⁵. A adoção do método dialético acolhido da teoria marxista deve-se à sua percepção de que seria o único método capaz de possibilitar uma concepção de ser humano social e historicamente constituído.

Concebendo a psicologia como ciência teórico-prática, a mesma demanda a elaboração conceitual a partir da realidade e não o contrário e, nesse sentido, reivindica uma visão de ser humano vinculado à realidade cotidiana. Tal empenho encontra-se inserido na busca por ofertar uma psicologia que demandasse compreender que o indivíduo em sua vida diária não reflete a realidade em que vive, mas a reconstitui ativamente. Significa destacar a interferência na realidade por meio da elaboração de novos significados, da criação de novas interpretações e de novas soluções. A ênfase recai na concepção de ser humano constituído por um “[...] conjunto de relações sociais, encarnado no indivíduo (funções psicológicas, construídas pela estrutura social)”¹⁰⁶. O ser humano concebido como um conjunto de relações sociais, as quais o instigam e estimulam a agir, possibilita ao autor a reformulação do objeto de estudo da psicologia. A partir da inserção do ser humano na cultura, esta vista como imbricada com o social, o objeto de estudo da psicologia

¹⁰³ A crítica às propostas soviéticas para propor uma psicologia marxista se devia à inviabilidade de realizar uma transposição direta da teoria marxista às teorias psicológicas. Segundo Rivière, essa inviabilidade residia na relação direta entre dois campos diferenciados: a psicologia científica e a filosofia marxista, os quais exigiam uma mediação. In: RIVIÈRE, Angel. **La psicología de Vygotsky**. Madrid: Visor, 1985. p. 36.

¹⁰⁴ Em suas palavras: “Estudiar el comportamiento de la persona sin la psique como quiere la reflexología, es tan imposible como estudiar la psique sin el comportamiento.” In: VYGOTSKI, Liev Semiónovich. Los métodos de investigación reflexológicos y psicológicos. In: VYGOTSKI, Liev Semiónovich. **Obras escogidas I**. Dirección de Amelia Alvarez y Pablo del Río. Visor, 1991. p. 3-37.

¹⁰⁵ Tradução da autora. No original: “[...] el principio de la génesis social de la conciencia [...] un resultado de la relación social con los otros.” In: RIVIÈRE, Angel. **La psicología de Vygotsky**. Madrid: Visor, 1985. p. 29.

¹⁰⁶ VYGOTSKI, Lev Semionovich. Manuscrito de 1929. Tradução de Alexandra Marenitch. Revisão técnica de Angel Pino. **Educação e Sociedade**, Campinas, ano XXI, n. 71, p. 21-44, julho 2000.

passa a ser o processo integral e dialético do comportamento humano. A grade da análise vigotskiana ofertada permite vincular o desenvolvimento psíquico humano a partir da interação do ser humano com a cultura e a sociedade. Tal deslocamento do desenvolvimento psíquico para o âmbito da cultura foi possível a partir do pressuposto de que: “A cultura também é produto da vida em sociedade e da atividade social do homem e, por isso, a própria colocação do problema do desenvolvimento cultural já nos introduz diretamente no plano social do desenvolvimento”¹⁰⁷.

Perseguindo o objetivo de demonstrar que a constituição da psique dá-se a partir das relações que o meio social estimula no indivíduo, por meio das quais se incorporam os instrumentos e os signos da cultura, Vigotski parte do princípio de que é a ação em direção à dominação do objeto e do meio que instaura tal processo. Em suas palavras: “[...] os meios de agir sobre si foram inicialmente meios utilizados para agir sobre os outros assim como meios utilizados pelos outros para agir sobre si”¹⁰⁸. Sob tal perspectiva, Vigotski propõe que o desenvolvimento humano se dirige para a individuação das funções sociais, isto é, para a transformação das relações sociais em funções psíquicas. A pergunta que se ergue, portanto, está vinculada a maneira como se constroem as funções psíquicas superiores a partir das relações sociais¹⁰⁹. A chave para tal formação é encontrada no falar e no pensar, dois processos “[...] diferenciados e em unidade, em oposição e em síntese, em sua dupla condição de serem ações sociais e individuais [...]”¹¹⁰. Ao enlevar o processo da aquisição da fala e da formação do pensamento torna-se possível encontrar o caminho para compreender o desenvolvimento das funções psíquicas. Conforme a compreensão vigotskiana, no desenvolvimento psíquico as atividades do falar e do pensar não são atividades separadas, embora sigam caminhos desenvolvimentais

¹⁰⁷ VIGOTSKI, Lev Semionovitch. A defectologia e o estudo do desenvolvimento e da educação da criança anormal. Tradução de Denise Regina Sales; Marta Kohl de Oliveira; Priscila Nascimento Marques. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 4, p. 861-870, dez. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em: 15 set. 2020.

¹⁰⁸ VIGOTSKI, Lev Semionovich. Manuscrito de 1929. Tradução de Alexandra Marenitch. Revisão técnica de Angel Pino. **Educação e Sociedade**, Campinas, ano XXI, n. 71, p. 21-44, julho 2000.

¹⁰⁹ TEMPORETTI, Félix. Introducción. In: VIGOTSKI, Lev. **Pensamiento y habla**. Traducción de Alejandro Ariel Gonzáles. Buenos Aires: Colihue, 2012. p. CXX-CXXI.

¹¹⁰ Tradução da autora. No original: “[...] diferenciados y en unidad, en oposición en síntesis, en su doble condición de ser acciones individuales al mismo tiempo que sociales.” In: TEMPORETTI, Félix. Introducción. In: VIGOTSKI, Lev. **Pensamiento y habla**. Traducción de Alejandro Ariel Gonzáles. Buenos Aires: Colihue, 2012. p. CXX-CXXI.

diferentes, ambas se reúnem na aquisição da palavra: “A palavra é o final em que culmina a ação” ¹¹¹.

Vigotski encontra na palavra o signo que acarreta em um valor de maior investimento na medida em que “[...] a palavra é sempre comando dirigido a outros. Portanto, é o principal meio de dominação [...] uma ação reguladora entre os indivíduos” ¹¹². Compreender o poder da palavra sobre a conduta humana, conforme Toassa levou-o a pesquisar “[...] a comunicação dos afetos e pensamentos que transcendem o que é explicado, declarativo, denotativo” ¹¹³. O ato de falar, enquanto ação comunicativa social age sobre os outros e sobre si mesmo e, nesse sentido, falar e pensar, palavra e pensamento se encontram intimamente relacionados entre si e estes com o contexto social e histórico. Compreendendo o pensamento como a totalidade dos sentidos, o caminho de sua expressão não é um caminho direto, mas segue as tramas das relações cognitivas e afetivas, uma série de ações internas que buscam dar sentido a seu pensamento na palavra ¹¹⁴.

O processo de significação (produção de sentido e de significado) ocorrido ao longo do desenvolvimento psíquico implica duas dimensões, uma individual e outra coletiva, em ação conjunta na medida em que a psicologia vigotskiana concebe a relação dialética entre indivíduo e meio social. Com isso, a mediação realizada pelo significado também é uma mediação interna e externa. Interna, pois depende do processo interno de busca de sentido aos sentimentos e ideias que dado indivíduo busca expressar, e externa porque tal busca implica situá-lo no contexto social e histórico do meio em que se encontra e do outro com quem se comunica. Além disso, acarreta igualmente considerar que o pensamento e a linguagem (verbal, escrita, gestual e corporal) são entendidos como um processo dinâmico e aberto em movimento, uma vez que ocorre em estado vivo na relação com os outros e consigo mesmo. Ao final de sua obra, no entanto, Vigotski realça que o pensamento sendo um ato individual é uma ação que surge da “[...] esfera motivacional de nossa

¹¹¹ Tradução da autora. No original: “La palabra es el final que culmina la acción.” *In*: VIGOTSKI, Lev. **Pensamiento y habla**. Traducción de Alejandro Ariel Gonzáles. Buenos Aires: Colihue, 2012. p. 514.

¹¹² VIGOTSKI, Lev Semionovitch. Manuscrito de 1929. Tradução de Alexandra Marenitch. Revisão técnica de Angel Pino. **Educação e Sociedade**, Campinas, ano XXI, n. 71, p. 21-44, julho 2000.

¹¹³ TOASSA, Gisele. Relações entre comunicação, vivência e discurso em Vigotski: observações introdutórias. **Psicologia da Educação**, São Paulo, n. 39, p. 16, 2ºsem./2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org>. Acesso em: 30 set. 2020.

¹¹⁴ VIGOTSKI, Lev. **Pensamiento y habla**. Traducción de Alejandro Ariel Gonzáles. Buenos Aires: Colihue, 2012. p. 423-515.

consciência, que compreende nossas inclinações e necessidades, nossos interesses e impulsos, nossos afetos e emoções. Atrás do pensamento se encontra a tendência afetiva e volitiva”¹¹⁵. Tal imbricação realça o desafio das relações humanas centrado na comunicação das ideias e dos sentimentos visto que cada enunciado proferido obedece a uma ação volitiva. Nesse sentido, o autor aponta para a inexistência do pensamento puro e da palavra neutra, já que o pensamento não ocorre sem vinculação cognitiva e afetiva. Na última volta de sua espiral, uma volta deixada inacabada, Vigotski deixa em aberto a necessidade de compreender a motivação que estimula o pensamento de quem fala para além das palavras como o caminho para compreender a fala do outro.

Em que sentido colocamos anteriormente que o pensamento vigotskiano pode ser visto como uma espécie de tela de fundo do pensamento bourdieusiano? Em primeiro lugar, é relevante considerar que Bourdieu se dedica a construir sua própria teoria e, para tanto, a filosofia não lhe era suficiente, sobretudo a partir da experiência argelina. Da mesma maneira a sociologia conforme se apresentava à época não era continente às suas inquietudes. Convém lembrar que Bourdieu se caracterizava por ser um intelectual inconformado com as injustiças sociais e, portanto, nem a filosofia nem a sociologia existentes lhe bastavam. A psicologia adentra em seu escopo de estudos como a área do conhecimento que poderia lhe ofertar o entendimento a respeito das motivações inconscientes do comportamento humano. Tal especulação surge a partir do ensejo bourdieusiano de compreender como o indivíduo se posiciona diante das situações sociais em que se encontra. Ao mesmo tempo, as pesquisas argelinas e francesas lhe demonstram que apesar das transformações sofridas pela população rural menos favorecida, os indivíduos que ali se encontravam agiam e buscavam meios de enfrentar tais situações. Aqueles que se encontravam paralisados à mercê dos acontecimentos e das ações dos outros terminavam adoecendo ou simplesmente sobrevivendo. A experiência vivida e vivenciada desperta a sensibilidade para com o sofrimento advindo das perdas em que a população estava mergulhada. Portanto, as análises desse período¹¹⁶ nascem do empenho em trazer à tona a transformação e processo de desmantelamento da

¹¹⁵ VIGOTSKI, Lev. **Pensamiento y habla**. Traducción de Alejandro Ariel Gonzáles. Buenos Aires: Colihue, 2012. p. 508.

¹¹⁶ Tais considerações podem ser compreendidas nas análises apresentadas na obra *Le déracinement* (1964), assim como em *Le bal des célibataires. Crise de la société paysanne en Béarn* (2002) no que diz respeito às análises das modificações das condutas que foram adotadas a fim de se adaptarem à realidade conforme se apresentava.

sociedade argelina a partir das análises dos comportamentos da população rural e da população trabalhadora vinda do campo para as cidades. O resultado disso é a mudança definitiva de rumo em sua trajetória. A motivação bourdieusiana em propor uma sociologia que mapeasse os mecanismos de reprodução das desigualdades sociais acarreta em demonstrar que as ações que conduzem a reprodução dessa condição é a mesma ação que pode modificá-la. E, com isso, a busca em reintroduzir o sujeito nas discussões teóricas da época cobra sentido na medida em que o alvo é destacar a capacidade humana de agir sob qualquer circunstância.

Ao propor a convergência da teoria bourdieusiana com a psicologia vigotskiana é preciso entendê-la como uma proposta aproximativa, ou seja, encontram-se afinidades teóricas que permitem traçar o elo com esse pensador. Se considerarmos o projeto de elaboração de uma ciência psicológica e o caminho percorrido por Vigotski para realizá-la, encontramos um ponto em comum na sociologia bourdieusiana¹¹⁷. O ensejo de propor uma sociologia científica, com método e objeto próprio o aproxima da proposta vigotskiana de elaborar uma psicologia com seu próprio capital metodológico e filosófico. Sem desconsiderar a tradição filosófica e o conhecimento autodidata antropológico e sociológico que o formou como intelectual e cientista social, Bourdieu encontra em solo argelino a motivação para ofertar um passo adiante das teorias sociais de sua época. Tal passo adiante é ofertado por meio da proposta de refundar a sociologia, uma disciplina considerada pária e em crise, inspirou a publicação da obra *Le Métier de sociologue. Préalables épistémologiques* (1968) com a colaboração de Jean-Claude Chamberon e Jean-Claude Passeron no final dos anos sessenta. A obra objetivava elencar os pressupostos teóricos que fundamentavam a sociologia dotada de seu próprio método nascido das pesquisas empíricas, cuja abrangência buscava superar a visada objetivista e subjetivista da época. Nem uma sociologia do indivíduo nem uma sociologia da sociedade, mas uma sociologia que contemplasse a imbricação entre indivíduo e sociedade. Contudo, sinalizar a crise da sociologia, uma disciplina considerada pária nos anos cinquenta e o ensejo em refunda-la é somente um ponto em comum, o qual não se traduz no elemento principal que aproxima Bourdieu a Vigotski.

¹¹⁷ Elencar esse ponto em comum entre Vigotski e Bourdieu não exclui outras possibilidades teóricas com as quais o autor dialoga.

Considerando a categoria da ação como a categoria primordial que move o construto teórico bourdieusiano, a psicologia vigostkiana lhe oferta alguns elementos que se somam ao conhecimento teórico que detinha. A cultura e o social em Vigostki como em Bourdieu são construções humanas, contudo, o ensejo de Bourdieu é o de compreender a permanência, a reprodução das desigualdades sociais e, nesse sentido, a perspectiva vigostkiana de que a palavra é ação: “palavra como o final em que culmina a ação”, uma ação que interfere e domina o outro e a si mesmo é o elemento principal que atrai o autor. Sob a ótica de que o mundo social se constitui de relações de dominação, a não neutralidade das palavras e a ação interventora das mesmas permitiu-lhe compreender a vinculação da palavra com as condições sócio-históricas que dirigem o aprendizado e para onde retornar quando proferidas. Enquanto resultado de uma dada realidade social a linguagem é entendida como oriunda das condições sociais de produção, de reprodução e de utilização. E, nesse sentido, a prevalência de um idioma sobre outro, de um estilo de linguagem sobre outro, por exemplo, torna-se elemento relevante nas análises que apresenta nas obras como *Homo academicus* (1984), *Méditations pascaliennes* (1997), entre outras. Tal postulado possibilita entender a linguagem (escrita, oral e gestual) como um mercado linguístico¹¹⁸, no qual o discurso, especialmente, mas não somente, estabelece relações de poder simbólico por meio do qual se produz e reproduz relações de força e de dominação entre os agentes partícipes do mesmo espaço social. Por outro lado, a palavra entendida como ação carrega consigo também o signo da intervenção, por meio das palavras pode se denunciar o arbitrário do mundo social, fazer existir o que e quem não existe socialmente. Além disso, Vigotski ao afirmar a não neutralidade da palavra e a inexistência de pensamento puro, ou seja, isento de afeto, emoção e volição corrobora a visão de mundo bourdieusiana como agonística uma vez que não existe ação pura isenta de objetivos sejam eles quais forem. A não existência de ações puras abre espaço para Bourdieu conceber o mundo social como um espaço social de lutas e de conflitos. E, por fim, com Vigotski, Bourdieu revalida a perspectiva a respeito da formação do ser humano a partir das relações sociais, as quais carregam consigo a história *in vivo* que todo ser humano incorpora por meio de tais relações.

¹¹⁸ Bourdieu trata desse tema em *Ce que parler veut dire. L'économie des échanges linguistiques* (1984) e em *Langage et pouvoir symbolique* (1991) ambas as obras reúnem artigos escritos a respeito da linguagem. A segunda obra apresenta alguns artigos presentes na primeira e que foram reescritos pelo autor.

Na construção de sua teoria, a ação foi o elo que possibilitou o encontro e aproximação com as teorias piagetianas e vigotskiana. Na busca por demonstrar o indivíduo em sua condição ativa, propositiva e não somente responsiva aos acontecimentos seja quais fossem – familiares, sociais, econômicos ou políticos – Bourdieu encontra eco via psicologia a perspectiva construtivista do mundo social. Apesar da diferença teórica de Piaget e Vigotski, ambos os autores dentro das fronteiras de suas concepções apresentam o ser humano como construtor de si mesmo e do mundo em que se encontra. O questionamento a respeito do que é arbitrário no mundo social conduz Bourdieu a buscar na ação humana o ponto de inflexão para sua proposta teórica, uma proposta construtivista que visa demonstrar a construção do mundo social a partir da ação coletiva.

3.2 CONSTRUTIVISMO BOURDIEUSIANO: AÇÃO COLETIVA

O ponto zero do construtivismo bourdieusiano pode ser localizado nas experiências argelinas, as quais fornecem sentido e significado às suas experiências intelectuais e pessoais. No primeiro capítulo apresentamos a trajetória de vida, uma trajetória pessoal e intelectual, cujo objetivo foi o de demonstrar a concepção de ser humano social. O entendimento de que o ser humano se constitui a partir das relações sociais e, com estas, estabelece uma relação dialética por meio da ação encontra-se como princípio norteador de sua teoria. Compreender de que maneira as relações de desigualdade se mantêm advém da visão de mundo social alicerçada em relações de dominação. Se o mundo social se alicerça em relações de dominação e se o ser humano é o construtor de sua própria condição humana, ambas as condicionais hipotéticas erguem o questionamento a respeito de como o mundo social se constitui considerando a intervenção do ser humano como ponto central em sua constituição. A relação indivíduo e sociedade, uma relação marcada por tensões e distanciamentos, na teoria bourdieusiana é apresentada sob a perspectiva de construção coletiva, na qual o indivíduo só é indivíduo enquanto em relação com o espaço social no qual se encontra inserido. Compreender o movimento do pensamento bourdieusiano em direção a essa proposta é o desafio principal neste momento.

Retornar às pesquisas argelinas é o passo atrás necessário para rastrear a ação que Bourdieu pratica em prol de compreender a transformação da sociedade argelina e de que maneira a proposta teórica evolui no tempo. O ponto de partida desse período é a publicação da obra *Sociologie de l'Algérie* (1958), uma pesquisa bibliográfica que aponta para dois eixos que se desenvolverão na sequência: a análise a respeito do processo de passagem da sociedade tradicional para uma sociedade moderna e a análise da sociedade tradicional ¹¹⁹. A fim de efetivar tais análises, Bourdieu assume a coordenação do grupo de colaboradores para pesquisar a categoria trabalho em sua vertente emprego, desemprego e subemprego. O objetivo desse grupo de pesquisa dizia respeito a demonstração do desmantelamento da sociedade a partir da maneira como os camponeses, os operários e os operários-camponeses compreendiam a situação em que viviam. Objetivo que também conduzia as pesquisas realizadas nos campos de agrupamento com a população deslocada pela Armada francesa, cuja reunião de diversas etnias no mesmo espaço físico é o ápice do desmantelamento da sociedade tradicional argelina ¹²⁰. Concomitante às pesquisas em solo argelino, Bourdieu empreende uma pesquisa na região francesa na qual nascera com a população camponesa, cujo foco é o celibato ¹²¹.

O fio condutor dessas pesquisas que buscavam analisar as transformações sofridas pela inserção da lógica capitalista em sociedades tradicionais, cujas práticas seguiam o tom das heranças sociais é compreender como essas mudanças eram vivenciadas pelos indivíduos ali inseridos. Com tal propósito, o grupo de pesquisa dedica-se a elaborar instrumentos que lhes permitisse captar o que ocorria para

¹¹⁹ É relevante acrescentar a consideração apresentada por Martín-Criado a respeito do caráter experimental dessa obra, a qual deveria ser encarada como um laboratório de ideias que vão ser trabalhadas e retrabalhadas ao longo das edições subsequentes. *In*: MARTÍN-CRIADO, Enrique. **Les deux Algéries de Pierre Bourdieu**. Traduction d'Hélène Bretin. Broissieux: Éditions du CROCQUANT, 2008. p. 50.

¹²⁰ BOURDIEU, Pierre ; SAYAD, Abdelmalek. **Le déracinement**. La crise de l'agriculture traditionnelle en Algérie. Paris: Les éditions de Minuit, 1964.

¹²¹ O celibato na região *béarnaise* é entendido pelo autor como o sintoma mais visível da crise da sociedade tradicional dessa região. Antes entendido como o sacrifício necessário do indivíduo à coletividade, passa “[...] a ser sofrido como uma submissão a uma regra”. Ao longo da análise que oferta, Bourdieu demonstra que o choque do tradicional com o moderno provoca o questionamento do comportamento do camponês que permanece no campo. Nessa esteira, a vivência do celibatário é encarada com tom de resignação e de tristeza ou sinais de revolta velada. *In*: BOURDIEU, Pierre. **Le bal des célibataires**. Crise de la société paysanne en Béarn. Paris: Éditions du Seuil, 2002.

além do que estava sendo dito pelos entrevistados¹²². O empenho do grupo se dirigia para a elaboração de instrumentos de entrevistas que propiciassem uma aproximação maior com o entrevistado e, com isso, um instrumento estatístico que captasse o subtexto dos mesmos. A elaboração do método de pesquisa propicia uma análise que salienta as diferenças das posições ocupadas no espaço social e as defasagens existentes entre a visão de mundo aprendido das tradições e as novas categorias de pensamento e ação, de ser e agir apresentadas pela modernidade.

As pesquisas demonstram a distância existente entre a percepção subjetiva e a verdade objetiva da situação, a qual se modifica conforme a classe social e, dentro desta, conforme os grupos sociais¹²³. Nas análises a respeito da categoria trabalho, dos campos de agrupamentos com as populações camponesas deslocadas ou do celibato *béarnaise*, Bourdieu destaca a defasagem temporal entre o que estava sendo vivido – mudanças sociais e comportamentais – e o que possuíam como referência advinda do conhecimento adquirido. Essa defasagem temporal diferenciada entre as classes, os grupos e os indivíduos demonstra a impossibilidade da aquisição de consciência de sua situação, uma situação de precariedade e de perturbação das referências aprendidas e apreendidas. Contudo, isso não os impede de agir às demandas do sistema social. A ação, vista por meio de estratégias a fim de enfrentarem as mudanças socioeconômicas, é a brecha que Bourdieu vai encontrar para mais tarde elencar a teoria da prática que elabora. As diferenças de ações se vinculam às diferenças de experiências sociais, à posição social que ocupam e às disposições que possuem. A parcialidade do conhecimento é entendida pela inexistência de um sistema de disposições que possibilite o conhecimento do que estavam vivenciando e, com isso, a parcialidade ou inexistência da possibilidade de compreender o processo de transformação radical no qual estavam inseridos.

No solo da perspectiva bourdieusiana, o desenraizamento promovido pela inserção de uma lógica diferente da tradicional, uma lógica alicerçada na concepção de modernidade, cuja marca implacável é o processo de industrialização, ocorria

¹²² SEIBEL, Claude. Travailler avec Bourdieu sur *Travail et travailleurs en Algérie*. **Awal** : Cahiers d'études berbères, Paris, n. 31, p. 91-97, 2005.

¹²³ Bourdieu, Pierre. **Algérie 60**. Structures économiques et structures temporelles. Paris: Les Éditions de Minuit, 1977; BOURDIEU, Pierre ; SAYAD, Abdelmalek. **Le déracinement**. La crise de l'agriculture traditionnelle en Algérie. Paris: Les Éditions de Minuit, 1964.

tanto com os argelinos como com os *béarnaises*. Partindo do desenraizamento real e simbólico ao qual a população rural fora submetida, foi-lhe possível entender de que maneira esses indivíduos inseridos nesses contextos enfrentavam a transformação à qual estavam expostos. Os sentimentos de melancolia, desesperança e desânimo são sentimentos comuns a essa comunidade¹²⁴. Com a exigência de *res-ponder* às mudanças na qual se encontram mergulhados, Bourdieu dá-se conta de que a lógica das transformações das práticas sociais, especialmente as econômicas, locus relevante no qual os processos de inserção do capitalismo se fazem visivelmente presentes devido à concepção de industrialização que o acompanha, ocorrem à luz de uma “[...] reinvenção criadora”¹²⁵ por parte daqueles que a sofrem. Realçar a “reinvenção criadora” realizada por parte de alguns implicou ao mesmo tempo em perceber a existência de indivíduos que se encontravam paralisados, sem ação, diante da turbulência social a qual estavam expostos¹²⁶. Tal assertiva torna-se compreensível com o relevo da existência de dois sistemas diferentes e diferenciados - o tradicional e o moderno – convivendo simultaneamente na sociedade e, com isso, no interior do indivíduo.

Bourdieu¹²⁷ realça um processo de adaptação socialmente e individualmente desigual na medida em que tal processo exige um determinado sistema de disposições afins com os novos elementos que estão sendo introduzidos por meio da modernização não só da economia, mas da cultura em geral¹²⁸. A inexistência de tal sistema de disposições ao instaurar um conflito com o sistema de disposições existentes vinculados às tradições termina realçando a defasagem temporal na apreensão da lógica do sistema capitalista. A crise argelina, assim como a crise *béarnaise*, possuíam em comum a ausência de um sistema de disposições que

¹²⁴ Análises presentes nas seguintes obras : *Le Déracinement. La crise de l'agriculture traditionnelle en Algérie* (1964); *Célibat et condition paysanne* (2002).

¹²⁵ Tradução da autora. No original: «[...] réinvention criatrice.» In: BOURDIEU, Pierre. **Algérie 60**. Structures économiques et structures temporelles. Paris: Les Éditions de Minuit, 1977. p. 14.

¹²⁶ Tal análise se encontra principalmente em *Le déracinement. La crise de l'agriculture traditionnelle en Algérie* (1964).

¹²⁷ BOURDIEU, Pierre. **Algérie 60**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1977. p. 115-116.

¹²⁸ Bourdieu reconhece a relevância da economia, na medida em que está atrelada à sobrevivência, contudo, salienta que a necessidade de sobreviver economicamente está atrelada à necessidade de sobreviver socialmente. A dissociação operada pela imposição da lógica capitalista acarreta na sociedade argelina a ruptura com o sistema tradicional alicerçado na comunidade, na família estendida e na vinculação da função econômica com a função social. A operação de tal ruptura, na perspectiva bourdieusiana, acarreta na falta de questionamento a respeito do que está ocorrendo, conduzindo os argelinos a encontrarem a melhor maneira de manter suas vidas. Tais considerações podem ser vistas em: BOURDIEU, Pierre. **Algérie 60**. Structures économiques et structures temporelles; BOURDIEU, Pierre. **Esquisses algériennes**. Textes édités et présentés par Tassadit Yacine.

fosse capaz de incorporar as mudanças que estavam ocorrendo no tempo em que estavam acontecendo. Em outros termos, a ausência de um determinado sistema de disposições capaz de incorporar as novidades introduzidas acarreta uma convivência conflituosa de dois sistemas diferentes, o que termina exigindo um enfrentamento criativo para afrontar o que lhes está sendo imposto, algo que, contudo, não é realizado de forma homogênea por parte dos indivíduos. Por outro lado, Bourdieu encontra na *reinvenção criativa* a saída que buscava para demonstrar que no contexto social os indivíduos em geral não são nem passivos, nem conscientes de suas atitudes, mas agem no cotidiano de suas vidas à luz de uma lógica prática e não de uma lógica racional. Dessa maneira, a contribuição na manutenção do *status quo* das relações existentes do espaço social não é uma contribuição plenamente consciente, mas obedece a aspectos incorporados na estrutura do indivíduo, os quais são imperceptíveis para o próprio indivíduo. Ao mesmo tempo, com isso também almeja demonstrar que agir é uma premissa do indivíduo no contexto da vida social, o não agir o torna um indivíduo à mercê das demandas dos outros agentes consoantes com os espaços sociais ¹²⁹.

A passagem que se opera nas pesquisas do final dos anos cinquenta dá-se pela concepção de que, para compreender as relações de dominação e a reprodução das desigualdades, o ponto fulcral encontra-se nas práticas sociais. Para tanto, destaca a lógica prática a fim de salientar que o agir responde a uma lógica apreendida pela prática, ou seja, pela incorporação das ações dos outros. Em suas palavras “[...] o essencial do *modus operandi* que define o domínio prático se transmite pela prática, no estado prático, sem aceder ao nível do discurso” ¹³⁰. A concepção da lógica prática permite-lhe demonstrar que o indivíduo age perante os acontecimentos, e, tal ação, conduz à manutenção ou à modificação da realidade na qual estão inseridos sem, contudo, terem consciência plena do que estão fazendo. A realidade conforme se apresenta, fossem qual fossem os constrangimentos aos quais os indivíduos estão diariamente expostos exigem ações imediatas, isto é, ações sem a possibilidade da reflexão. Em suas palavras, “[...] elas são práticas porque não perdem tempo à se interrogar sobre sua lógica. Elas quase não têm

¹²⁹ Nesse sentido podem-se consultar as obras: *Le déracinement. La crise de l'agriculture traditionnelle en Algérie* (1964); *Les règles de l'art* (1992); *Méditations pascaliennes* (1997).

¹³⁰ Tradução da autora. No original: «[...] l'essentiel du *modus operandi* qui définit la maîtrise pratique se transmet dans la pratique, à l'état pratique, sans accéder au niveau du discours». In: BOURDIEU, Pierre. **Esquisse d'une théorie de la pratique**. Paris: Éditions du Seuil, 2000. p. 285.

reflexividade, autocontrole, elas funcionam quase, até um certo ponto, no limite do razoável”¹³¹. A eleição das práticas sociais como foco de interesse ocorre a partir da percepção e sensibilidade aguda que a pesquisa argelina lhe propicia, cuja somatória de convivência, de estudo, de observação, de entrevistas, de discussões em grupo e de análises lhe permite enxergar nelas o lócus no qual se reúne dialeticamente o *opus operatum* e o *modus operandi*¹³². Em outros termos, as práticas sociais são compreendidas como o lugar onde ocorre o encontro da relação entre indivíduo e sociedade, ou seja, o lugar das ações dos indivíduos diante dos apelos e constrangimentos diários. Enquanto lócus que reúne o *opus operatum* e o *modus operandi*, as práticas sociais são entendidas como o resultado do fluxo complexo de ações construídas pelas relações sócio-históricas que são transmitidas ao longo das gerações e incorporadas pelos indivíduos. O ensejo bourdieusiano ao trazer as práticas sociais para o foco de sua atenção visava relevar uma espécie de conhecimento prático, ali inserido e, geralmente, desconsiderado pelas teorias vigentes. Significa compreender que o autor via no conhecimento prático a via da reprodução e de enfrentamento das desigualdades sociais ao dar-se conta de que no *savoir faire* e no *faire* ordinário, nas relações sociais comuns e cotidianas, as práticas são realizadas à luz do senso prático.

A noção de senso prático permite-lhe destacar que a ação carrega consigo um senso, um sentido, uma direção ao ser executada, isto é, um objetivo. Tal noção permite-lhe realçar que as ações humanas executadas não são nem aleatórias nem racionais, mas são o resultado de uma forma de agir, de pensar, de falar vinculadas à maneira própria que cada indivíduo possui para intervir no espaço social. Na abertura do livro *Esquisses d'une théorie de la pratique* (1972), Bourdieu cita o significado de *sens* ofertado pelo dicionário francês Robert. A colocação de tal citação logo na abertura do livro não é por acaso e tampouco inocente, mas sinaliza o caminho que o autor *convida* o leitor a percorrer ao longo da proposta que apresenta. Pode-se entender que esse é o fio condutor, o ponto de partida para entender que as práticas sociais são ações carregadas de um tipo de conhecimento que é prático porque responde a um sentido que se encerra em uma espécie de

¹³¹ Tradução da autora. No original: «[...] elles sont pratiques parce que, précisément, elles ne perdent pas du temps à s'interroger sur leur logique. Elles n'ont guère de réflexivité, guère d'autocontrôle, elles fonctionnent à peu près, jusqu'à un certain point, dans les limites du raisonnable». In: BOURDIEU, Pierre. Cours du 28 mars 1985. In: BOURDIEU, Pierre. **Sociologie général**. Cours au Collège de France 1983-1986. Paris: Raison d'Agir/Seuil, 2016. v. 2. p. 513-514.

¹³² BOURDIEU, Pierre. **Le sens pratique**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1980. p.88.

racionalidade prática. O estudo desta obra em conjunto com *Le sens pratique* (1980) permite destacar o ensejo bourdieusiano de demonstrar que a ação humana encerra em si uma maneira de ser, de sentir e de pensar e, portanto, se constitui em um tipo de conhecimento intuitivo e imediato sem ser impulsivo ou racional.

O ponto chave para compreender sua teoria recai nesse aspecto impensado das ações, isto é, das ações efetuadas nas urgências da vida que não permitem reflexão, simplesmente dão lugar à ação: age-se. Todavia, a ação só tem sentido na execução prática consolidada no espaço social no qual o agente age. O senso prático, portanto, é a noção que permite compreender que não há ação sem objetivo, ou seja, sem um sentido. O interesse pelas práticas sociais como lócus de ações é entendido como o conjunto do aprendizado social, sobretudo, o aprendizado não verbal da maneira de pensar e de agir vinculado ao espaço social *a partir do e com o qual* se forma o indivíduo. Além disso, o que sustenta a crítica às teorias sociais vigentes é a concepção de ser humano que alicerça sua pesquisa, uma concepção construída ao longo da obra, mas assumida somente a partir dos anos oitenta quando apresenta o indivíduo como agente social ¹³³. A concepção de agente social é apresentada da seguinte maneira: “Na palavra “agente” existe ao menos a palavra “ação”, assim como certa impessoalidade, quando se fala de agente do Estado, têm-se a ideia de um personagem relativamente substituível” ¹³⁴.

Partindo do pressuposto que o indivíduo é um ser ativo, Bourdieu insere em seu construto o agente social, o qual só é compreendido quando vinculado ao espaço social no qual está inserido, a partir do qual se estrutura, se posiciona e contra o qual luta. Nas palavras de Bourdieu, “[...] o agente não é um espectador [...] ele está engajado na realidade mesma onde ele age e opera, fora de toda posição

¹³³ Bourdieu explica o motivo pelo qual escolhe a denominação de agente: «Le mot «agent» vaut contre le mot «acteur» qui implique qu’il y a un rôle; et je n’ai jamais écrit le mot «rôle» parce qu’il renvoie à la logique modèle-exécution: il y aurait une partition et l’acteur exécuterait un rôle qu’il aurait appris par coeur. [...] Le mot «sujet», quant à lui, réintroduit évidemment toute la philosophie de la conscience. Il conduit à dire que les «sujets sociaux» sont les sujets de leurs actions et de la connaissance du monde social, et à poser la connaissance du monde social par un acte théorique de conscience[...] » *In*: BOURDIEU, Pierre. Cours du 19 Octobre 1982. *In*: BOURDIEU, Pierre. **Sociologie général**. Cours au Collège de France 1981-1983. Paris: Raison d’agir/Seuil, 2015. v. 1. p. 288.

¹³⁴ Tradução da autora. No original : « Dans le mot «agent», il y a au moins le mot «action», ainsi qu’une certaine impersonnalité: lorsqu’on parle d’un agent de l’État, on l’idée d’un personnage relativement substituable ». *In*: BOURDIEU, Pierre. Cours du 19 Octobre 1982. *In*: BOURDIEU, Pierre. **Sociologie général**. Cours au Collège de France 1981-1983. Paris: Raison d’agir/Seuil, 2015. v.1. p. 288.

deliberada do objeto de consciência, de reflexão”¹³⁵. Tal concepção está alinhada a uma filosofia da ação mais conforme à realidade de acordo como ele a compreende¹³⁶, ou seja, uma realidade prática sustentada em relações objetivamente sociais, cujo conteúdo na maioria das vezes é invisível, isto é, não aparente. A concepção de agente social, contudo, vem ao encontro de demonstrar a relevância da ação como intervenção no espaço social, cuja deliberação consciente em grande parte é limitada e parcial. Sob tal perspectiva agir para existir socialmente encontra-se vinculado à própria razão de existir, isto é, um indivíduo que não age terminando não enfrentado a força do espaço social, não ofertando resistências ao que está ali tido como evidente ou natural e, dessa maneira, na visão bourdieusiana, não é um agente¹³⁷.

O interesse pelo conteúdo não aparente das ações, especialmente, busca realçar o invisível das relações sociais com o objetivo de propiciar um conhecimento mais próximo da complexidade do mundo social. Entenda-se como o invisível das relações sociais o que é considerado como evidente, como *allant de soi* no mundo social e, portanto, não é questionado. Na construção teórica que percorre, o objetivo de problematizar as evidências vem em conjunto com outro mais diluído, qual seja, o de demonstrar que ainda que haja limites para a transformação da realidade, existe sempre a possibilidade da intervenção senão para transformá-la ao menos para tentar modificá-la. Em sua perspectiva, contudo, a intervenção no mundo social somente será possível a partir da aquisição do conhecimento a respeito da realidade invisível que sustenta as relações de dominação do mundo social. Em outros termos, a proposta teórica se constrói com o objetivo de trazer à tona os condicionamentos que regem a vida social do ser humano por meio do qual ele também forma suas estruturas mentais. Nesse escopo, Bourdieu volta-se para o

¹³⁵ Tradução da autora. No original: «[...] il est engagé dans la réalité même où il agit et opère, en dehors de toute position délibérée d’objet de conscience, de réflexion.» In: BOURDIEU, Pierre. Cours du 2 Novembre 1982. In: BOURDIEU, Pierre. **Sociologie général**. Cours au Collège de France 1981-1983. Paris: Raison d’Agir/Seuil, 2015. v.1. p. 313.

¹³⁶ BOURDIEU, Pierre. Cours du 19 Octobre 1982. In: BOURDIEU, Pierre. **Sociologie général**. Cours au Collège de France 1981-1983. Paris: Raison d’Agir/Seuil, 2015. v.1. p. 288-289.

¹³⁷ No *Cours du 17 de avril 1986*, Bourdieu refere-se ao indivíduo biológico, ao corpo como sendo a unidade das várias facetas que o agente apresenta nos diversos espaços sociais nos quais está inserido. Contudo, tal indivíduo biológico só se torna agente por meio da ação, aquele que não age é visto pelo autor como um corpo, um indivíduo biológico à mercê das demandas do espaço social. In: BOURDIEU, Pierre. Cours du 17 avril 1986. In: BOURDIEU, Pierre. **Sociologie général**. Cours au Collège de France 1983-1986. Paris: Raison d’Agir/Seuil, 2016. v. 2. Para esse tema também podem ser consultadas as seguintes obras: *Les règles de l’art* (1992) em relação à Douanier Rousseau em relação ao campo artístico francês, assim como a obra *Méditations pascaliennes* (1997).

indivíduo em sua cotidianidade, elencando das práticas sociais a categoria da ação a partir da percepção de que os indivíduos agem e ao agirem intervêm no espaço social. Com Wacquant, as práticas no contexto teórico bourdieusiano são entendidas como “[...] aquilo que as pessoas fazem, pensam ou sentem em seu mundo cotidiano”¹³⁸. Em sendo assim, as práticas sociais são entendidas como ações executadas¹³⁹, com isso, a relevância que adquirem em sua teoria, pois tal concepção lhe permite perceber ali o lócus no qual se transmitem as relações socio-históricas do mundo social por meio da apreensão dos esquemas de pensar e agir. As práticas enquanto ações executadas geram resultados quaisquer que sejam e, portanto, superam o agente que as realiza.

A eleição das práticas sociais enquanto ações executadas acarretam a adoção do pensamento relacional a fim de lhe ofertar uma visão mais ampla da relação indivíduo e sociedade, a qual se alicerça na perspectiva de que no mundo social o que conta são as relações estabelecidas. Significa compreender dois aspectos relevantes: uma visão de mundo social sob a perspectiva de espaços sociais, ou seja, as ações enquanto práticas entendidas como ações com resultados somente podem ser compreendidas em referência ao espaço social onde acontecem. O segundo aspecto diz respeito ao espaço social, o qual é visto como constituído por posições sustentadas nas noções de distanciamento e aproximação social e de hierarquia, ao qual vai denominar de campos sociais. Acrescentam-se ainda as disposições e as tomadas de posições operadas pelos agentes. O realce recai na rede relacional na qual os agentes sociais estão inseridos enquanto inseridos em dado campo social. Com isso, a afirmação “O real é relacional”¹⁴⁰ é o ponto de ancoragem para entender que a construção da realidade social ocorre em fluxo contínuo, sob uma perspectiva não linear, mas multidimensional e seguindo um movimento próprio ao espaço social em questão. Ao afirmar isso, Bourdieu assume a existência de relações objetivas, historicamente constituídas, as quais são

¹³⁸ AKÇAOGLU, Aksu; WACQUANT, Loïc. Prática e poder simbólico em Bourdieu: a visão de Berkeley. Tradução de Sergio Lamarão. **BIB**, São Paulo, n. 85, p. 148-163, 1/2018 [publicada em julho de 2018]. Disponível em: <https://www.anpocs.com>. Acesso em: 29 mai. 2020.

¹³⁹ Bourdieu refere-se que inicialmente se interessava pelas práticas sociais relacionadas às escolhas matrimoniais, aos rituais, à conduta econômica cotidiana, ao qual foi acrescentando a prática religiosa, a frequência dos museus, a escolha de uma escola ou de uma profissão, entre outras. Para esse tema podem ser consultados os cursos realizados no Collège de France ao longo dos anos 1981-1986, assim como a obra *Una invitación a la sociología reflexiva* (1992).

¹⁴⁰ BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loïc. **Una invitación a la sociología reflexiva**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2008. p. 134.

mantidas ou modificadas pelas ações dos agentes sociais partícipes de dado espaço social.

O pensamento relacional oferta a visão do mundo social a partir da perspectiva de uma realidade que se constitui com o entrelaçamento das relações entre os agentes e o espaço social a partir da inserção deste em um dado espaço social. Realçamos a inserção como sendo o ponto de partida com o qual a relação com o espaço social se estabelece a partir e por meio da ação que o encontro entre o agente e o espaço social propicia. Bourdieu¹⁴¹ refere-se ao encontro entre dois sistemas de relações - o do agente e o do espaço social -, sendo a ação a realização, ou seja, a efetivação desse encontro. Ao referir-se a dois sistemas de relações, é relevante destacar que o agente adentra no espaço social munido de sua própria bagagem social e histórica, o que vai lhe conferir um lugar, isto é, uma dada posição. Munido de sua própria bagagem, o agente se insere na rede relacional previamente estabelecida à sua chegada e da qual participará a partir desse momento. Com isso, Bourdieu destaca o agente como sendo o indivíduo que age desde o momento em que adentra em qualquer espaço social, cujas ações na maioria das vezes permanecem na *docte ignorance*¹⁴². Significa compreender que as ações não são deliberadas porque incorporadas, ou seja, tornam-se corpo e, com isso, entende-se que no domínio prático do cotidiano os agentes agem sem ter conhecimento a respeito dos princípios que regem tais ações. A *docte ignorance*, no entanto, não exclui a obtenção de resultados, ou seja, as ações executadas apresentam resultados que intervêm no espaço social ainda que os agentes não tenham consciência plena dos mesmos. Na esteira do senso prático, a ação executada por meio de atitudes e palavras é o que permite estabelecer relações de consonância ou de confronto com os outros agentes sociais do espaço no qual se encontra inserido.

A trajetória empreendida até agora teve como objetivo demonstrar o lugar a partir do qual Bourdieu ergue as bases de sua teoria, assim como realçamos o pensamento relacional como a abordagem filosófica que permite ofertar uma visão

¹⁴¹ BOURDIEU, Pierre. Cours du 1 mars 1984. *In*: BOURDIEU, Pierre. **Sociologie général**. Cours au Collège de France 1983-1986. Paris: Raison d'Agir/Seuil, 2016. v.2. p. 20; BOURDIEU, Pierre ; WACQUANT, Loïc. **Una invitación a la sociología reflexiva**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2008. p. 166-167.

¹⁴² Bourdieu utiliza a expressão *docte ignorance* para salientar o desconhecimento que os agentes possuem a respeito dos princípios que regem as práticas sociais, cujas ações são simplesmente realizadas. *In*: BOURDIEU, Pierre. **Esquisse d'une théorie de la pratique**. Précédé de trois études d'éthnologie kabyle. Paris: Éditions du Seuil, 2000. p. 227-228; 307-308.

da realidade social a partir das relações, o que possibilita uma perspectiva mais complexa da relação indivíduo e sociedade. Além disso, realçamos a categoria da ação como sendo o foco principal em torno do qual vai fundamentar sua teoria. O percurso visa o realce de uma particularidade do pensamento bourdieusiano, a qual propicia uma nova perspectiva de análise: a construção coletiva do mundo social. Convém colocar que o ensejo bourdieusiano de desvelar as relações invisíveis que sustentam as relações de dominação social, as quais se apresentam à luz das desigualdades estava vinculado ao ensejo de resgatar o indivíduo enquanto agente social. No entanto, ao longo da construção teórica que empreende esse resgate demonstra que as relações de dominação se alicerçam em ações coletivas, isto é, na conjunção de ações que visam a manter ou a modificar o *status quo* dos espaços sociais. O mundo social, portanto, é entendido como o resultado de ações coletivas e não da soma de ações individuais ou de ações isoladas. Embora o indivíduo gere a ideia e aja –, o ato individual da ação só terá sentido e significado quando houver receptividade no âmbito da coletividade. Para Bourdieu, a construção do mundo social somente é realizada a partir de ações coletivas, ações que são realizadas a partir da concertação dos interesses conscientes ou não conscientes de cada um que se coaduna com todos.

Partir do pressuposto de que a construção do mundo social ocorre coletivamente implica compreender que, ao realçar as relações, Bourdieu destaca o pressuposto de que o agente age estimulado pela relação que se instaura desde o momento inicial de sua entrada em dado espaço social. Significa que a relação é o gatilho da ação do agente social e, dessa forma, podemos realçar que ao ocorrer no âmbito do espaço social, tal relação é o entrelaçamento entre a dinâmica do espaço social e a dinâmica do agente social. Dessa maneira, o construtivismo bourdieusiano é ação relacional em constante prática, isto é, só se concebe no âmbito das relações que se estabelecem por ações geradas a partir do enfrentamento. Compreenda-se o enfrentamento como sendo o impacto que a ação da *relação* carrega consigo a cada e a todo o momento em que os agentes se encontram no espaço social. Em outros termos, pode-se entender enfrentamento como o impacto que *provoca* o agente social para agir. Contudo, tal *provocação* somente ocorre pela identificação entre agente e espaço social na medida em que Bourdieu propõe por meio da noção de *habitus*, a formação do agente a partir das estruturas sociais dos espaços sociais do qual participou e participa. A expressão utilizada pelo autor em diversas ocasiões

como “sentir-se em casa” diz respeito a essa identificação do agente com o espaço social. Nas palavras do autor, “[...] quando se vê frente a condições objetivas idênticas ou similares àquelas das quais é produto [...]”¹⁴³. Em outros termos, as ações práticas desencadeadas pela relação que se estabelece entre agente e espaço social são ações executadas a partir dessa identificação tácita, algo que permite ao agente social participar do jogo instituído em dado campo. Tal identificação, contudo, não é apenas pela afinidade, mas dá-se também pela repulsa ou mesmo pela ambivalência que tal participação aciona.

Ao propormos a teoria construtivista bourdieusiana alicerçada na ação coletiva buscamos realçar que a construção do mundo social dá-se pela concertação das ações vinculadas a dado espaço social. Tal concertação implica a identificação, a familiarização, o encontro entre agente e espaço social, o qual permite agir em conjunto a fim de manter ou modificar a estrutura de dado espaço. Na esteira dessa compreensão, a ação bourdieusiana é ação coletiva não extemporânea, pois a mesma acontece no momento do aqui e do agora, a qual traz consigo os elementos entrelaçados da história social e pessoal dos agentes e da história social do espaço social. No entanto, a fortuna, o desafio e por vezes o desencantamento que a teoria bourdieusiana carrega diz respeito à demonstração de que, em se tratando do mundo social, as mudanças que as ações coletivas promovem são limitadas. Em outros termos, a assunção de uma concepção de ser humano como sendo um ser social, ou seja, constituído a partir da incorporação das estruturas sociais do mundo social, fornece uma perspectiva limitada a respeito das ações coletivas em prol das modificações das estruturas sociais e, em último caso, das relações de dominação. Bourdieu traz à tona a premissa de que a partir do momento em que o ser humano se torna um indivíduo social por meio da incorporação das estruturas sociais ele age ou está inclinado à agir à luz das estruturas que incorporou. Em certa medida, o agente se identifica, se reconhece em dado espaço social na medida em que ele possui em sua estrutura elementos que o levam a tal identificação. Na esteira dessa identificação ou do encontro de motivações semelhantes, as ações coletivas enquanto concertação das ações dos agentes sociais de dado campo tendem a lutar pela manutenção do *status quo*, cujas mudanças são atreladas a essa tendência.

¹⁴³ Tradução da autora. No original: “[...] en casa [...]”; “cuando se ve frente a condiciones objetivas idénticas o similares a aquellas de las cuales es producto [...]” /n: BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loïc. **Una invitación a la sociología reflexiva**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2008. p. 169,170.

O construtivismo bourdieusiano, portanto, propõe uma visão das condições de possibilidades das transformações das estruturas sociais, das quais o agente social é seu resultado. A partir da concepção de agente social, o construtivismo bourdieusiano apresenta uma visão dialética da relação indivíduo e sociedade como sendo intrinsecamente vinculada: *indivíduosociedade*¹⁴⁴, a qual visa a superação de tal dualidade. Por um lado, o agente social é um indivíduo social historicamente constituído, ou seja, é história incorporada. Por outro lado, não abre mão de inserir as relações sócio-históricas que constituem o mundo social sob a ótica de relações objetivas, as quais *provocam* ações que coletivamente constroem a realidade social ao mesmo tempo em que são construídas pela mesma. Ações exercidas por agentes social e historicamente constituídos, o que significa que o agir humano está diretamente vinculado à formação desse indivíduo, a incorporação de estruturas sociais que formam os esquemas de percepção e de ação que vão construir e constituir tanto a visão de mundo como a divisão do mundo. Em suma, o mundo social atravessado por classificações sociais carrega visões de mundo específicas, as quais, ao serem incorporadas, formam os esquemas de ações e percepções que acompanharão o indivíduo em sua trajetória confrontando-o ou confirmando-o. Por meio da noção de *habitus* - noção elaborada, trabalhada e retrabalhada ao longo de sua obra – Bourdieu aponta para as condições de possibilidades dos agentes para agirem e, com isso, para efetuarem mudanças sociais.

Entendendo-se o *habitus* como um esquema de ações e percepções, uma estrutura estruturada predisposta a funcionar como estrutura estruturante, constitui-se em um sistema de disposições duráveis, porém suficientemente flexíveis “[...] a ponto de possibilitar improvisações reguladas”¹⁴⁵. Se por um lado o *habitus* dos agentes enquanto matriz formada a partir da relação dialética com as estruturas da realidade social torna-se a fonte geradora de práticas, de ações executadas, ou seja, das ações não refletidas, antecipando a própria racionalização e objetivação ainda que sejam objetivadas nas relações e posições sociais que dado agente assume em dado espaço social, fornece a impressão de que ao incorporar tais estruturas o

¹⁴⁴ O neologismo proposto possui como objetivo visualizar o pensamento bourdieusiano, o qual não realiza uma separação entre indivíduo e sociedade e, tampouco, realça um em detrimento do outro, mas considera ambos intimamente imbricados. O espaço social e o agente social se entrelaçam ou se enredam por meio da ação prática. O apelo bourdieusiano é para prestar atenção a essas ações como expressões de estruturas mentais socialmente constituídas que agem e, na maioria das vezes, contribuem sem saber para a manutenção das desigualdades sociais.

¹⁴⁵ MICELI, Sergio. Introdução: A força do sentido. In: BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2011. p. XLI.

agente somente age condicionado a tal sistema. Por outro lado, o condicionamento entendido como direção das ações dos agentes não significa uma condenação. Em diversas ocasiões Bourdieu se refere ao fato de que o *habitus* não é um destino, isto é, um agente social condenado a ser e agir sempre da mesma maneira. Embora haja uma tendência dos agentes a agirem em conformidade ao aprendizado que é o resultado da incorporação desses esquemas de ação e percepção, suas ações são muitas vezes surpreendentes para o próprio agente. É essa surpresa a qual Bourdieu se refere como uma reinvenção criativa que é “despertada” ou “estimulada” a partir do movimento das relações nos espaços sociais. A “surpresa” enquanto potência criativa oriunda dos impactos das relações sociais é a possibilidade – ainda que na maioria das vezes não pensada – que o agente carrega consigo para abalar ou mudar as relações sociais instituídas no mundo social.

4 AÇÃO COLETIVA: *ILLUSIO* E AÇÃO

“[...] as ações coletivas [...] são o produto de uma conjuntura, isso quer dizer, da conjunção necessária de disposição e de um acontecimento objetivo.”¹⁴⁶

No construtivismo bourdieusiano, dois aspectos merecem atenção: a presença do indivíduo de maneira transversal e a ação como fio condutor. Na expectativa de superar as teorias objetivistas e subjetivistas, entre as quais, se realça o estruturalismo lévi-straussiano e o existencialismo sartriano, Bourdieu encontra na categoria da ação o ponto fulcral a partir do qual se torna possível estabelecer as bases de sua teoria. Afinado com o estruturalismo lévi-straussiano, Bourdieu inicia sua trajetória como etnólogo e antropólogo nos passos da antropologia de Claude Lévi-Strauss¹⁴⁷, com o qual guarda a afinidade do princípio que rege seu construto: a arbitrariedade do mundo social. Diferente de Lévi-Strauss, o qual propõe a antropologia estruturalista como uma área de conhecimento que permitiria fornecer às ciências humanas e sociais a cientificidade que careciam¹⁴⁸; Bourdieu, com a experiência argelina, se propõe a refundar a sociologia e, com isso, visa a uma sociologia científica¹⁴⁹. O percurso que cada autor realiza a fim de compreender de que maneira o mundo social se constitui oferta a diferença com a qual um propõe a antropologia social e o outro propõe a sociologia reflexiva. A proposta não é apresentar uma comparação destes autores na medida em que exigiria outra pergunta doutoral. No entanto, ao propormos que a teoria bourdieusiana se constitui em um construtivismo, torna-se importante elencar os

¹⁴⁶ Tradução da autora. No original: «[...] les actions collectives [...] sont le produit d'une *conjuncture*, c'est-à-dire de la conjonction *nécessaire* de dispositions et d'un *événement objectif*.» In: BOURDIEU, Pierre. **Esquisse d'une théorie de la pratique**. Précédé des Trois études d'éthnologie kabyle. Paris: Éditions du Seuil, 2000. p. 277.

¹⁴⁷ Segundo Martín-Criado, o primeiro livro publicado *Sociologie de l'Algérie* (1958), em sua primeira edição é devedor da antropologia estruturalista. Conforme o autor, esse livro experimental revela o exercício bourdieusiano em propor uma análise antropológica nos passos levistraussianos, embora ainda muito calcada no estilo filosófico dissertativo. A segunda edição, ainda conforme o autor apresenta outro estilo na análise e na apresentação, demonstrando desde esse momento o que vai se constituir em sua marca e sua fragilidade: operar com os autores a fim de encontrar elementos para alavancar sua teoria. In: MARTÍN-CRIADO, Enrique. **Les deux Algéries de Pierre Bourdieu**. Traduction d'Hélène Bretin. Broissieux: Éditions du Croquant, 2008.

¹⁴⁸ DOSSSE, François. Nascimento de um herói: Claude Lévi-Strauss. In: DOSSSE, François. **História do estruturalismo: o campo do signo, 1945-1966**. Tradução de Álvaro Cabral. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993. v.1. p. 31-38.

¹⁴⁹ BOURDIEU, P.; CHAMBERDON, J.-C.; PASSERON, J.-C. **Le métier de sociologue. Préalables épistémologiques**. Paris: Mouton, 1973.

pontos que consideramos relevantes para marcar os motivos pelos quais não se insere na corrente estruturalista lévi-straussiana¹⁵⁰ para, então, alavancar a proposta do capítulo que é a ação coletiva alicerçada na *illusio* e na ação.

O debate que Lévi-Strauss enfrenta está vinculado ao par natureza e cultura, cujo objetivo é elucidar as estruturas inconscientes subjacentes às instituições humanas pelas quais se reconhece a estrutura do espírito¹⁵¹. O princípio que rege a teoria é que o espírito humano, assim como ocorre na natureza, obedece a leis que regem seu estar no mundo. Para tanto, Lévi-Strauss¹⁵² propõe a existência de uma estrutura imanente que opera inconscientemente na humanidade. Sob tal ótica, o ser humano age à luz das leis universais sem que se considere quem, quando e como as constituíram e como se mantém.¹⁵³ Embora Lévi-Strauss entenda que a cultura não é *allant de soi*, sua proposta parte de uma convenção localizada no inconsciente da humanidade. Nesse escopo, a noção de estrutura acentua a noção de inconsciente como estrutura universal e imutável, alicerçada em pares de opostos, as quais são captadas pelo antropólogo por meio da construção de modelos. Os modelos construídos pelo pesquisador, por sua vez, buscam o caráter sistemático da estrutura; a pertença de todos os modelos a grupos de transformações, de forma que o conjunto das transformações se constitua em grupos de modelos; o caráter de previsibilidade da reação do modelo quando haja alguma modificação e, por fim, o caráter de universalidade¹⁵⁴. O que afasta Bourdieu de Lévi-Strauss deve-se ao limite que a proposta estruturalista apresentava no que tange a maior relevância dada às estruturas sociais em detrimento do sujeito. As consequências disso recaem

¹⁵⁰ Realçar os pontos que consideramos relevantes não significa a inexistência de outros aspectos e outras maneiras de destacar o afastamento de Bourdieu em relação à Lévi-Strauss.

¹⁵¹ Segundo Descola, “[...] em última instância, é na natureza do homem, em esquemas formais e universais profundamente inscritos no seu espírito, mas sempre conscientemente apreendidos, que reside o fundamento das instituições matrimoniais e, de maneira mais ampla, da própria cultura, cuja emergência é marcada pela proibição do incesto. [...] Lévi-Strauss se diz convencido de que as leis do pensamento não diferem das que ocorrem no mundo físico e na realidade social que não é senão, ela mesma, um de seus aspectos”. In: DESCOLA, Philippe. Claude Lévi-Strauss, uma apresentação. **Estud. av.**, São Paulo, v. 23, n. 67, pp. 148-160, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v23n67/a19v2367.pdf>. Acesso em 30 de novembro de 2020.

¹⁵² LÉVI-STRAUSS, Claude. Linguagem e parentesco. In: LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Ubu editora, 2017. v. II. p. 86.

¹⁵³ LÉVI-STRAUSS, Claude. Linguagem e parentesco. In: LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Ubu Editora, 2017. v.II. p. 41-102.

¹⁵⁴ LÉVI-STRAUSS, Claude. A noção de estrutura em etnologia. In: LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Ubu Editora, 2017. v. II. p. 283-284.

em uma grade de leitura da realidade social que, no entender de Bourdieu¹⁵⁵, deslocava o sujeito para uma posição assujeitada às estruturas.

Bourdieu não entra no debate natureza e cultura, seu objeto de interesse é a sociedade e a posição do ser humano na sociedade. O princípio que norteia sua teoria é de que o mundo social é uma construção humana e, portanto, problematiza a relação indivíduo e sociedade. Nesse escopo, a noção de estrutura bourdieusiana é uma noção estruturada enquanto estruturante. Ao conceber a estrutura como sendo estruturada por um conjunto de relações sócio-históricas, considera-a estruturante na medida em que opera por meio de sua incorporação por parte dos agentes sociais. No entanto, tal incorporação ao formar o sistema de percepção e de ação dos agentes não se reduz a mera repetição das estruturas, mas implica compreender que as mesmas são modificadas a partir da inserção do agente no contexto do momento social em que tais ações são efetuadas. Sob tal perspectiva, a estrutura não é nem estável nem estática, mas dinâmica. A conservação do *status quo* dos espaços sociais, o que fornece o caráter aparente de estabilidade, talvez até de imutabilidade, é na realidade a luta pela manutenção do sistema de relações que os estruturam, a qual ocorre por meio da concertação dos agentes. A inserção do indivíduo enquanto agente social é realizada a partir da categoria da ação. Se o mundo social é constituído, tal constituição dá-se pelas ações dos seres humanos, o que o conduziu a elencar a ação como ponto fulcral para construir sua teoria.

Ao considerar que a pergunta filosófica que conduz seu construto teórico é a respeito das condições de possibilidades do ser humano de enfrentar os constrangimentos sociais, a ação individual é um aspecto relevante a ser contemplado. Contudo, o que lhe importa é a maneira como as relações de desigualdade social se mantêm ou se modificam. Na configuração do mundo social é a ação coletiva que é destacada como alvo e fundamento do construtivismo bourdieusiano. Assentado no pensamento relacional cassireriano, Bourdieu destaca as relações entre todos os termos que compõem os espaços sociais a partir das posições dos agentes¹⁵⁶. Se por um lado, a descentralização do ser humano trazida

¹⁵⁵ Tal posicionamento aparece em diversas obras, entre as quais, destacamos: *Le bal des célibataires. Crise de la société paysanne en Béarn* (2000); *Esquisse d'une théorie de la pratique. Précédé de trois études d'ethnologie kabyle* (1972); *Le sens pratique* (1980).

¹⁵⁶ Chartier refere que a lição fundamental da obra bourdieusiana é a proposta de pensar o mundo social a partir do pensamento relacional: “[...] sempre pensar as relações que podem estar visíveis nas formas de coexistência, de sociabilidade, ou de relações entre indivíduos, ou ainda de relações mais abstratas ou estruturais, que organizam o campo [...]”. In: CHARTIER, Roger. Pierre Bourdieu

pelo estruturalismo importa a Bourdieu, pois se insere no anticartesianismo; por outro lado, a discordância surge na medida em que a ausência da perspectiva da ação humana não lhe oferta o caminho para responder suas inquietudes intelectuais: as desigualdades sociais e a possibilidade de mudança.

Dupla consequência advém de tal discordância: a metodologia que coloca o pesquisador em uma posição distanciada, inspirando seu questionamento e, como decorrência disso, a desconsideração de aspectos relevantes para a análise e para a elaboração da teoria, já que isso poderia propiciar um viés não visto na pesquisa. Na esteira disso, encontra-se também a relação sujeito e objeto, uma relação sempre tensionada nas áreas humanas, na medida em que o objeto de estudo é outro ser humano. A discordância bourdieusiana parte de sua concepção de ser humano social, ou seja, o antropólogo ou sociólogo, em regra geral, os intelectuais, como todos os seres humanos, pertencem ao mundo social. Conforme Bourdieu, tal afastamento, ao colocar o pesquisador em uma posição superior termina propiciando análises que, na tentativa de desvelar, velam mais do que desvelam. O realce se dá na existência de dois níveis do discurso do entrevistado: o oficial, consagrado pela comunidade e esperado por ela, e aquilo que ocorre na prática cotidiana ¹⁵⁷. A via de acesso a esse segundo aspecto dá-se pela assunção de que o sociólogo, enquanto teórico e pesquisador do mundo social, também faz parte e é oriundo de dada realidade social. Com isso, as categorias de percepção e de ação que o constituem podem vir ao encontro de encontrar as brechas no discurso que possibilitem uma aproximação com seu entrevistado. Nesse escopo, a socioanálise é proposta como uma ferramenta relevante para o sociólogo, uma vez que seu autoconhecimento social pode ser uma via de acesso ao outro. Igualmente, a relação sujeito-objeto passa a ser uma relação sujeito-sujeito sob a ótica de uma relação objetivada.

e a história. Debate com José Sérgio Leite Lopes. *In*: BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. **O sociólogo e o historiador**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira, colaboração de Jaime A. Clasen. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012. p. 88.

¹⁵⁷ Na entrevista com Mouloud Mammeri, em 1985, Bourdieu refere-se à relação entrevistador e entrevistado, à boa vontade do entrevistado em ofertar os dados solicitados, mas ao mesmo tempo realça que tais informações muitas vezes não condizem com o que de fato acontece. Na entrevista, destaca os dois discursos, o oficial e o da realidade das pessoas. A postura do etnólogo, mas também a do sociólogo é o de desconfiar para questionar aquilo que está sendo dito. Para isso, Bourdieu realça a trajetória social do pesquisador como uma ferramenta relevante no processo de encontrar no dito aquilo que não está sendo dito. *In*: BOURDIEU, Pierre. **Du bon usage de l'Ethnologie avec Mouloud Mammeri (1985)**. *In*: BOURDIEU, Pierre. **Esquisses algériennes**. Textes édités et présentés par Tassadit Yacine. Paris: Seuil, 2008. p. 265-283.

A proposta metodológica bourdieusiana parte do conjunto da crítica que realiza ao estruturalismo lévistraussiano: ao método e à posição do pesquisador, os quais se encontram vinculados ao peso maior dado às estruturas. O questionamento ao método, isto é, à proposta de construção de modelos que representariam a estrutura, dá-se pelo risco que a postura do pesquisador propicia. Uma postura erudita que não considera sua trajetória social como um ponto relevante a ser considerado corre o risco de assumir o modelo como realidade¹⁵⁸, obscurecendo a própria realidade que se almeja analisar. Em seu entender, toda teoria social deveria ter como princípio a lembrança constante de que “[...] ‘tudo se passa como se’ ela lembra que existe uma defasagem entre o modelo e a realidade que esse modelo dá conta [...]”¹⁵⁹. A fim de enfrentar esse risco, a análise social bourdieusiana atrai a objetivação do próprio pesquisador tanto para não deslizar para o conhecimento de senso comum como para o conhecimento estritamente erudito do mundo social. O questionamento propicia também a lembrança de que as teorias sobre o mundo social se erguem dentro de um campo social configurado por lutas e disputas. O risco do viés intelectualista é o de levar ao esquecimento as condições que separam a atividade do pesquisador da prática cotidiana dos indivíduos. Disto o método embasado nos conceitos *habitus*, campo e capital é proposto como uma tríade conceitual e operacional, colocando à prova empírica os conceitos elaborados, os quais passam por revisões e reelaborações ao longo da obra. Com o método, a análise se ergue a partir de duas fases da pesquisa que estão inter-relacionadas: a fase estruturalista e a fase construtivista¹⁶⁰, contemplando tanto o espaço social como o agente.

O que afasta definitivamente Bourdieu da corrente estruturalista lévistraussiana, contudo, é a categoria da ação, a partir da eleição das práticas sociais. Ao elencar as práticas sociais, Bourdieu destaca que as mesmas não são meras execuções de regras estabelecidas, nem deliberações racionais advindas da

¹⁵⁸ BOURDIEU, Pierre. **Le sens pratique**. Paris: Éditions de Minuit, 1980. p. 20-40; BOURDIEU, Pierre ; WACQUANT, Loïc. **Una invitación a la sociología reflexiva**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2008. p. 114.

¹⁵⁹ Tradução da autora. No original: «[...] ‘tout se passe comme si’: elle rappelle qu’il y a un décalage entre le modèle et la réalité dont ce modèle rend compte.» In: BOURDIEU, Pierre. Cours du 9 Novembre 1982. In: BOURDIEU, Pierre. **Sociologie générale**. Cours au Collège de France 1981 - 1983. Paris: Raison d’Agir/Seuil, 2015. v.1. p. 375.

¹⁶⁰ BOURDIEU, Pierre. Cours du 19 Juin 1986. In: BOURDIEU, Pierre. **Sociologie générale**. Cours au Collège de France 1983 -1986. Paris: Raison d’Agir/Seuil, 2016. v.2. p. 1135-1136; BOURDIEU, Pierre. Espaço social e poder simbólico. In: BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. Tradução de Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990. p. 149 – 168.

consciência livre, mas segue um princípio gerador, um processo dialético com o qual ocorre a interiorização da exteriorização das estruturas sociais e a exteriorização da interiorização da síntese incorporada dessas estruturas pelos agentes, cuja expressão são as ações. Tal relação dialética se encontra no transfundo de uma teoria dinâmica, cujas relações sociais são tecidas e entretecidas na perspectiva de que os agentes sociais, por meio da *illusio* e da ação, transformem seu interesse individual em objetivo coletivo.

4.1 ARTICULAÇÃO COM *HABITUS*, CAMPO E CAPITAL

O ponto de partida encontra-se na concepção de mundo social e na concepção de ser humano social. O primeiro compreendido como agonístico fundamenta uma visão combatida e conflituosa do mundo social; o segundo fundamentado na formação *a partir, com, contra e para* o social, lhe permite conceber que o indivíduo somente ganha sentido e significado inserido no mundo social. Com essas concepções encontramos em Bourdieu a condição humana como vinculada ao reconhecimento e, no fundo, à pertença social. A luta pelo pertencimento atrai as ações dos agentes, as quais são direcionadas em conformidade ao campo social. Conceber o mundo social como resultado de ações coletivas vem ao encontro de relevar a força transformadora ou, no mínimo, abaladora de condições sociais complexas. Na medida em que o mundo social não é evidente, nem natural, a construção dos fatos sociais recai nas ações humanas. Naquilo que tange a tal construção, torna-se relevante compreender que a mesma não ocorre nem por ações individuais, nem pela sua somatória, mas pela concertação dos agentes em torno de um objetivo comum. Tais concertações não prescindem de tensões e conflitos ainda que reúna os agentes sociais em torno de um objetivo comum. Significa compreender que a ação coletiva é a conjunção dos interesses individuais que se transformam em objetivo coletivo. Para enfrentar o obstáculo epistemológico ofertado pelo objetivismo e o subjetivismo, Bourdieu dedica-se a demonstrar que apesar das constrições sociais advindas das relações de desigualdade social, o indivíduo enquanto agente tanto age para conservar como para alterar tais relações convocado pela demanda do campo.

O problema passa pela demonstração de que a relação de dominação, o par dominante e dominado, não é um par estático e atrelado somente às questões

econômicas. Em uma sociedade desigual socialmente, alicerçada em relações de dominação, Bourdieu busca compreender como tais relações se mantêm ao mesmo tempo em que busca propor uma perspectiva de enfrentamento. Nesse sentido, a problematização da base econômica como fundante das desigualdades permite-lhe complexificar a relação indivíduo e sociedade. Podemos colocar que tal complexificação carrega em seu substrato a perspectiva de um agente social que possa se constituir a partir de uma visão social mais desencantada da realidade¹⁶¹. Embora reconheça que o capital econômico¹⁶² possua um peso significativo em uma sociedade capitalista, o motor que impulsiona sua teoria é o de demonstrar que conhecer o espaço social em que o agente está posicionado, possibilita encontrar maneiras de, minimamente, resistir por meio de ações interventoras a tais restrições¹⁶³. Com isso, destaca-se que a presença do indivíduo em sua teoria é uma presença transversal, isto é, encontra-se do início ao fim de seu percurso. Tal presença exigiu uma proposta que pudesse contemplar a presença do mundo social enquanto espaço ao qual a condição humana se encontra atrelada. Nesse sentido, a relação intrínseca entre indivíduo e sociedade – *indivíduo-sociedade* – atraiu a construção de uma teoria social que contemplasse dois modos de existência do social por meio da elaboração das noções de *habitus* e campo, para então o indivíduo se transformar em agente social.

Ao elencar as práticas sociais, Bourdieu encontra o lócus no qual se reúnem dialeticamente o *opus operatum* e o *modus operandi*, permitindo-lhe destacar o conhecimento prático como sendo o modo de conhecimento que consegue captar a espessura da realidade social. Com a prática social, a ação ali engendradora é o ponto de inflexão com o qual supera a visada de ações mecânicas e meramente responsivas aos espaços sociais ou conscientes e voluntárias. Ao considerar que o objetivo bourdieusiano está vinculado ao mundo social, a ação coletiva se apresenta

¹⁶¹ Pinto refere que Bourdieu preferia valer-se da palavra *desilusão* à palavra *desencanto* para elucidar o trabalho do sociólogo como aquele que apresenta uma visão social desde seu interior, desde o solo das relações sociais práticas. *In*: PINTO, Louis. **Pierre Bourdieu y la teoría del mundo social**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2002. p. 55-57.

¹⁶² “Obviamente, en las sociedades capitalistas avanzadas sería difícil sostener que el campo económico no ejerce determinaciones especialmente poderosas. ¿Pero deberíamos admitir por ese motivo el postulado de su (universal) ‘determinación en última instancia?’”. *In*: BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loïc. **Una invitación a la sociología reflexiva**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2008. p. 148.

¹⁶³ “[...] Los dominados, en cualquier universo social, pueden ejercer siempre una cierta fuerza, en tanto que pertenecer a un campo significa por definición ser capaz de producir efectos en él [...]”. *In*: BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loïc. **Una invitación a la sociología reflexiva**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2008. p. 115.

para compreender a maneira como os campos sociais se constituem, se mantêm ou se modificam. Mais do que isso, a ação coletiva não é extemporânea, isto é, ocorre a cada e a todo o momento em que o agente se encontra em relação com o campo. Tais ações implicam olhar para o agente inserido em um dado campo e, com isso, uma dupla dimensão inter-relacionada se realça: agente e campo. A ação coletiva, portanto, se relaciona ao campo em questão – artístico, literário, científico, religioso, filosófico, político - e às condições do agente em impregnar os outros agentes de seu interesse a fim de transformar tal interesse em objetivo comum. Convém realçar que a teoria bourdieusiana é uma teoria dinâmica, ou seja, por meio da concepção de agente, a ação e o interesse oferta dinamismo e movimento, na medida em que a ação quando executada promove resultados imprevisíveis. Esse caráter de imprevisibilidade deve-se às consequências da ação, a qual possibilita ao campo uma nova configuração e, com isso, novas posições e tomadas de posição¹⁶⁴.

As ações dos agentes são ações mediadas pelo *habitus* e o capital e instigadas pelo campo social e o seu capital específico. Na perspectiva bourdieusiana, o desenvolvimento capitalista trouxe como atributo a diferenciação do espaço social a partir da instauração do processo de industrialização, o que propiciou a autonomização de campos sociais¹⁶⁵, cujo princípio de diferenciação está vinculado à distribuição desigual de capital. Ao partir do pressuposto que as desigualdades sociais não são decorrentes somente do capital econômico, Bourdieu¹⁶⁶ forja as noções de capital social, capital cultural e capital simbólico. Tal pressuposto, contudo, incorre ser compreendido pela relação imbricada entre *habitus* e campo. A relevância dessa proposta teórica ocorre pela complexificação das relações de dominação, mesmo que no par dominante e dominado o termo dominante possua melhores condições – *habitus* e capital - para participar do campo, estas são colocadas à prova no âmbito do campo de lutas. A noção de capital bourdieusiana é compreendida como sendo um tipo de energia social que

¹⁶⁴ A imagem de um movimento em elipse torna-se relevante para não incorrer na tendência de destacar uma circularidade viciosa. Ao contrário, a ação fornece à sua teoria a abertura para a possibilidade de novas configurações, isto é, novas possibilidades de apreensão e de aprendizado.

¹⁶⁵ Gisèle Sapiro refere-se ao processo de autonomização do campo literário francês, cujo processo de profissionalização do escritor, das editoras, dos críticos está vinculado ao mercado econômico. *In*: SAPIRO, Gisèle. Pasajes. La teoría de los campos en sociología: génesis, elaboración, usos. **El Taco En La Brea**, Santa Fe, v.1, n. 5 p. 435-455, jun. /2017. Disponível em: <https://bibliotecavirtual.unl.edu.ar>. Acesso em 20 de novembro de 2020.

¹⁶⁶ BOURDIEU, Pierre. Les trois états du capital culturel. **Actes de la recherche en sciences sociales**, v. 30, p.3-6, nov./1979. Disponível em: <http://www.persee.fr>. Acesso em 25 de novembro de 2020.

impulsiona as ações dos agentes seja para sua aquisição, seja para sua manutenção, seja para seu aumento. Ao mesmo tempo, o valor e a força de dado campo social encontram-se atreladas a sua capacidade de produção, de difusão e preservação do seu capital específico.

A noção de campo e a noção de capital, portanto, são noções que estão intrinsicamente relacionadas. Pensar o campo social implica pensar o capital como reguladores das regras do jogo com as quais os agentes irão lidar. Assim, nos deparamos com uma vinculação intrínseca entre *habitus*, capital e campo. Uma questão relevante é considerar que o processo histórico pelo qual o campo vai se instituindo e adquirindo autonomia relativa em relação ao espaço social global é incorporado pelo agente que passa a agir à luz da apreensão da estrutura relacional do campo. Para compreender a manutenção dos campos sociais e, sobretudo, a reprodução das relações de dominação, torna-se relevante considerar que tal reprodução ocorre por meio da incorporação dessa estrutura, cuja transmissão via incorporação por meio da relação passa de geração a geração. Como consequência, ocorre a inserção da história *in acto*, ou seja, como ato presente nas ações dos agentes, a qual propicia a atualização do passado no presente, em outro contexto social ¹⁶⁷. A abertura para o presente-futuro e o enclausuramento no passado é a luta e a tensão com a qual os agentes se deparam tanto individualmente quanto coletivamente.

O campo considerado como um campo de forças e um campo de lutas, as quais se estabelecem a fim de modificar o campo de forças, engendra a ação que os agentes irão efetuar. Em outros termos, o tecido relacional atrai ou repulsa as ações dos agentes, sua participação ou seu afastamento. Com isso, torna-se possível compreender que as ações dos agentes respondem àquilo que está engendrado no próprio campo, ou seja, a aderência do *habitus* ao campo dá-se pela identificação que ocorre com certa maneira de ser do próprio campo. A cumplicidade ontológica compreende-se, portanto, como esse reconhecimento tácito entre *habitus* e campo.

¹⁶⁷ No artigo *Le mort saisit la vif. Les relations entre l'histoire réifiée et l'histoire incorporée* (1980), Bourdieu se refere aos dois estados da história: a história das relações sociais incorporada por meio do *habitus* e a história objetivada, acumulada nas coisas – estátuas, livros, documentos, edifícios, entre outros. Os agentes pertencentes ao mesmo espaço social incorporam a história em sua forma objetivada e subjetiva. Com isso, Bourdieu realça a cumplicidade ontológica entre os agentes pertencentes ao mesmo espaço social e o campo. In: BOURDIEU, Pierre. *Le mort saisit la vif. Les relations entre l'histoire réifiée et l'histoire incorporée*, **Actes de la recherche en sciences sociales**, v. 32-33, p. 3-14, avril/juin 1980. Disponível em www.persee.fr. Acesso em 30 de novembro de 2020.

Na concepção de campo bourdieusiana importa colocar a existência de uma lei própria e imanente, *nomos* instaurada arbitrariamente¹⁶⁸, e que se constitui no princípio de visão e de divisão própria do campo. Para Bourdieu, a noção de *nomos*¹⁶⁹ é entendida como o princípio que ao definir o pensável e o impensável se torna impensável, inquestionável, na medida em que se constitui na matriz de todas as questões pertinentes ao campo (por exemplo, no campo literário os agentes sociais se reúnem em torno dos livros, das editoras, das publicações, dos leitores) e, com isso, não possibilita questionamentos. Em outros termos, a lei que o fundamenta é o princípio que rege os questionamentos em relação ao enredo, ao que está envolvido no campo, mas não o seu fundamento.

À noção de *nomos* acrescenta-se a noção de *doxa*¹⁷⁰, a qual é compreendida como o conjunto de crenças vinculadas a um determinado mundo social que se impõem de maneira pré-reflexiva. Em sendo assim, constituem-se naquilo que todos estão de acordo tacitamente e, com isso, são impensadas, indiscutidas e entendidas como naturais e evidentes¹⁷¹. Da mesma maneira que cada campo tem seu próprio *nomos*, também tem sua própria *doxa*. *Nomos* e *doxa*¹⁷² formam o impensado dos campos sociais, a ossatura do campo não dita e, com isso, aquilo que é tido como natural. Tal ossatura regula as relações estabelecidas no campo, isto é, institui o jogo do campo ao qual o agente irá ou não aderir. A adesão na perspectiva bourdieusiana carrega esse aspecto do impensado e, com isso, a pertença e a

¹⁶⁸ Segundo Bourdieu «L'arbitraire est aussi au principe de tous les champs, même le plus «purs», comme les mondes artistique et scientifique [...]» *In*: BOURDIEU, Pierre. **Méditations pascaliennes**. Paris: Éditions du Seuil, 2003. p. 139.

¹⁶⁹ BOURDIEU, Pierre. **Méditations pascaliennes**. Paris: Éditions du Seuil, 2003; BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loïc. **Una invitación a la sociología reflexiva**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2008;

¹⁷⁰ A noção de *doxa*, assim como o *habitus* são conceitos presentes na tradição filosófica. Segundo Martinez, Bourdieu busca em Husserl a noção de atitude dóxica para então forjar sua própria concepção. Ainda conforme a autora, a *doxa* à luz de Bourdieu é uma espécie de fé prática, uma fé na experiência primeira do mundo social que forma a crença tácita na naturalidade de sua ordem. *In*: MARTINEZ, Ana Teresa. **Pierre Bourdieu**. Razones y lecciones de una práctica sociológica: del estructuralismo genético a la sociología reflexiva. Buenos Aires: Manantial, 2007. p. 129-159.

¹⁷¹ BOURDIEU, Pierre. **Questions de sociologie**. Paris: Les Éditions de Minuit, 2002.

¹⁷² Convém colocar que o caráter permanente do *nomos* e da *doxa*, assim como da *illusio*, elementos que constituem o campo, se mantém historicamente cristalizados ofertando uma falsa impressão de imutabilidade. A falsa impressão dá-se pela passagem do tempo histórico que coloca no esquecimento a arbitrariedade da instituição, tornando inquestionáveis e, portanto, impensáveis os motivos pelos quais o campo se organizou de tal maneira. No prefácio de *La domination masculine* (1998/2002), cujo título é *L'éternisation de l'arbitraire*, Bourdieu coloca como importante a pergunta a respeito dos mecanismos históricos que permitiram deshistorizar e eternizar as estruturas de divisão sexual e os seus princípios de visão correspondentes. *In*: BOURDIEU, Pierre. **La domination masculine**. Édition augmentée d'une préface. Paris: Éditions du Seuil, 2002. p. 7-9. Colocar tal pergunta acarreta trazer à tona a arbitrariedade dos esquemas de visão e de percepção que constituem os agentes sociais e o campo social. A arbitrariedade do mundo social é a força motriz que alavanca a teoria bourdieusiana.

permanência em dado campo social é o encontro com os aspectos impensados do próprio agente. O encontro entre dois sistemas de relações sociais e históricas: *habitus* e campo.

Na medida em que se consideram os campos sociais como campos de luta e campos de força e, ainda, considerando o capital como eixo central do campo, torna-se importante destacar que as posições dos agentes resultam da conjugação de sua ossatura – *nomos* e *doxa* - e do seu capital com o *habitus* e capital do agente. Segundo Bourdieu¹⁷³, a adesão a dado campo dá-se por meio da noção de interesse, a qual pode ser substituída pela noção de *illusio*¹⁷⁴. A noção de interesse é introduzida na obra bourdieusiana à luz da teoria da prática social¹⁷⁵, a fim de demonstrar que o senso prático dos agentes, as ações impensadas são ações interessadas. Podem ser entendidas como ações que tem um objetivo, tem um sentido, um alvo. Em suas palavras: “[...] os agentes não agem de maneira disparatada [...] Eles podem se conduzir de tal maneira que, em uma avaliação racional das probabilidades de sucesso, pareça que eles tinham razão em fazer o que fizeram [...]”¹⁷⁶. Importa destacar que o impensado das ações dos agentes porque incorporado, como por exemplo, a ação de dirigir um carro, cujo aprendizado ao ser incorporado torna-se, em alguma medida, automatizado. Colocamos em alguma medida, pois o senso prático ao qual Bourdieu se refere implica a apreensão imediata do que está ocorrendo em dado momento em dado campo social a partir do *habitus*: conjunto de esquemas de percepção, de apreciação, de visão, de divisão e de ação do agente social. A apreensão vinculada à percepção é compreendida como a capacidade do agente agir por meio de “antecipações pré-perceptivas, uma relação com o futuro que não é um futuro, com um futuro quase presente”¹⁷⁷. São

¹⁷³ BOURDIEU, Pierre. É possível um ato desinteressado? In: BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas**. Sobre a teoria da ação. Tradução de Mariza Corrêa. Campinas: Papius, 2011. p. 139.

¹⁷⁴ Ao longo dos anos 1983-1986, nos cursos que proferiu no Collège de France, Bourdieu coloca como sinônimos de interesse, as palavras *illusio*, investimento, expectativa e libido para explicar a adesão do agente ao jogo do campo social. Entre os sinônimos, Bourdieu enfatiza a *illusio* como sendo a palavra que melhor explica a ação interessada do agente como a expressão do ajustamento de suas expectativas com as possibilidades que o campo social oferta. A entrada no campo social ocorre pela disposição em investir, *em estar*, envolvido no jogo. In: BOURDIEU, P. **Sociologie générale**. Cours au Collège de France 1983-1986. Paris: Raisons d'Agir/Seuil, 2016. v.2. p. 100-162;556-561.

¹⁷⁵ A respeito desse tema podem ser consultadas as obras : *Esquisse d'une théorie de la pratique*. *Précédé de trois études d'ethnologie kabyle* (1972); *Le sens pratique* (1980).

¹⁷⁶ BOURDIEU, Pierre. É possível um ato desinteressado? In: BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas**. Sobre a teoria da ação. Tradução de Mariza Corrêa. Campinas: Papius, 2011. p. 138.

¹⁷⁷ BOURDIEU, Pierre. É possível um ato desinteressado? In: BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas**. Sobre a teoria da ação. Tradução de Mariza Corrêa. Campinas: Papius, 2011. p. 143.

as ações imediatas as que tecem o cotidiano das relações sociais, já que na urgência do dia exigem do agente posicionamento, decisões, muitas vezes aparentemente burocráticas e banais, mas sempre decisões que atraem uma rápida leitura da realidade. Tal apreensão da realidade social atrai a objetividade da ação.

O caráter de impensado das ações, o senso prático que segue uma lógica prática acarreta o realce da razoabilidade das ações e não sua racionalidade. Em verdade, a ação bourdieusiana é uma ação que se ergue em relação a dado campo social, cuja entrada no mesmo ocorre também pelos interesses que guiam os agentes. Todavia, os interesses também podem ser entendidos como os objetivos que conduzem suas ações ainda que não sejam conscientemente elaborados. A noção de *illusio*, interesse ou investimento, todos sinônimos, para Bourdieu é compreendida como a adesão imediata ao *nomos* de dado campo, às regras do jogo que não são constituídas como regras, mas como regularidades. Em suas palavras: “A *illusio*, é isso que faz com que o jogo seja vivido como digno de ser jogado”¹⁷⁸. Ao se posicionar quando afirma que “[...] os agentes não agem de maneira disparatada”¹⁷⁹, destaca a existência de uma espécie de motor das ações, de uma direção, de um objetivo. Embora na urgência do cotidiano não pareça de tal maneira, compreende-se tal pressuposto por meio da relação das ações com o *habitus*, *nomos* e *illusio*. Ao trazer a metáfora do jogo para sua teoria, Bourdieu o faz a fim de demonstrar que a adesão do agente ao campo social ocorre por um *habitus* que carrega consigo o senso do jogo: “Ter o sentido do jogo é ter o jogo na pele; é perceber no estado prático o futuro do jogo [...]”¹⁸⁰. Em termos bourdieusianos, é a relação entre “expectativas e chances objetivas” ou a vinculação entre um sistema de disposições conforme ao *enjeux* do campo social.

Nesse sentido, o agente que possui tal relação encontra-se em melhores condições de jogar o jogo e fazer a diferença, outro aspecto relevante para compreender a importância da ação no construto bourdieusiano. “Fazer a diferença”, a qual pode ser entendida como a capacidade de perturbar o campo social, segundo o autor, é agir à luz da relação estreita que vincula o agente ao campo: “[...] é a

¹⁷⁸ Tradução da autora. No original: « L'*illusio*, c'est ce qui fait que le jeu est vécu comme digne d'être joué. » In: BOURDIEU, Pierre. Cours du 24. Avril 1986. In: BOURDIEU, Pierre. **Sociologie générale**. Cours au Collège de France 1983-1986. Paris: Raisons d'Agir/Seuil, 2016. v.2. p. 865.

¹⁷⁹ BOURDIEU, Pierre. É possível um ato desinteressado? In: BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas**. Sobre a teoria da ação. Tradução de Mariza Corrêa. Campinas: Papirus, 2011. p. 138.

¹⁸⁰ BOURDIEU, Pierre. É possível um ato desinteressado? In: BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas**. Sobre a teoria da ação. Tradução de Mariza Corrêa. Campinas: Papirus, 2011. p. 143.

vontade de jogar e, no mesmo movimento, a capacidade de jogar, isto é, a capacidade de discernir, por exemplo, os benefícios”¹⁸¹. Compreendam-se os “benefícios” como o ganho material e simbólico que jogar o jogo do campo propicia aos agentes, o que implica destacar que o discernimento rápido dos “benefícios” dá-se à luz do senso prático. Significa que a inexistência de atos gratuitos ocorre por meio da concepção de que as ações sempre têm uma direção ainda que o agente não tenha consciência do lugar que almeja alcançar. De toda maneira, o resultado das ações não é compreendido como o cálculo racional nem como um ato da consciência, mas como o resultado da expectativa do agente. Em outros termos, a *illusio* coadunada com a *illusio* do campo dá-se na perspectiva do pensamento relacional. Portanto, a capacidade de discernir é a capacidade de reconhecer “[...] que o jogo vale a pena ser jogado e que os alvos engendrados no e pelo fato de jogar merecem ser perseguidos; é reconhecer o jogo e reconhecer os alvos”¹⁸². Um agente que está *no jogo* e *em jogo* é um agente cujas ações fazem a diferença, já que suas ações irão intervir no jogo que está instaurado e, com isso, não são indiferentes às relações que instituem dado campo social. Dessa forma, Bourdieu enleva o ato de participar do jogo sem considerar o ganho ou a perda, uma vez que o jogo é intrínseco ao campo e, por sua vez, intrínseco ao *habitus*. Entrar em um campo social significa participar do jogo ali existente entre as relações objetivas estabelecidas, cujo estímulo para a ação é ofertado pela consonância com o *habitus* do agente. A luta por posições que em princípio é uma luta do agente à luz do pensamento relacional, somente terá expressão no campo social se outros agentes possuírem esquemas de percepção e de ação correspondentes. “Fazer a diferença”, portanto, é um elemento relevante uma vez que significa retirar o agente do estado de indiferença ao jogo instaurado no campo, um jogo vinculado aos outros agentes. Retirá-lo da indiferença incorre no estímulo para a sua pertença social.

O percurso até o momento destacou o agente social – *habitus* e capital - relacionado ao campo e ao capital, cujo elo é a ação. Na configuração apresentada, o realce dado foi ao impensado, àquilo que está evidente e naturalizado e que atravessa as relações sociais constituídas nos campos sociais, nos quais o agente

¹⁸¹Tradução da autora. No original: «[...] c'est l'envie de jouer et, dans le même mouvement, la capacité de jouer, c'est-à-dire de discerner, par exemple, des profits.» In: BOURDIEU, Pierre. Cours du 22 Mars 1984. In: BOURDIEU, Pierre. **Sociologie générale**. Cours du Collège de France 1983-1986. Paris: Raisons d'Agir/Seuil, 2016. v. 2. p. 162-163.

¹⁸²BOURDIEU, Pierre. É possível um ato desinteressado? In: BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas**. Sobre a teoria da ação. Tradução de Mariza Corrêa. Campinas: Papirus, 2011. p. 139.

participa. O impensado dos campos sociais, o *nomos* e a *doxa*, a qual o agente adere mais ou menos ou nada dependendo do *habitus* que o constitui. Bourdieu coloca em sua teoria a possibilidade de um agente não possuir um *habitus* afinado com um campo, mas fazer a diferença em outro campo social. Além disso, o capital que possui pode ser um facilitador ou não dependendo do campo social em que o agente se insere¹⁸³. Diversas possibilidades são contempladas, na medida em que considera que os agentes sociais como indivíduos singulares. A ação do agente social é o eixo da ação coletiva.

O agente voltado para a pertença social consiste como ação individual. De que maneira a ação coletiva não é a soma das ações individuais? A resposta deve considerar a visão agonística do mundo social, por um lado, e o pensamento relacional, por outro. Bourdieu apresenta a diferenciação dos agentes advindos de realidades sociais diferenciadas, com sistemas de percepção e de ação particulares atravessados pela tensão que gera se relacionar em dado espaço social. Nesse sentido, as expectativas dos agentes vinculadas ao seu *habitus* elencam o conjunto de habilidades para sensibilizar e articular as suas propostas junto a outros agentes, a fim de integrá-los e, com isto, agir coletivamente em torno de um objetivo comum. A busca pelo objetivo comum move o agente em direção a outros agentes para concertar em torno do mesmo. Nesse sentido, a capacidade de articular com o uso da palavra¹⁸⁴, uma capacidade vinculada ao *habitus* e ao capital do agente, permite-lhe colocar que a intervenção no campo social, fazer a diferença, implica considerar a maneira como dado agente interfere e atrai os outros agentes.

A análise bourdieusiana do campo literário francês do século XIX apresenta o movimento operado por artistas reconhecidos à época a fim de destacar a formação desse campo em questão. Na esteira desse propósito, Bourdieu elabora a noção de campo social a qual lhe permite trabalhar a maneira como se configura um campo social. Dessa análise, destacamos a movimentação operada por artistas reconhecidos tais como Gustav Flaubert, Charles Baudelaire, Théophile Gautier,

¹⁸³ Por exemplo, um agente social, cujo capital econômico lhe facilita a entrada no campo social literário não é suficiente dependendo do objetivo que persegue. Se quiser ser reconhecido como um escritor, não bastará possuir capital econômico, será necessário possuir capital cultural que tenha expressão para esse campo, acúmulo de conhecimento da área em conjunção com um *habitus* afim com o jogo do campo.

¹⁸⁴ Segundo Bourdieu (2015) : « [...] les mots contribuent [...] à faire la réalité [...] » In : BOURDIEU, Pierre. Cours du 9 Novembre 1982. In : BOURDIEU, Pierre. **Sociologie générale**. Cours du Collège de France 1981 – 1983. Paris: Raisons d’Agir/Seuil, 2015.v.1. p. 354.

Leconte de Lisle¹⁸⁵ a partir dos quais Bourdieu analisa o processo de articulação dos interesses individuais em torno de um objetivo comum. Sob essa perspectiva, os escritores e artistas, cada um deles dotado de suas preocupações particulares, reúnem-se na busca pela autonomia da arte em relação à burguesia e, sobretudo à questão econômica. Segundo Martinez¹⁸⁶, a configuração do espaço social ofertava diversas posições em torno da literatura, cujo elo comum era a posição dominada que os vinculava à população em geral diante da burguesia, por um lado; e os separava dado o capital cultural que possuíam, por outro lado. Com o objetivo de desvincular suas produções literárias e artísticas dos interesses econômicos e financeiros, os artistas e escritores defendem a autonomia do campo literário elencando a premissa da “arte pela arte”. Tal premissa enseja a arte pura como lei desinteressada, um desinteresse interessado em manter a produção artística à margem da própria lógica burguesa da qual, em alguma medida, eram representantes. Na sociogênese que realiza, Bourdieu contextualiza o período histórico, as questões políticas e econômicas, a posição dos escritores no espaço literário, a origem social dos principais agentes e os interesses de cada um na luta pela autonomia do campo literário.

Ao tratar da ação coletiva como a concertação dos agentes, o realce se dá na receptividade que havia entre agentes pertencentes ao mesmo campo, isto é, as discussões, as reuniões, as palavras proferidas encontram eco e receptividade em determinados agentes em dado momento ao ponto de reuni-los e constituírem um campo literário. Conforme Martinez: “A partir de aqui, é a maestria em certas competências particulares o que vai dar direito a entrar no campo, e que permite dizer ou fazer algo ali”¹⁸⁷. O campo literário está formado com sua *nomos*, *doxa* e *illusio* configurando as regras do jogo e delineando posições às quais os agentes irão aderir tacitamente ou não em acordo ao *habitus* de cada agente social. Os agentes sociais partícipes do referido campo se inserem na rede relacional constituída em dado momento social e histórico cuja premissa mantém o campo ao longo das gerações. No entanto, a questão que importa destacar é que ao considerar o campo como um campo de forças e de lutas, os agentes que participam

¹⁸⁵ BOURDIEU, Pierre. **Les règles de l'art**. Genèse et structure du champ littéraire. Paris : Éditions du Seuil, 1998.

¹⁸⁶ MARTINEZ, Ana Teresa. **Pierre Bourdieu**. Razones y lecciones de una práctica sociológica: del estructuralismo genético a la sociología reflexiva. Buenos Aires: Manantial, 2007. p.263-264.

¹⁸⁷ MARTINEZ, Ana Teresa. **Pierre Bourdieu**. Razones y lecciones de una práctica sociológica: del estructuralismo genético a la sociología reflexiva. Buenos Aires: Manantial, 2007. p. 264.

no campo se posicionarão e lutarão por posições a partir dessa configuração, cuja premissa é o impensado à qual os agentes aderem sem questionar. A ação coletiva destacada pela análise do campo literário é a ação que mantém ou não a configuração do campo ao longo do tempo. Em outros termos, a manutenção do campo ocorre pela transmissão via prática social dos elementos impensados do campo social. Em sendo assim, a ação coletiva dos escritores e artistas franceses do século XIX que permitiu a formação do campo literário francês pode se manter ao longo das gerações pelas ações coletivas posteriores que alimentam e retroalimentam tal configuração. Ao entender-se que a ação coletiva bourdieusiana não é a soma de ações individuais, mas a reunião de agentes em torno de um interesse comum importa destacar que o agente social bourdieusiano não é um agente intercambiável, ou seja, não se dilui nas relações objetivas dos campos sociais. Ao contrário, o agente social bourdieusiano é um agente que luta por seus interesses mesmo que nem todos sejam conscientemente conhecidos e, nessa luta, oferece mais ou menos resistências em acordo com seu *habitus*. Bourdieu incita a pensar que na luta dos campos sociais as relações se traduzem em conexões as quais muitas vezes se traduzem em conluíus, compadrios, enfim, em ligações entre os agentes que se encontram em torno de um mesmo interesse e, com isso, a luta subjacente mantém ou modifica o status quo do campo em acordo ao contexto social do momento.

5. A CONCEPÇÃO DE SER HUMANO BOURDIEUSIANA: AGENTE SOCIAL E AÇÃO

“[...] o homem é um ser sem razão de ser. É a sociedade e só ela, que dispensa, em graus diferentes, as justificações e as razões de existir [...]”¹⁸⁸

Na construção da presente pesquisa, o fio condutor é responder à concepção de ser humano que fundamenta a teoria social bourdieusiana. Considerando o enraizamento da filosofia no solo do cotidiano e, ainda, considerando que o mundo das ideias possui raiz em um *corpomente* vinculado a tal cotidianidade, partimos de duas premissas. Primeira, que todo pensador possui uma concepção de ser humano e uma concepção de mundo que se constitui em sua filosofia. Segundo, que as experiências de vida dos pensadores direcionam suas escolhas intelectuais e, com isso, norteiam a formação da filosofia que embasa suas teorias. Em relação a esta segunda premissa, contudo, é preciso uma ressalva: nem todo pensador apresenta tal vinculação de forma clara, direta e objetiva. Ao contrário, muitas vezes a vinculação é obscura ou mesmo dissociada, isto é, o indivíduo empírico se dissocia do indivíduo intelectual de tal maneira que o exercício de contextualizar vida e obra implica compreender o mecanismo dissociativo que opera em muitas situações. A complexidade dessa questão não é o foco do presente momento, mas é um sinalizador de que as áreas de conhecimento que se dedicam a estudar o ser humano em suas diversas facetas poderiam ao menos considerar em dado momento a presença da vida dos autores com os quais trabalham.

No caso específico de Pierre Bourdieu, entendemos como inegável a estreita vinculação entre vida e obra revelando na sua trajetória a concepção de ser humano que norteou sua teoria. Tal concepção, contudo, não é abordada pelo autor, isto é, não se encontra na teoria bourdieusiana uma concepção de ser humano elaborada em tais termos. Encontra-se engendrada ao longo de sua obra, a qual pode ser entendida como sendo a aplicação do que propõe: o exercício reflexivo do sociólogo¹⁸⁹. Na realidade, a elaboração da teoria e a trajetória intelectual que

¹⁸⁸ Tradução da autora. No original: « [...] l’homme est un être sans raison d’être. C’est la société, et elle seule, qui dispense, à des degrés différents; les justifications et les raisons d’être [...] ». In : BOURDIEU, Pierre. **Leçon sur la leçon**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1982. p. 51.

¹⁸⁹ Em diversas oportunidades, Bourdieu refere-se à socioanálise como uma ferramenta relevante do trabalho científico do sociólogo. Em suas palavras: “ Para un sociólogo, más que para ningún otro

empreendeu se constitui na objetivação científica das experiências sensíveis que teve nos campos sociais nos quais esteve inserido e, dos quais participou. Em outros termos, Pierre Bourdieu não teria sido Pierre Bourdieu se não tivesse colocado suas experiências advindas das relações com o mundo social a serviço da construção de seu pensamento¹⁹⁰. Considerando que as ações intelectuais foram direcionadas para dar um sentido e um significado para a posição social inicial que detinha no termo dominado dos espaços sociais, Bourdieu foi o indivíduo constituído em agente interessado em agir para intervir com as armas do conhecimento, da oratória e da presença quase onipresente no campo intelectual francês a partir da segunda metade do século passado. Do resultado obtido da análise reflexiva da obra bourdieusiana, apresenta-se neste capítulo a resposta à pergunta doutoral: a concepção de ser humano em Pierre Bourdieu revelado no conceito agente social assentado na ação.

5.1 INDIVÍDUO, AGENTE E AÇÃO

Pierre Bourdieu formou-se filósofo na *École Normale Supérieure*¹⁹¹ nos anos cinquenta, um período em que a França vivenciava uma intensa movimentação social e política. O mesmo ocorria no interior da *ENS*, a qual vivencia um dos períodos mais intensos de efervescência intelectual e política, cujos resultados se estendem até o presente momento. O contexto efervescente em seu interior é traduzido pela existência de diversos grupos – religiosos e políticos -, cujas disputas por espaço junto aos *normaliens* ocorriam, principalmente, entre católicos e comunistas. Além desses grupos, as disputas se estendiam para a defesa de correntes filosóficas mais vinculadas ao posicionamento político em contraponto àqueles que defendiam uma filosofia distanciada dos sociais e políticos. Acrescenta-se, ainda, a discussão veemente entre grupos anticolonialistas e grupos colonialistas durante o período da guerra pela independência argelina¹⁹². O ambiente acadêmico

pensador, dejar el propio pensamiento en el estado de impensado (*impensé*) es condenarse a ser nada más que el *instrumento* de aquello que uno pretende pensar". In: BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loïc. **Una invitación a la sociología reflexiva**. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2008. p. 293.

¹⁹⁰ A referência ao uso de sua experiência nas instituições escolares, assim como sua própria origem social é abertamente colocada, sobretudo, a partir da publicação de *Homo academicus* (1984).

¹⁹¹ Doravante *École Normale Supérieure* será referida como *ENS*.

¹⁹² BARING, Edward. **The younger Derrida and French philosophy, 1945-1968**. New York: Cambridge University Press, 2011.

se caracterizava por um contexto no qual as relações de dominação se davam em torno de uma elite que direcionava os rumos e a adesões a seus grupos como meio de aceitação ao espaço e, com isso, influenciavam as escolhas filosóficas dos *normaliens*¹⁹³. Na realidade, existia uma miríade de situações sociais e políticas no interior da *ENS* que sustentavam a mudança de direção no interesse dos *normaliens* pela filosofia vigente à época: a filosofia existencialista. Compreende-se que o questionamento para com tal corrente filosófica se encontra enleado com essa miríade de grupos que disputavam o protagonismo no interior da prestigiosa *ENS* ao mesmo tempo em que responde às mudanças sociais e políticas do pós-guerra.

Na perspectiva de uma visão em movimento descontínuo, é relevante considerar a existência de outras disciplinas igualmente presentes no horizonte dos interesses dos intelectuais franceses. A filosofia existencialista, especialmente o existencialismo sartriano, pode ser considerado o aparente destacado em um espaço no qual outras filosofias existencialistas conviviam. No entanto, o desgaste maior dá-se com o existencialismo sartreano devido à ascendência, na cena intelectual francesa, da antropologia estruturalista¹⁹⁴. Em tal contexto, colocado aqui em linhas gerais, o questionamento se dirige à relação entre indivíduo e sociedade. Worms¹⁹⁵, ao referir-se a esse momento, realça que a passagem da “existência” para a “estrutura” como problema filosófico ocorre via categoria da ação e do concreto, duas categorias que exigiam uma postura intelectual, social e política diferente dos filósofos. As guerras, o empobrecimento social, a efervescência política e a ascensão da ciência premiam a filosofia a recolocar as perguntas a respeito do ser humano, da existência e da relação com o mundo em outros termos. De certo modo, a filosofia não podia prescindir da conjuntura social e política na qual estava inserida, assim como não poderia prescindir do conhecimento advindo de outras disciplinas.

¹⁹³ A respeito desse assunto podem ser consultados: BARING, Edward. *The younger Derrida and French philosophy, 1945-1968* (2011); SCHRIFT, Alan. *Twentieth-Century French Philosophy: Key Themes and Thinkers*. Oxford Blackwell Publishing Ltd, 2006; BOURDIEU, Pierre. *Esquisse pour une auto-analyse* (2004); BOURDIEU, Pierre. *The struggle for symbolic order. An interview with Pierre Bourdieu*. [Interview conducted by] HONNETH, A.; KOCYBA, H.; SCHIBS, B. *Theory, Culture & Society*, v. 3, n. 3, 1986.

¹⁹⁴ DOSSE, François. **História do estruturalismo**: o campo do signo, 1945-1966. Tradução de Álvaro Cabral. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993. v.1.; DOSSE, François. *Le sujet captif: entre existencialisme et structuralisme*. **L’Homme et la société**, n. 101, p. 17-39, 1991. Disponível em: <http://www.persee.fr>. Acesso em 10 de dezembro de 2020.

¹⁹⁵ WORMS, Frédéric. **La philosophie en France au siècle XXe**. Moments. Paris: Gallimard, 2009.

Participe de tais discussões, mas, sobretudo, participe das relações sociais ali instituídas, Bourdieu luta por se posicionar em um campo social cuja premissa da meritocracia é questionada, posteriormente, nas obras dedicadas às instituições escolares francesas¹⁹⁶. No entanto, naquele momento tal premissa norteava as relações ali estabelecidas, elencando a imagem de um espaço social constituído *au dehors* da sociedade, cuja consequência era a ilusão da inexistência de classes sociais em seu interior. As disputas intelectuais e políticas lhe inspiram uma posição *être en porte-à-faux*, uma posição de não pertença ao mesmo tempo em que incita a luta por pertencer. A formação de um *habitus clivé*, um *habitus* cindido entre a origem social e a pertença a um mundo intelectual, no qual estava sempre em posição de defasagem, de distanciamento e de incongruência com as demandas desse espaço social. Tal luta, portanto, não é somente uma luta intelectual, mas é a conjugação da busca da aquisição do conhecimento filosófico com o enfrentamento das relações de dominação ali estabelecidas.

Os impactos sofridos desde o período do internato, passando pelo *lycée*, atingem o apogeu na *ENS*, seja pela consonância do objetivo na aquisição de conhecimento e de pertença ao campo educacional, seja pela continuidade na luta por posições em um universo social estranho. Enquanto *normalien*, Bourdieu não se furtou de se posicionar na contracorrente daquilo que o espaço demandava, assumindo o estilo crítico e a autonomia que lhe interessavam. Igualmente, não se furtou aproveitar as oportunidades do convívio e do acesso à cultura francesa em geral que estar em um espaço de prestígio social também lhe ofertavam. A formação do *habitus* intelectual dá-se pela incorporação das relações sociais instituídas desse campo contra o qual iria construir seu próprio trajeto intelectual. Em tal contexto, as escolhas filosóficas realizadas são a expressão do *être en porte-à-faux* vinculado ao seu estilo contracorrente. Afinado com a filosofia do conceito, Bourdieu vincula-se a filósofos que naquele momento de sua formação ainda não ocupavam completamente a cena intelectual francesa, mas já atraíam as atenções por suas posições filosóficas. E, ao finalizar o período de formação na *ENS*, o trajeto que deveria seguir já estava traçado.

¹⁹⁶ A proposta da escola republicana francesa a respeito da meritocracia, alicerçada na crença de igualdade de condições independente da origem social, são o objeto de pesquisa das obras: *Les héritiers, les étudiants et la culture* (1964), *La reproduction. Éléments d'une théorie du système d'enseignement* (1970), *Homo academicus* (1984), *La noblesse d'État: grandes écoles et esprit des corps* (1989).

O impacto da participação na guerra pela independência argelina, cujas consequências emocionais não podem ser dimensionadas, apenas seu resultado via trajetória intelectual, é o que propicia o redirecionamento de sua trajetória. Tal impacto lhe possibilitou confrontar sua formação filosófica com o apelo advindo da sociedade argelina, um apelo que encontra eco na sensibilidade para com a situação de uma população empobrecida e, sobretudo, com uma população dominada pelo processo de colonização. Significa compreender que Bourdieu¹⁹⁷ ao declarar diversas vezes a afinidade e a afetividade para com o país e a população argelina, o faz à luz da homologia que relaciona o seu *habitus* ao espaço social argelino. Tal “encontro feliz”¹⁹⁸ compreende-se como o despertar de aspectos recalcados via as relações sociais que teceu e entreteceu ao longo do período em que permaneceu nesse país. A transformação que se opera, uma “conversão do olhar” dá-se não somente pelo despertar de aspectos recalcados relacionados à sua origem, mas também por interesses inscritos que até o momento não haviam encontrado as condições para serem realizados e viabilizados. Na realidade, a inclinação para a relação indivíduo e sociedade como objeto de estudo já se fazia presente nas escolhas filosóficas que fazia, convém lembrar a afinidade com a filosofia merleau-pontyana e com a antropologia lévi-straussiana. Portanto, o encontro do *habitus* com o campo social argelino foram as condições de possibilidade que lhe permitiram deslocar a pergunta filosófica a respeito do ser humano para o contexto social a partir da premissa das relações de dominação.

O entrelaçamento entre a trajetória pessoal e a trajetória intelectual lhe permitiu enfrentar a proposta de refundar a sociologia a partir do projeto de uma sociologia científica. Significa entender que Bourdieu se dedica a construir o que entende ser uma sociologia científica dotada de sua própria epistemologia e metodologia. E, para tanto, se empenha em elaborar a epistemologia e a metodologia para a sociologia que almeja propor, um projeto que surge das fileiras da própria sociologia e da filosofia da ciência com a qual se afinava. A expertise bourdieusiana fora apreender da brecha existente no campo intelectual, as carências

¹⁹⁷ Bourdieu se refere a tal afinidade em vários momentos, entre os quais, destacamos: *L'autre Bourdieu. Celui qui ne disait pas ce qu'il avait envie de cacher. Entretien réalisé par Hafid Adnani et Tassadit Yacine* (2001); *Voir avec l'objectif autour de la photographie. Entretien avec Franz Schultheis* (2001); *Du bon usage de l'ethnologie. Entretien avec Mouloud Mammeri* (1985).

¹⁹⁸ Tal expressão, assim como as expressões “sentir-se em casa” ou “sentir-se como um peixe dentro da água” são expressões recorrentes que aparecem ao longo da obra como para explicar a adesão do *habitus* ao campo social.

metodológicas tanto da sociologia como da própria filosofia. A revitalização da sociologia empreendida por Raymond Aron¹⁹⁹ oportuniza a entrada de Bourdieu nesse espaço social e, sobretudo lhe possibilita assumir essa disciplina com a bagagem argelina. Por outro lado, tal apreensão foi possível pela determinação de romper com o que aparentemente estava designado para alguém que advém de origens sociais menos favorecidas. Nesse sentido, a teoria social que elabora não prescinde da presença das experiências de vida, no caso bourdieusiano, das experiências sociais do sociólogo, o qual se vale de tais experiências como fio condutor para elencar a construção de objetos a serem pesquisados.

A *coupure* bourdieusiana não ocorre somente com o conhecimento de senso comum a respeito do mundo social, mas ocorre igualmente com o conhecimento comum que o próprio campo intelectual detinha do mundo social. Um duplo corte é operado na base da construção teórica que empreende. Na esteira bourdieusiana, para enfrentar o conhecimento do mundo social, é preciso romper com as pré-noções existentes a respeito do ser humano, do mundo social e do mundo intelectual, lócus de produção de conhecimento. Considerando que a produção de conhecimento é uma atividade prática operada por indivíduos, Bourdieu assume como *modus operandi* a ação intelectual por meio do que denomina *pour et contre*. Ação intelectual, isto é, agir com os autores, com as teorias e os conceitos significa exercer o esforço intelectual de pensar por si mesmo. Com tal postura, uma postura de *auctor* e não de *lector*²⁰⁰, Bourdieu trabalha conceitos existentes na filosofia,²⁰¹ na física, na economia, por exemplo, ofertando-lhes uma visada social. Em suma, pode-se colocar que autores e conceitos são artesanalmente trabalhados à luz do motor que o movia: o social. Ressalta-se que o foco bourdieusiano é o social, mas o social entendido como relacional: “o real é relacional”²⁰². Significa compreender que o real

¹⁹⁹ JOLY, Marc. Excellence sociologique et «vocation d’hétérodoxie»: Mai 1968 et la rupture Aron-Bourdieu, **Revue d’Histoire des Sciences Humaines**, Paris, n. 26, 2015. Disponível em: <http://journals.openedition.org>. Acesso em 15 de dezembro de 2020.

²⁰⁰ Bourdieu refere-se ao *auctor* e ao *lector* para sinalizar a diferença entre uma produção intelectual autoral e uma produção intelectual que não ofertava um novo conhecimento, limitando-se a permanecer no círculo fechado da mera interpretação dos textos. Tais considerações podem ser vistas ao longo dos Cursos proferidos no *Collège de France* nos anos oitenta, assim como na obra *Méditations pascaliennes* (1997).

²⁰¹ A noção de *habitus*, campo, capital, interesse, por exemplo, são noções que se encontram presentes em outras disciplinas, cujo trabalho bourdieusiano permite elencar uma nova leitura vinculada ao corpus teórico que elabora.

²⁰² Tradução da autora. No original: “[...] lo real es lo relacional [...]”. In: BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loïc. **Una invitación a la sociología reflexiva**. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2008. p. 134

bourdieusiano são as relações sociais constituídas, construídas e mantidas por meio da ação.

Em tal perspectiva, a concepção de ser humano cobra sentido e significado. Inserido nas discussões a respeito de uma concepção de ser humano enquanto ser racional, consciente e livre, Bourdieu se alia à descentralização do ser humano, questionando sua racionalidade, consciência e liberdade quando confrontado com os acontecimentos sociais e políticos. Com a experiência argelina considerada como o despertar para sua própria realidade social, Bourdieu não compactua nem com a primeira concepção, nem com a segunda. E não compactua a partir de sua própria condição de intelectual, cuja origem social e as restrições decorrentes disso nos espaços sociais em que se inseriu foram enfrentadas com aquilo que aprendeu e apreendeu a partir das avaliações que recebia das instituições escolares: a facilidade na aquisição do conhecimento. O par autoconhecimento via socioanálise e conhecimento do mundo social é o par que atravessa sua teoria social. Um par imbricado na medida em que propõe a imbricação *indivíduosociedade*, uma imbricação que permite apreender que o autoconhecimento é um conhecimento social aliado ao conhecimento do contexto social. Com isso, realçamos que a concepção de ser humano que fundamenta sua teoria está intrinsecamente vinculada à sua própria trajetória social. A “conversão do olhar” que realiza é esse amálgama de elementos que aguçam sua percepção para observar que, apesar de todos os constrangimentos sofridos pela população camponesa, seja a argelina, seja a béarnaise, os indivíduos premidos pela busca em se manter socialmente vivos agiam conforme suas condições de possibilidades.

Na realidade, tais pesquisas lhe mostraram que perante situações críticas o ser humano busca elaborar estratégias para manter sua existência social, uma existência vinculada a sua pertença à comunidade, nem que isso signifique uma dupla existência.²⁰³ Para Bourdieu²⁰⁴, o fato de o mundo social ser um espaço de

²⁰³ Na obra *Le déracinement. La crise de l'agriculture traditionnelle en Algérie*. (1964), Bourdieu analisa as mudanças de comportamento realizadas pela migração do campo para a cidade. A análise lhe oportuniza realçar que a busca pela manutenção da existência social nas comunidades de origem conduziam condutas duplas, uma dupla existência que se mantinha por meio de um comportamento de “faz de conta”. As mudanças ocorridas no interior das famílias se relacionavam à mudança geracional daquele que provê o núcleo familiar. Com a migração para a cidade, ocorre uma inversão na relação familiar na medida em que o mais novo trazia o sustento familiar, na contramão da tradição e, com isso, muitas famílias mantinham “em segredo” a proveniência do ganho com a anuência de todos a fim de manter os laços com a comunidade. *In*: BOURDIEU, Pierre ; SAYAD, Abdelmalek. **Le déracinement**. La crise de l'agriculture traditionnelle en Algérie. Paris: Les Éditions de Minuit, 1964. p. 61-84.

conhecimento e de reconhecimento, existir socialmente passa por perceber e ser percebido, ser visto, ser conhecido e reconhecido. Contudo, a existência de indivíduos que não conseguiam enfrentar as mudanças sofridas, cuja melancolia os deixava à mercê dos acontecimentos, encontra-se no transfundo da elaboração de uma teoria social que pudesse intervir de alguma maneira para demonstrar que há sempre a possibilidade e alguma forma de agir. As análises desse período, cujo realce dá-se na maneira como os camponeses, independente das diferenças culturais que separavam argelinos de franceses, permite-lhe introduzir, mais tarde, a questão temporal na noção de *habitus*. Com essa introdução, se torna possível compreender as defasagens entre o aprendido e apreendido incorporado do instituído no mundo social e a abertura para a incorporação de novas possibilidades.

Perante a inércia das disposições - a *hysteresis* do *habitus* - e o apelo das transformações sociais, o agente social reage seja para abrir-se para o novo, seja lutando para manter o mundo social conhecido. Uma luta que se encontra também nas relações sociais instituídas nos campos sociais, a luta entre a ortodoxia e a heterodoxia. Empenhado em demonstrar que a despeito da tendência ortodoxa, conservadora das relações sociais instituídas, Bourdieu sempre defendeu a ação como meio nem que fosse de abalo do instituído sob a premissa de: “Fazer o mínimo que pudermos.... para mudar as coisas”²⁰⁵. Nem um ser humano consciente e livre, nem um ser submetido às demandas dos espaços sociais, mas um ser humano reinserido em sua capacidade de enfrentar as relações pré-instituídas do mundo social. Disto resulta todo o construto teórico bourdieusiano, a busca em entender o mundo social a partir do pressuposto das relações de dominação social e historicamente constituídas a fim de reinserir o indivíduo não mais como sujeito, mas como agente social.

O eixo que atravessa o construtivismo bourdieusiano é o indivíduo concebido como agente social. Bourdieu não elabora uma concepção de ser humano, na medida em que não busca responder à pergunta a respeito de quem é o ser humano, pois seu objetivo não está vinculado à natureza humana, mas à humanidade. No entanto, a pergunta a respeito da relação indivíduo e sociedade

²⁰⁴ BOURDIEU, Pierre. Resumés des Cours 1985-1986. In : BOURDIEU, Pierre. **Sociologie générale**. Cours au Collège de France 1983-1986. Paris: Raisons d’Agir/Seuil, 2016. v.2. p. 1170-1173.

²⁰⁵ Tradução da autora. No original: «Faire le tout petit peu qu’on peut...pour changer les choses». In: BOURDIEU, Pierre ; CARLES, Pierre. **La sociologie est un sport de combat**. Réalisateur: Pierre Carles. Production: Véronique Frégosi e Annie Gonzales. Paris, mai.2001. Documentaire. Durée: 2h20. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1fHwbBw32aM>. Acesso em 30 nov. 2020.

atrai a pergunta a respeito do lugar que o ser humano ocupa em tal relação. Nesse sentido, a concepção com a qual lida se encontra no transfundo de sua obra, cuja resposta encontra-se entretecida por meio da concepção de agente social. Ser humano e indivíduo na obra bourdieusiana se apresentam como termos intercambiáveis. Encontra-se espalhadas ao longo da obra e de maneira aleatória o termo “homem”, “indivíduo” e “agente” para elucidar a relação indivíduo e sociedade. A ânsia por apresentar sua teoria torna a escrita bourdieusiana pouco cuidadosa no uso de alguns termos, como é o caso dos acima citados. No entanto, na elaboração desta tese encontramos a noção de indivíduo sob dois aspectos: no âmbito da pesquisa e no âmbito teórico-conceitual.

Naquilo que concerne à pesquisa sociológica, Bourdieu realça tanto na obra *Homo academicus* (1984) como nos cursos proferidos no *Collège de France*, assim como em *Una invitación a una sociología reflexiva* (2008) o indivíduo empírico ou concreto e o indivíduo epistêmico ou construído, a fim de diferenciar o indivíduo construído pelo sociólogo do indivíduo em sua existência ordinária. O indivíduo epistêmico ou indivíduo construído é o indivíduo construído dentro de um dado espaço social a partir de um objeto de pesquisa determinado. Em suas palavras, “o indivíduo construído [...] é definido por um conjunto finito de propriedades explicitamente definidas que diferem por um sistema de diferenças atribuídas pelo conjunto de propriedades, construídas segundo os mesmos critérios que caracterizam os outros indivíduos”²⁰⁶. Tal diferenciação é relevante para o contexto da pesquisa que empreendia a respeito das instituições francesas, cuja análise incluía intelectuais que não somente eram reconhecidos, mas ainda exerciam suas atividades. Com isso, a diferenciação atrai um tom de esclarecimento a fim de evitar mal entendidos devido à sensibilidade do objeto de pesquisa.

No segundo aspecto que advém das pesquisas empíricas, o teórico-conceitual, a noção de indivíduo se encontra vinculada à noção de agente social. Não se encontra uma diferenciação nítida entre indivíduo e agente, mas ao mesmo tempo fica clara a vinculação que o autor realiza entre indivíduo e agente social, a qual também se juntam termos como “biológico” e “corpo.” Em suma, o que encontramos em sua obra são exercícios intelectuais, um pensamento *in vivo* e *em*

²⁰⁶Tradução da autora. No original: «L'individu construit [...] est défini par un ensemble fini de propriétés explicitement définies qui diffère par un système de différences assignables des ensembles de propriétés, construits selon les mêmes critères explicites, qui caractérisent les autres individus [...]» *In*: BOURDIEU, Pierre. **Homo academicus**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1984. p.36.

construção, a respeito do que compreende do indivíduo humano. Com tais considerações, o que encontramos em Bourdieu, portanto, é a noção de indivíduo socializado, isto é, um indivíduo constituído *a partir das, com, contra e para* as relações sociais instituídas em dado campo social²⁰⁷. Convém colocar que a relação dialética entre agente e espaço social é o que permite entender a “interiorização da exteriorização e a exteriorização da interiorização”, com o qual um processo de individuação é contemplado em sua teoria. Uma teoria social, cujos eixos são a psicologia, a filosofia e a educação. Com tais eixos torna-se possível relevar o processo de individuação que aparece em sua obra. O processo de individuação bourdieusiano é um processo de socialização desde o momento zero da existência humana, cujo início dá-se pela relação do corpo com as relações instituídas no espaço social familiar. Sem descartar a presença do biológico, Bourdieu esclarece no *Cours du 22 Mai 1986* a maneira como o indivíduo biológico deve ser enfrentado pela sociologia: “O indivíduo biológico é um fato incontestável. A ciência social deve tomá-lo como tal, mas não é o indivíduo biológico que é assunto da biologia, é o indivíduo enquanto seja socializado, enquanto seja a incorporação do mundo social.”²⁰⁸

Em *Meditations pascaliennes* (1997), Bourdieu volta a referir-se ao indivíduo biológico como sendo um indivíduo que possui um corpo, um corpo aberto ao mundo social desde seu princípio. Tanto no *Cours de 1986* como na obra *Méditations pascaliennes* (1997), Bourdieu ao referir-se ao indivíduo biológico, na realidade visa a inserção do corpo como princípio primeiro da individuação e da sociação. Um processo imbricado, conforme ele mesmo assinala ao realizar a seguinte colocação a respeito do corpo: “[...] sendo a propriedade (biológica) de ser aberto ao mundo, então exposto ao mundo e, por isso, suscetível de ser condicionado pelo mundo, lapidado pelas condições materiais e culturais da existência nas quais ele é colocado desde a origem, ele é submetido a um processo de socialização, cuja

²⁰⁷BOURDIEU, Pierre. Cours, du 17 Avril 1986. In: BOURDIEU, Pierre. **Sociologie générale**. Cours au Collège de France 1983-1986. Paris: Raisons d’Agir/Seuil, 2016. v.2. p. 851; BOURDIEU, Pierre. Cours du 22 Mai 1986. In: BOURDIEU, Pierre. **Sociologie générale**. Cours au Collège de France 1983-1986. Paris: Raisons d’Agir/Seuil, 2016. v.2. p. 861 ; p. 945-46.

²⁰⁸ Tradução da autora. No original: «La science sociale doit prendre comme tel mais ce qu’elle prend pour objet, ce n’est l’individu biologique qui est l’affaire des biologistes, c’est l’individu en tant qu’il est socialisé, en tant qu’il es incorporation du monde social.» In: BOURDIEU, Pierre. Cours du 22 Mai 1986. In: BOURDIEU, Pierre. **Sociologie générale**. Cours au Collège de France 1983-1986. Paris: Raisons d’Agir/Seuil, 2016. v.2. p. 946.

individualização é ela mesma o produto [...]”²⁰⁹ Pode-se dizer que biológico e corpo no contexto de sua sociologia são termos intercambiáveis. Sob tal perspectiva, o indivíduo, entendido como unidade indivisível e única, na teoria bourdieusiana é um indivíduo socializado, cuja individualização ocorre pela maneira como tal processo é realizado. Em outros termos, a recepção de quais elementos serão incorporados das relações sociais depende de cada indivíduo. Contudo, o indivíduo enquanto único à luz bourdieusiana implica entendê-lo como um único formado pelo social, pela rede social incorporada constituindo-se em um ser social. Enquanto indivíduo socializado, o indivíduo bourdieusiano é um *corpomente* socializado, isto é, um agente constituído *por, com, contra e para* as relações sociais instituídas em dado campo social. Um processo que se inicia desde o momento zero da existência humana, com o qual se constitui o *habitus* – esquemas de ação, de percepção e de visão de mundo social -, um sistema de disposições que direcionam as ações dos agentes sociais.

A noção de agente social, uma noção que está delineada no *Cours du 19 Octobre 1982*, é compreendida por Bourdieu da seguinte maneira: “ [...] na palavra agente existe ao menos a palavra ação, assim como uma certa impessoalidade: quando se fala de um ‘agente de Estado’, têm-se a ideia de um personagem relativamente substituível”²¹⁰. Sob a perspectiva do construtivismo fundamentado na ação coletiva, a relevância do agente social ganha sentido e significado, na medida em que a ênfase bourdieusiana recai no indivíduo concreto. A sociologia que constrói está voltada para propiciar ferramentas aos indivíduos ordinários, aqueles e aquelas, sobretudo, que se encontram em situações sociais desfavoráveis. Com isso, o destaque ao longo da obra são os indivíduos enquanto agentes sociais, embora trate das instituições que compõe os campos sociais, Bourdieu²¹¹ não deixa de enfatizar que Estado, Igreja, Família, Escola enquanto instituições sociais são

²⁰⁹ Tradução da autora. No original: «[...] ayant la propriété (biologique) d’être ouvert au monde, donc exposé au monde et, par là, susceptible d’être conditionné par le monde, façonné par les conditions matérielles et culturelles d’existence dans lesquelles il est placé dès l’origine, il est soumis à un processus de socialisation dont l’individuation est elle-même le produit [...]» *In*: BOURDIEU, Pierre. **Méditations pascaliennes**. Paris: Éditions du Seuil, 2003. p. 194.

²¹⁰ Tradução da autora. No original: «Dans le mot «agent», il y a au moins le mot «action», ainsi qu’une certaine impersonnalité: lorsqu’on parle d’un agent de l’État, on l’idée d’un personnage relativement substituable.» *In*: BOURDIEU, Pierre. *Cours du 19 Octobre 1982*. *In*: BOURDIEU, Pierre. **Sociologie général**. Cours au Collège de France 1981-1983. Paris: Raison d’agir/Seuil, 2015. v.1. p. 288.

²¹¹ A respeito disso pode se consultar: *La domination masculine* (1998); *Manet. Une révolution symbolique* (2013).

constituídas e construídas pela ação concertadas de agentes, cujo início ao ser recalçado oferta uma visão de evidência e de naturalidade e também de impessoalidade e neutralidade contra a qual sua teoria social se ergue. Em suas palavras: “Somente existe ação, história, conservação ou transformação de estruturas porque existem agentes que não se reduzem ao senso comum [...]”²¹². Com isso, se realça o ensejo de propiciar maneiras de despertar o mundo intelectual para àqueles que “Estando habituados às exigências do mundo que os formou, eles aceitam como algo evidente a maior parte de sua existência”²¹³. Por outro lado, a ação coletiva não sendo a soma de ações individuais, mas a concordância ou conveniência de dado momento pela convergência dos interesses individuais que se transformam em objetivo comum, a ênfase recai naquele agente que em dado momento “faz a diferença”. “Fazer a diferença” por meio de sua capacidade de convencimento (uma capacidade atrelada à força da palavra proferida) de que tal objetivo é relevante para o campo social. Nisto consiste a visada política que embasa sua teoria, mas também sua postura e posição de intelectual coletivo. Com a perspectiva de intelectual coletivo, Bourdieu age a fim de propiciar espaços de divulgação científica para jovens pesquisadores criando revistas e editoras que publicassem suas pesquisas; com outros intelectuais lidera ações em prol da defesa dos direitos humanos, entre outras iniciativas que culminam com a participação ativa em manifestações contra a globalização na década de noventa²¹⁴.

Considerando que os espaços sociais são espaços constituídos social e historicamente, tanto na dimensão física²¹⁵ como relacional, a inserção do agente social é ofertada à luz da noção de *habitus*, uma noção que constitui social e historicamente o agente social. Portanto, compreender o indivíduo humano enquanto agente social implica compreendê-lo como um núcleo de relações, de elementos relacionais que despertarão ações diferenciadas relativas ao campo social no qual se inserem. Da mesma maneira que é relevante compreender que o agente social

²¹² BOURDIEU, Pierre. **Méditations pascaliennes**. Paris: Éditions du Seuil, 2003. p. 224

²¹³ Tradução da autora. No original: «Étant faits aux exigences du monde qui les a faits, ils acceptent comme allant de soi la plus part de leur existence». BOURDIEU, Pierre. **Méditations pascaliennes**. Paris: Éditions du Seuil, 2003. p. 333.

²¹⁴ Frank Poupeau e Thierry Discepolo reuniram na obra *Intervenciones, 1961-2001. Ciencia Social y Acción Política* (2002) uma seleção de artigos relacionados às intervenções políticas de Bourdieu. Igualmente, podem ser consultadas as obras *Contre-feux* (1998) e *Contre-feux 2* (2001) relativas às intervenções políticas da década de noventa.

²¹⁵ Bourdieu considera o espaço social também em sua dimensão física, isto é, mobiliário, estátuas, objetos como um dos aspectos com os quais os agentes se relacionam.

agirá de maneiras diferentes dentro do mesmo campo social. Em suas palavras: “as disposições [...] somente se revelam e se realizam em circunstâncias apropriadas e em relação com uma situação. Pode ocorrer que elas permaneçam sempre em estado de virtualidade, como a coragem guerreira na ausência da guerra”²¹⁶. O que a teoria bourdieusiana realça com a noção de *habitus* entendida como sistema de disposições duráveis pode ser entendido como os limites advindos da formação, limites dos agentes no sentido de se permitirem mais ou menos flexibilidade perante as demandas sociais. Significa compreender que perante os confrontos trazidos pela pertença ao mundo social, e diante dos quais a inércia do *habitus* adere à ortodoxia do campo social, uma confluência que conserva no sentido de manter aquilo que é conhecido, a resistência às mudanças dá-se pela dificuldade em colocar à prova suas próprias convicções.

Compreender a concepção de ser humano bourdieusiano implica compreendê-lo no escopo do construtivismo que ele mesmo elabora, o qual se fundamenta na ação coletiva entendida por meio das relações que se estabelecem entre os dois sistemas relacionais social e historicamente constituídos: o *habitus* e o campo social. O termo social é entendido por Bourdieu como sendo o encontro desses sistemas²¹⁷ e, com isso, a concepção de ser humano social se entende à luz do agente social. O social entendido como a rede de relações que compõe o agente por meio da noção de *habitus* e o campo social, cujo elo é a ação. Com isso, realçamos que a concepção de ser humano bourdieusiana enquanto um indivíduo concebido como agente social atrai a ação como fundamento. Em outros termos, o indivíduo em Bourdieu só é agente quando em ação, uma ação diferenciada que o retira da indiferença ao espaço social, da indiferença às diferenças e desigualdades sociais.

²¹⁶ BOURDIEU, Pierre. **Méditations pascaliennes**. Paris: Éditions du Seuil, 2003. p. 215.

²¹⁷ BOURDIEU, Pierre. Cours du 12 Octobre 1982. In: BOURDIEU, Pierre. **Sociologie général**. Cours au Collège de France 1981-1983. Paris: Raison d’Agir/Seuil, 2015. v.1. p.247.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa doutoral chega a seu momento final. O momento exige a mudança de voz. A voz que escreve a conclusão é a voz singular e feminina, uma voz única que representa a voz de todas as horas de discussões, debates e escutas atentas aos comentários, às críticas e às sugestões. Portanto, a voz que irá percorrer as considerações finais é aquela da primeira pessoa do singular. A finalização de um longo processo de aprendizado intelectual solicitava que até o último capítulo houvesse a necessidade de se expressar na primeira pessoa do plural, pela pluralidade do contexto e do texto, da própria pesquisa investigativa. Contudo, este é o fim desse percurso, a reunião de uma experiência vivida por caminhos às vezes tortuosos, obscuros, mas sempre reveladores. Um caminho compartilhado com muitas vozes, mas cujo aprendizado termina sendo único. Nesse contexto, a conclusão visa a reunir as inúmeras horas de leitura, de escrita e de discussões a respeito do tema que percorreu a tese. Instigada pela obra bourdieusiana desde o primeiro momento em que tive contato à época do mestrado, a imersão em um pensamento complexo, com uma escrita árdua, elíptica, enigmática muitas vezes, sedutora em outras, mas nunca indiferente, colocou-me diante de um autor incansável em demonstrar a realidade social como sendo uma construção humana. O resultado desse empenho é uma obra vasta, uma presença constante nas pesquisas de várias áreas de conhecimento e em diversos países.

Em 2020, ano em que completaria noventa anos de vida, foram realizados colóquios internacionais em sua homenagem com o propósito de reunir especialistas e pesquisadores de sua obra não somente para debater a teoria e as pesquisas realizadas com sua metodologia, mas também para compartilhar as dificuldades, os maus entendidos e os preconceitos que ainda hoje cercam seu pensamento. Na América Latina, o Brasil se destaca como pioneiro na recepção de sua obra, seguido pela Argentina, Colômbia e México. Especialmente, no Brasil, existem diversos grupos dedicados ao estudo e à pesquisa de sua obra ao que se acrescentam as novas traduções realizadas de algumas das obras mais conhecidas nos últimos anos. Tais traduções renovam tanto o acesso ao autor como oportunizam novas perspectivas de pesquisa. Posso salientar que a despeito de ser um dos autores mais citados ao redor do mundo e, nas mais diversas disciplinas (sociologia, educação, informática, enfermagem, administração, nutrição, psicologia, relações

internacionais, entre outras), Pierre Bourdieu é ainda um autor a ser descoberto. Com a pesquisa realizada, o que percebo é a necessidade de aplicar à obra o que ele mesmo realizou: romper com as interpretações consolidadas, muitas das quais são oriundas de um período em que o próprio autor ainda estava presente. Considerando sua característica de desvelar, isto é, objetivar sua própria experiência social, Bourdieu também termina velando ou desviando as suas próprias incongruências. Portanto, ao colocar que é um autor ainda a ser descoberto, o faço no sentido de ressaltar que sua obra ainda tem muito a ofertar para o pensamento contemporâneo. A presente tese surge com esse propósito, uma tentativa de ofertar uma contribuição para a pesquisa da obra e uma contribuição para a filosofia social e política contemporânea. Trata-se de um ponto de vista situado na conjugação da filosofia e da psicologia. A análise apresentada possui esse tom conjugado.

A provocação advinda da prática clínica foi o impulso para trilhar a formação filosófica, a qual permitiu questionar Pierre Bourdieu a respeito da concepção de ser humano que norteia seu pensamento. O fio condutor da pesquisa é destacar tal concepção da teoria. Bourdieu não tratou desse tema de maneira pontual e direta, ao contrário, poucas vezes se encontra o termo “homem”, o qual em uma leitura contemporânea pode ser traduzido por “ser humano”. Com a pesquisa destacamos que “homem”, “indivíduo” e “agente” muitas vezes se tornam termos intercambiáveis. Ao mesmo tempo em que Bourdieu foi um teórico rigoroso, disciplinado e cuidadoso com a elaboração teórica, muitas vezes na ânsia em transmitir seu pensamento repete a mesma coisa valendo-se de termos similares. No que diz respeito ao ser humano, indivíduo e agente isso ocorre com frequência. Portanto, a exigência recaiu em encontrar os momentos em que se diferenciavam para entender do que se tratava. Para empreender esse rastreio, foi preciso realizar um contato direto e único com o autor, o que significa que poucas vezes recorri a comentadores. Tal postura temerosamente arriscada e aqui publicamente assumida não se traduz em arrogância, mas surge a partir da ausência de acolhida teórica para a proposta da tese. O que não significa que os comentadores não se encontrem presentes de maneira enredada em meu próprio pensamento na medida em que muito me apoiaram na pesquisa dissertativa. Com a ausência de acolhida teórica assumi o *pensar por mim mesma*, uma inspiração na filósofa Hannah Arendt, mas também uma posição inspirada no próprio Pierre Bourdieu. O ensejo fora não me apoiar nas interpretações consolidadas na medida em que a proposta doutoral me exigia tal

distanciamento e me conduzia para estabelecer uma relação a mais direta possível com o autor. O que me oportunizou construir o caminho para elaborar a resposta à pergunta doutoral, a qual passou pelo exercício de afirmar que Pierre Bourdieu elabora um construtivismo próprio do qual decorre o que denomino: construtivismo bourdieusiano.

O pensamento bourdieusiano é amplamente identificado conforme o próprio autor designou: estruturalismo construtivista ou construtivismo estruturalista e, ainda, estruturalismo genético. Inserido no contexto intelectual francês dos anos cinquenta, Bourdieu alicerçou sua formação intelectual na filosofia do conceito, à qual se somou o estruturalismo lévistraussiano. Um somatório que se tornou a amálgama de seu construto teórico. Para elencar tal proposta, encontrei no *modus operandi* de Bourdieu o ponto de partida, pois ao identificar um pensamento processual, um pensamento em construção permanente, isto é, aberto a retrabalhar o que havia consolidado na pesquisa anterior pude entender a ação intelectual que realizava com teorias e autores. Portanto, a nomenclatura anunciada pelo próprio autor apontava para outra direção: dois momentos da análise social. O estudo dos cursos proferidos no *Collège de France* nos anos oitenta possibilitou compreender os dois momentos da análise: o momento estruturalista e o momento construtivista. Ambos os momentos inseridos em uma teoria construtivista. Compreender que Bourdieu elabora um construtivismo foi o desafio enfrentado na tese a fim de responder à pergunta doutoral. Bourdieu contestou com a prática e com a teoria as propostas teóricas subjetivistas e objetivistas de sua época, e tal contestação ocorre no interior de um pensamento que se alicerça na prática social para elencar a categoria da ação como foco principal de seu construto teórico.

O construtivismo bourdieusiano fundamentado na ação coletiva permite entender a concepção de ser humano com a qual opera. A categoria da ação como foco permite-lhe apresentar uma visão social alicerçada na noção de espaço social, cuja constituição de campos sociais decorre da concertação de agentes sociais. Sob tal perspectiva, a constituição, a manutenção ou modificação dos campos sociais ocorre pela reunião de agentes com objetivos comuns. Contudo, tal concertação não é a soma de ações individuais, ao contrário, é a ação (atitudes e palavras) de um agente que persegue um objetivo e que é recepcionado por outros agentes. O objetivo de um agente pode tornar-se um objetivo comum. Para tanto, a capacidade do agente em impregnar os outros agentes dá-se via o capital que possui em

consonância com seu *habitus*. Nesse sentido somente possuir capital, embora tenha um peso significativo, não é suficiente para fazer a diferença em dado campo e impregnar os outros agentes ali presentes de seu interesse. Compreenda-se impregnar no sentido de inculcar no(as) outros(as) agentes aquilo que dado(a) agente tem interesse de alcançar por meio da capacidade de convencimento, a qual se vale da expertise no uso das palavras a fim de elaborar argumentos que encontrem recepção em outros agentes. As palavras às quais se soma a linguagem corporal podem ser entendidas como a ponta do iceberg que algumas vezes revela aos agentes atentos, abertos e sensíveis quais os caminhos que quem as pronuncia busca trilhar. Se há receptividade, sob a perspectiva bourdieusiana, deve-se à confluência com o interesse de outros agentes. Acrescenta-se, ainda, o senso prático dos agentes como norteador das ações do agente a partir da apreensão das relações instituídas em dado campo social, uma apreensão das relações sociais para além das posições objetivamente ali instituídas. A apreensão daquilo que não é aparente e nem evidente, mas que carrega relevância para o campo em questão inclinam as ações dos agentes para aprender e apreender os caminhos que conduzem à concretização de seus objetivos. Assim, destaco o eixo filosófico voltado para uma filosofia ética e política.

Em uma visão de mundo social agonística com a qual propõe uma concepção de campos sociais como sendo um espaço social de lutas e de conflitos, um espaço no qual o agente adentra ele próprio com seus objetivos e passa a empreender uma luta por posições e tomadas de posições, mas também uma luta maior que é a da existência social, a teoria social bourdieusiana é uma teoria de combate e de engajamento no mundo social da vida cotidiana. Nesse escopo, o agir bourdieusiano é a chave de leitura que permite vislumbrar as possibilidades de enfrentar e confrontar as relações sociais instituídas. Em última análise, fornece a expectativa da possibilidade de minimamente abalar o que parece inevitável e natural, se e somente se houver uma confluência de agentes interessados em realizar isso. Ao contrário da leitura redutora que é realizada da obra bourdieusiana considerando-a como uma obra reprodutivista, o que se encontra no autor é a possibilidade de enfrentamento às mazelas da vida social. Se não para destruir as relações de desigualdade social ao menos de denunciá-las, um processo que quando iniciado não contempla o tempo que levará para ser concluído. Provavelmente é uma tarefa de gerações, um exemplo disso pode ser o movimento feminista. Compreender o

agir bourdieusiano a partir do senso prático em que as ações são resultado do *habitus* do agente, um sistema de disposições duráveis, mas não imutáveis permite pensar na dinâmica que constitui o agente, o qual pode superar suas próprias limitações quando estimulado a fazê-las a partir das relações sociais que estabelece no interior dos diversos campos em que se insere. A ação, portanto, é o ponto fulcral de uma visão de mundo social dinâmica revelada no âmago do pensamento bourdieusiano. Ao longo da obra Bourdieu apresenta um esforço incansável em demonstrar de forma irredutível a lógica prática que movimenta o mundo social cotidiano, um cotidiano no qual se inclui o campo intelectual. A ênfase nas relações sociais confere o tom da realidade que lhe interessa destacar. “O real é relacional” pode ser visto como a pista que oferta a perspectiva de que o que importa no mundo social são as relações visíveis e invisíveis, o oficial e o não oficial, a regra e a regularidade sempre à luz da dialética. Na análise social que propõe, destaco as relações sociais como uma das chaves de leitura relevantes para a compreensão de sua visão de mundo social.

Com tal chave de leitura tornou-se possível, nesta pesquisa, relevar que o construtivismo bourdieusiano atrai para o centro do debate o ser humano. No entanto, o ser humano bourdieusiano não é um ser humano subjugado e inconsciente ou livre e consciente. O ser humano bourdieusiano é um ser social, um ser que se forma como indivíduo desde as relações sociais. O ser social bourdieusiano é um ser em constante transformação na medida em que se insere e participa de campos sociais, nos quais tece e entretece relações com os agentes e com o campo por meio das ações efetuadas. Agir e “fazer a diferença” são as condições de possibilidade da existência social dos agentes nos campos sociais em que estão inseridos. Com isso, realço que o ser humano sob sua perspectiva somente é humano quando participe em espaços sociais o que atrai “o agir e fazer a diferença” como uma chave de leitura relevante na compreensão da sociologia como arma de combate ou na compreensão do intelectual coletivo. O senso prático das ações dos agentes acarretou demonstrar que a maior parte de nossas ações são automáticas até um ponto, na medida em que são ações incorporadas. A concepção de um ser humano anticartesiano possibilitou compreender a amálgama *corpomente*, com a qual se torna compreensível a lógica prática, não racional, mas razoável das ações humanas. A racionalidade no construto bourdieusiano pode ser entendida como resultado de um esforço cognitivo a ser conquistado, não é dado e

nem permanente. E, com isso, realçamos o eixo da psicologia e da educação que percorre sua teoria.

Destaco que a sociologia reflexiva elaborada por Bourdieu se alicerça em três eixos: a filosofia, a psicologia e a educação. Os três eixos inter-relacionados e voltados para fornecer uma filosofia política, uma psicologia enquanto formação psíquica via a noção de *habitus* e uma educação voltada para formar cidadãos aptos para enfrentar um mundo social em que a desigualdade social e econômica se aprofunda e, ao mesmo tempo em que a tecnologia evolui ao ponto de ser incorporada literalmente ao corpo humano. Os desafios do século XXI, um século que possui a marca de milhares de mortes decorrentes das mais diversas guerras de diversas ordens, mas, sobretudo, da epidemia do Covid-19 ainda sem final previsto, atrai o pensamento de Pierre Bourdieu. A concepção de ser humano social revelado no agente social e assentado na ação permite colocar que tal concepção é pertinente para os desafios do ser humano no século XXI. Sem negar a existência de relações sociais previamente constituídas, o que lhes oferta um caráter de imutabilidade, mas não de inabalabilidade, a concepção de um ser humano social enquanto um ser que “age e faz a diferença” se alicerça em outro par que atravessa sua obra: o autoconhecimento social e o conhecimento do mundo social. Outro par inter-relacionado, uma vez que para o autor, o agente e o espaço social estão intrinsecamente vinculados. Conhecimento de si e do mundo social alicerçado na perspectiva do agente social permite encontrar a liberdade, uma liberdade constrangida, na medida em que há sempre limites com os quais é necessário lidar seja por parte do agente, seja por parte do espaço social. Sob tal ótica, a liberdade da mesma forma como a racionalidade são conquistas do esforço cognitivo que só tem fim com o fim da existência do indivíduo.

REFERÊNCIAS

AUTOR PRINCIPAL: Artigos, Entrevistas e Obras

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2011.

BOURDIEU, Pierre. L'illusion biographique. **Actes de la recherche en sciences sociales**, Paris, v. 62-63, n. 62, juin/1986. Disponível em: <https://www.persee.fr>. Acesso em 27 ago. 2020.

BOURDIEU, Pierre. Le mort saisit la vif. Les relations entre l'histoire réifiée et l'histoire incorporée. **Actes de la recherche en sciences sociales**, Paris, v. 32-33, p. 3-14, avril/juin 1980. Disponível em www.persee.fr. Acesso em 30 nov. 2020.

BOURDIEU, Pierre. Les trois états du capital culturel. **Actes de la recherche en sciences sociales**, Paris, v. 30, nov./1979, p.3-6. Disponível em: <http://www.persee.fr>. Acesso em 25 nov. 2020.

BOURDIEU, Pierre. **Algérie 60**. Structures économiques et structures temporelles. Paris: Les Éditions de Minuit, 1977.

BOURDIEU, Pierre. L'autre Bourdieu. Celui qui ne disait pas ce qu'il avait de cacher. Entretien réalisé par Hafid Adnani et Tassadit Yacine. **Awal**. Cahiers d'études berbères, Paris, n. 27-28, p. 229-247, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **Ce que parler veut dire**. L' économie des échanges linguistiques. Paris: Éditions Fayard, 1982.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

BOURDIEU, Pierre. **Esquisses algériennes**. Textes édités et présentés par Tassadit Yacine. Paris: Seuil, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **Esquisse d'une théorie de la pratique**. Précédé de trois études d'ethnologie kabyle. Paris: Éditions du Seuil, 2000.

BOURDIEU, Pierre. **Esquisse pour une auto-analyse**. Paris: Raison d'Agir, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **Homo academicus**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1984.

BOURDIEU, Pierre. **Intervenciones, 1961-2001**. Ciencia Social y Acción Política. Textos seleccionados y presentados por Franck Poupeau y Thiery Discepolo. Traducción de Beatriz Morales Bastos. Hondarribia: Editorial Hiru, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **La domination masculine**. Édition augmentée d'une préface. Paris: Éditions du Seuil, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **Langage et pouvoir symbolique**. Paris: Éditions Fayard, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **La distinction**. Critique sociale du jugement. Paris : Les Éditions de Minuit, 1979.

BOURDIEU, Pierre (dir.). **La misère du monde**. Paris : Éditions du Seuil, 1993.

BOURDIEU, Pierre. **La nobleza de estado**. Educación de elite y espíritu de cuerpo. Traducción Alicia Beatriz Gutiérrez. Buenos Aires: Siglo XXI, 2013.

BOURDIEU, Pierre ; PASSERON, Jean-Claude. **La reproduction**. Éléments pour une théorie du système d'enseignement. Paris : Les Éditions de Minuit, 1970.

BOURDIEU, Pierre ; CARLES, Pierre. **La sociologie est un sport de combat avec Pierre Bourdieu**. Réalisateur : Pierre Carles. Production : Véronique Frégosi et Annie Gonzales. Paris, mai.2001. Documentaire. Durée: 2h20. Disponible em: <https://www.youtube.com/watch?v=1fHwbBw32aM>. Acesso em 30 nov. 2020.

BOURDIEU, Pierre. Una crítica armada. Entrevista de Zimmermann a Pierre Bourdieu (1989). Traducción de Miguel Alhambra Delgado. **LaU, revista de cultura y pensamiento**, Madrid, febrero/2020. Disponible em: <https://la-u.org>. Acesso em 5 jul. 2020.

BOURDIEU, Pierre. **Le bal des célibataires**. Crise de la société paysanne en Béarn. Paris: Éditions du Seuil, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **Leçon sur la leçon**. Paris: Les Éditions de Minuit,1982.
BOURDIEU, Pierre; SAYAD, Abdelmalek. **Le déracinement**. La crise de l'agriculture traditionnelle en Algérie. Paris: Les Éditions de Minuit, 1964.

BOURDIEU, P.; CHAMBERDON, J-C.; PASSERON, J-C. **Le métier de sociologue**. Préalables épistémologiques. Paris: Mouton, 1973.

BOURDIEU, Pierre. Ce terrible repos qui est celui de la mort sociale. **Le Monde diplomatique**, Paris, n.591, p. 5, jun 2003. Disponible em: <https://www.monde-diplomatique.fr/2003/06/BOURDIEU/10178>. Acesso em 20 dez. 2020.

BOURDIEU, Pierre ; PASSERON, Jean-Claude. **Les héritiers**. Les étudiants et la culture. Paris : Les Éditions de Minuit, 1985.

BOURDIEU, Pierre. **Les règles del'art**. Genèse et structure du champ littéraire. Paris: Éditions du Seuil, 1992.

BOURDIEU, Pierre. **Le sens pratique**. Paris: Les Éditions de Minuit,1980.

BOURDIEU, Pierre. « Secouez un peu vos structures ! ». In: DUBOIS, J.; DURAND, P. ; WINKIN, Y. **Le symbolique et le Social**. La réception international de la pensée de Pierre Bourdieu. Nouvelle édition. Liège : Presses universitaires de Liège, 2015.

BOURDIEU, Pierre. Pour une sociologie rénovée de la littérature. Interview de Pierre Bourdieu [Propos recueilles par] Pierre-Marc de Biasi. **Magazine Littéraire**, n.303, p.

104-111, octobre/1992. Disponível em <http://www.pierre-marc-debiasi.com>. Acesso em : 15 jul. 2020.

BOURDIEU, Pierre. **Manet**. Une révolution symbolique. Paris : Raison d'Agir/Seuil, 2013.

BOURDIEU, Pierre. **Méditations pascaliennes**. Paris: Éditions du Seuil, 2003.

BOURDIEU, Pierre ; CHARTIER, Roger. **O sociólogo e o historiador**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira, colaboração de Jaime A. Clasen. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012

BOURDIEU, Pierre ; CHARTIER, Roger. Gens à histoire, gens sans histoire : dialogue Bourdieu/Chartier. **Politix**, vol. 2, n. 6, p. 53-60, Printemps/1989. Disponível em: <https://www.persee.fr>. Acesso em: 10 dez. 2020.

BOURDIEU, Pierre. **Questions de sociologie**. Paris: Les Éditions de Minuit, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**. Sobre a teoria da ação. Tradução de Mariza Corrêa. Campinas: Papirus, 2011.

BOURDIEU, Pierre. Sartre, l'invention de l'intellectuel total. **Revue Agone**, Marseille, n. 26/27, 2002. p. 225-232.

BOURDIEU, Pierre. **Si le monde social m'est supportable, c'est parce que je peux m'indigner !** Préface d' Antoine Spire. Paris: Éditions de l'Aube, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **Sociologie de l'Algérie**. Paris : Presses Universitaires de France, 2012.

BOURDIEU, Pierre. **Sociologie générale**. Cours au Collège de France 1981-1983. Paris: Raison d'Agir/Seuil, 2015. v.1.

BOURDIEU, Pierre. **Sociologie générale**. Cours au Collège de France 1983-1986. Paris: Raison d'Agir/Seuil, 2016. v.2.

BOURDIEU, Pierre. The struggle for symbolic order. An interview with Pierre Bourdieu. HONNETH, A.; KOCYBA, H.; SCHIBS, B. **Theory, Culture & Society**, v.3, n.3, 1986.

BOURDIEU, Pierre. Avant-propos. In: BOURDIEU, P; DARBEL, A.; RIVET, J-P.; SEIBEL, C. **Travail et travailleurs en Algérie**. Paris: Mouton, 1963. p. 257 – 267.

BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loïc. **Una invitación a la sociología reflexiva**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2008.

BOURDIEU, Pierre. À contre-pente. Entretien réalisée par Philippe Mangeot. **Vacarme**, n.14, janvier/2001. Disponível em: <https://vacarme.org>. Acesso em 01 jul. 2020.

REFERÊNCIAS SECUNDÁRIAS

ACCARDO, Alain. Un savant engagé. **Awal**: Cahiers d'études berbères, Paris, n. 27-28, p. 15-23, 2003.

ADDI, Lahouari. Les enjeux théoriques de l'anthropologie du Maghreb. Lecture de Bourdieu, Geertz, Gellner et Berque. **Awal/Ibis Press**, Paris, p.7-15, 2004. Disponível em: <https://halshs.archives-ouvertes.fr>. Acesso em: 20 ago. 2020.

AKÇAOGLU, Aksu; WACQUANT, Loïc. Prática e poder simbólico em Bourdieu: a visão de Berkeley. Tradução de Sergio Lamarão. **BIB**, São Paulo, n. 85, p. 148-163, 1/2018 [publicada em julho de 2018]. Disponível em: <https://www.anpocs.com>. Acesso em: 29 mai. 2020.

BARING, Edward. **The young Derrida and French philosophy, 1945-1968**. New York: Cambridge University Press, 2011.

BIANCO, Lucien. "On 'avait jamais vu le "monde"; nous étions petite frange de gauche entre les communistes et les socialistes". Entretien réalisé par Tassadit Yacine. **Awal** : Cahiers d'études berbères, Paris, n. 27-28, p. 267-277, 2003.

BOSCHETTI, Anna. **Sartre y "Les Temps modernes"**. Una empresa intelectual. Buenos Aires: Nueva Visión, 1990.

BOUHEDJA, Salah. « Il était un parmi les dix », autour de l'enquête sur les camps de regroupement dans Le déracinement. **Awal** : Cahiers d'études berbères, Paris, n. 27-28, p. 267-277. 2003.

CHACHOUA, Kamel. Pierre Bourdieu et l'Algérie : Le savant et la politique. **Revue des mondes musulmans et de la Méditerranée**, Aix-en-Provence, n.131, juin. 2012. Disponível em: <http://journals.openedition.org>. Acesso em: 15 jul. 2020.

CHARTIER, Roger. Pierre Bourdieu e a história. Debate com José Sérgio Leite Lopes. *In*: BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. **O sociólogo e o historiador**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira, colaboração de Jaime A. Clasen. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012. p. 87-133.

DESCOLA, Philippe. Claude Lévi-Strauss, uma apresentação. **Estud. av.**, São Paulo, v. 23, n. 67, pp. 148-160, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v23n67/a19v2367.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2020.

DOSSE, François. Le sujet captif: entre existencialisme et structuralisme. **L'Homme et la société**, n. 101, p. 17-39, 1991. Disponível em: <http://www.persee.fr>. Acesso em: 15 jun.2020.

DOSSE, François. Nascimento de um herói: Claude Lévi-Strauss. *In*: DOSSE, François. **História do estruturalismo: o campo do signo, 1945-1966**. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo. Editora da UNICAMP, 1993. v.1. p. 31-52.

DUCRET, Jean-Jacques. **Présentation oeuvre. Les étapes de la Philosophie: découverte de la philosophie.** *In*: FONDATION JEAN PIAGET. Disponível em: <http://www.fondationjeanpiaget.ch>. Acesso em: 20 set. 2020.

FOUCAULT, Michel. A vida: a Experiência e a Ciência (1985). *In*: MOTTA, Manoel Barros de (org.) **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento.** Ditos e Escritos II. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005. p. 353-366.

GAGNON, Maurice. Épistemologie génétique, science et philosophie. **Philosophiques**, Québec, v.4, n. 2, p. 225-244, oct./1977. Disponível em <https://id.erudit.org>. Acesso em: 30 set. 2020.

GARCIA-PARPET, Marie-France. Des outsiders dans l'économie de marché. **Awal** : Cahiers d'études berbères, Paris, n. 27-28, p. 139-152, 2003.

GRENFELL, Michael James. **Pierre Bourdieu: agent provocateur.** London/New York: Continuum, 2004.

GO, Julian. Decolonizing Bourdieu: Colonial and Postcolonial Theory in Pierre Bourdieu's Early Work. **Sociological Theory**, v.31, n.1, p.49–74. Disponível em: <https://journals.sagepub.com>. Acesso em: 26 ago. 2020.

JOLY, Marc. Excellence sociologique et «vocation d'hétérodoxie: Mai 68 et la rupture Aron-Bourdieu. **Revue d'histoire des sciences humaines**, Paris, n. 26, 2015. Disponível em: <http://journals.openedition.org>. Acesso em 21 jul.2020.

LEGENDRE, Marie-Françoise. **Piaget et l'épistémologie.** *In*: FONDATION JEAN PIAGET. Disponível em: <http://www.fondationjeanpiaget.ch>. Acesso em: 30 set. 2020.

LEGENDRE, Marie-Françoise. **La pensée biologique: Le processus d'adaptation et d'organisation. Présentation.** *In*: FONDATION JEAN PIAGET. Disponível em: <http://www.fondationjeanpiaget.ch>. Acesso em: 30 set. de 2020.

LEÓNTIEV, Alexei Nikolaevich. Artículo de introducción sobre la labor creadora de L. S. Vigostki. *In*: VYGOSTKI, Liev Semiónovich. **Obras escogidas I.** Dirección de Amelia Alvarez y Pablo del Río. Madrid: Visor, 1991. p. 425-426.

LE SUEUR, James Dean. **Uncivil War: intellectuals and identity politics during the decolonization of Algeria.** Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2001.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural.** Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Ubu Editora, 2017. v. II. p. 41-102.

MARTÍN-CRIADO, Enrique. **Les deux Algéries de Pierre Bourdieu.** Traduction d'Hélène Bretin. Broissieux: Éditions du Croquant, 2008.

MARTÍNEZ, Ana Teresa. **Pierre Bourdieu**. Razones y lecciones de una práctica sociológica: del estructuralismo genético a la sociología reflexiva. Buenos Aires: Manantial, 2007.

MICELI, Sergio. Introdução: A força do sentido. *In*: BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2011. p. VII-LXI.

NOUSCHI, André. Autour de Sociologie de l'Algérie. **Awal**: Cahiers d'études berbères, Paris, n. 27-28, p. 29-35, 2003.

PASSERON, Jean-Claude. Mort d'un ami, disparition d'un penseur. **Revue européenne des sciences sociales**, tome XLI, n. 125, p. 77-124, 2003. Disponível em: <http://journals.openedition.org/ress/560>. Acesso em 5 jul. 2020.

PIAGET, Jean. **Sagesse et Illusions de la philosophie**. 2ªed. Paris: Presses Universitaires de France, 1968.

PIAGET, Jean. **Biologia e conhecimento**. Tradução de Francisco M. Guimarães. Petrópolis: Vozes, 1973.

PRESTES, Zoia. **Quando não é quase a mesma coisa**. Campinas: Autores Associados, 2012.

PINTO, Louis. «Neutralité axiologique, science et engagement». Une lettre de Pierre Bourdieu. **Savoir/Agir**, n. 16, p. 109-113, 2011/2. Disponível em: <http://www.cairn.info>. Acesso em 15 jul. 2020.

PINTO, Louis. **Pierre Bourdieu y la teoría del mundo social**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2002.

POMPEIA, Raul. **O Ateneu**. São Paulo: Atelier Editorial, 1999.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL. Biblioteca Central Irmão José Otão. **Modelo de Referências Elaborado pela Biblioteca Central Irmão José Otão**. Porto Alegre, 2019. Disponível em: <https://biblioteca.pucrs.br/?p=255>. Acesso em 10 mar. 2021.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL. Biblioteca Central Ir. José Otão. **Modelo para apresentação de trabalhos acadêmicos, teses e dissertações elaborado pela Biblioteca Central Irmão José Otão**. 2011. Disponível em: <<https://biblioteca.pucrs.br/?p=255>>. Acesso em 01 mar. 2021.

RAMOZZI-CHIAROTTINO, Zelia. **Psicologia e Epistemologia genética**. São Paulo: EPU, 1988.

REY, Terry. **Bourdieu on religion**. Imposing Faith and Legitimacy. New York: Routledge, 2014.

RIVIÈRE, Angel. **La psicología de Vygotski**. Madrid: Visor, 1985.

SACRISTE, Fabien. Une lecture de la crise de l'emploi en Algérie coloniale: l'opposition entre travail traditionnel et travail salarié dans l'œuvre algérienne de Pierre Bourdieu. *In*: QUIJOUX, Maxime (dir.). **Bourdieu et le travail**. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2015. p. 97-112.

SAPIRO, Gisèle. Entretien de Pierre Bourdieu avec Gisèle Sapiro, le 7 juin 2000 (Anexe). *In*: PINTO, L; SAPIRO, G. ; CHAMPAGNE, P. **Pierre Bourdieu, sociologue**. Paris: Fayard, 2004. p. 79-91.

SAPIRO, Gisèle. Modelos de Intervenção Política dos intelectuais: o caso francês. **Rev. Pós Ciências Sociais**, v. 9, n. 17, p. 19-50, jan/jun. 2012. Disponível em: <<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br>> Acesso em: 10 set. 2020.

SAPIRO, Gisèle. Pourquoi Le Monde Va-t-Il De Soi ? De La Phénoménologie à La Théorie De l'Habitus. **Études Sartiennes**, n°. 8, p. 165–186, 2001
Disponível em: www.jstor.org/stable/45063885. Acesso em: 10 set. 2020.

SAPIRO, Gisèle. Pasajes. La teoría de los campos en sociología: génesis, elaboración, usos. **El Taco En La Brea**, Santa Fe, v.1, n.5, p.435-455, jun./2017. Disponível em: <https://bibliotecavirtual.unl.edu.ar>. Acesso em 20 nov. 2020.

SEIBEL, Claude. Travailler avec Bourdieu sur *Travail et travailleurs en Algérie*. **Awal**. Cahiers d'études berbères, Paris, n. 31, p. 91-97, 2005.

SCHRIFT, Alan. **Twentieth-Century French Philosophy: Key Themes and Thinkers**. Oxford: Blackwell Publishing Ltd, 2006.

SCHULTHEIS, Franz. Pierre Bourdieu and Algeria: an elective affinity. *In*: SCHULTHEIS, Franz ; FRISINGHELI, Christine. **Picturing Algeria**. Pierre Bourdieu. New York: Columbia University Press, 2014. p. 1-6.

SAYAD, Abdelmalek. Colonialismo e migrações, **Mana, estudos de Antropologia Social**, Rio de Janeiro, v.2, n.1, p. 155-170, abril/1996. Disponível em <https://www.revistamana.org>. Acesso em 16 jul. 2020.

SPRECHER, JEAN. Entretien réalisé par Tassadit Yacine. **Awal** : Cahiers d'études berbères, Paris, n. 27-28, p. 295-305, 2003.

TEMPORETTI, Félix. Introducción. *In*: VIGOSTKI, Lev. **Pensamiento y habla**. Traducción de Alejandro Ariel Gonzáles. Buenos Aires: Colihue, 2012. p. LXXXVII-CXXV.

TOASSA, Gisele. Relações entre comunicação, vivência e discurso em Vigostki: observações introdutórias. **Psicologia da Educação**, São Paulo, n. 39, p.15-22, 2ºsem./2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org>. Acesso em 30 set. 2020.

TUBEUF, André. André Tubeuf : A Louis Le Grand, j'ai partagé le complexe provincial. [Entretien réalisée par] Audrey Lévy. **Marianne**, Paris, 24 jun.2020. Culture. Disponível em: <https://www.marianne.net> Acesso em 10 jul. 2020.

VAN DER VEER, René; VALSINER, Jaan. **Vygotski: uma síntese**. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

VYGOTSKI, Liev Semiónovich. Los métodos de investigación reflexológicos y psicológicos. *In*: VYGOTSKI, Liev Semiónovich. **Obras escogidas I**. Dirección de Amelia Alvarez y Pablo del Río. Visor, 1991. p. 3-37.

VIGOTSKI, Liev Semiónovich. El significado histórico de la crisis de la psicología. Una investigación metodológica. (1927). *In*: VYGOTSKI, Liev Semiónovich. **Obras escogidas I**. Dirección de Amelia Alvarez y Pablo del Río. Madrid: Visor, 1991. p. 259-407.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. Manuscrito de 1929. Tradução de Alexandra Marenitch. Revisão técnica de Angel Pino. **Educação e Sociedade**, Campinas, ano XXI, n.71, p. 21-44, julho 2000.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. A defectologia e o estudo do desenvolvimento e da educação da criança anormal. Tradução de Denise Regina Sales; Marta Kohl de Oliveira; Priscila Nascimento Marques. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 4, p. 861-870, dez. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em 15 set. 2020.

YACINE, Tassadit. Pierre Bourdieu in Algeria at war: Notes on the birth of an engaged ethnosociology. Translated by Loïc Wacquant and James Ingram. **Ethnography**, v. 5, n.4, p. 487-509, dec./2004. Disponível em: <https://journals.sagepub.com>. Acesso em 25 ago. 2020.

YACINE, Tassadit. Aux originnes d'une ethnologie singulière. *In*: BOURDIEU, Pierre. **Esquisses algériennes**. Textes édités et présentés par Tassadit Yacine. Paris:Éditions du Seuil, 2008.

WACQUANT, Loïc. O legado sociológico de Pierre Bourdieu: duas dimensões e uma nota pessoal. **Revista Sociologia Política**, Curitiba, n.19, p. 95-110, nov. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br>. Acesso em 15 jul. 2020.

WACQUANT, Loïc. Bourdieu 1993: um caso de consagração científica. Tradução de André Villalobos. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 28, n. 8, p. 33-46, Oct./2013. Disponível em: <https://www.scielo.br>. Acesso em 20 jun. 2020.

WACQUANT, Loïc. Nota nº 174. *In*: BOURDIEU, P; WACQUANT, L. **Una invitación a la sociología reflexiva**. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2008. p. 261.

WORMS, Frédéric. **La philosophie en France au XXe siècle**. Moments. Paris: Gallimard, 2009.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br